

Estados Unidos estudam mais armas nucleares para a Europa

As mais altas instâncias militares norte-americanas estão a estudar formas de aumentar o poder nuclear na Europa ou próximo dela, como forma de assegurar aos seus aliados que um pacto soviético-americano sobre mísseis não enfraquecerá os compromissos de Washington quanto à defesa do velho continente. A notícia é dada pelo «Washington Post», que cita fonte oficial do Pentágono. Este assunto está desde hoje a ser analisado em Stavanger, na Noruega, onde decorre a reunião do Grupo de Planeamento Nuclear da NATO. O secretário norte-americano da Defesa, Caspar Weinberger, e o presidente do Conselho de Chefes de Estado Maior dos EUA, almirante J. Crowe Jr., conduzem as negociações com os aliados, tentando elaborar uma lista de opções que ponham termo às preocupações manifestadas pela Europa, desde a «opção zero» proposta por Gorbachev. Neste momento as opções que se colocam são o estacionamento de super-bombardeiros «B-52» na Inglaterra e a colocação de mais submarinos nucleares, equipados com mísseis de cruzeiro, junto às águas dos países do Pacto de Varsóvia. Simultaneamente, os Estados Unidos estudam o reforço do seu armamento convencional da Europa, como forma de contrabalançar o maior poderio soviético neste campo.

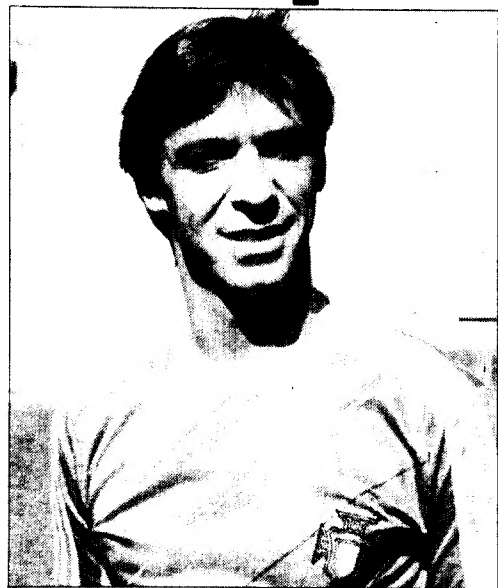
"Sem milhões não há investigação"

NOVAS FRAGATAS DERAAM TRABALHO AOS "CÉREBROS" DE OUTROS PAÍSES

Participantes nas Jornadas Nacionais de Investigação Científica e Tecnológica fazem um balanço «trágico» das insuficiências que dificultam a actividade dos nossos cientistas, mas também sublinham os êxitos já obtidos e as enormes potencialidades da «massa cinzenta» portuguesa. Fala-se de projectos e protótipos na gaveta, que só não são industrializados por falta de apoio oficial e de ligação entre os investigadores e a indústria. Insiste-se em importações desnecessárias que poderiam ter sido evitadas, recorrendo ao trabalho da investigação nacional. Um, dos casos gritantes desta longa lista seria apontado pelo comandante Pires de Matos, da Empresa de Investigação de Desenvolvimento, ao lamentar que apenas um por cento dos dez milhões de contos que custaram as fragatas para a Marinha de Guerra correspondam a incorporação nacional.

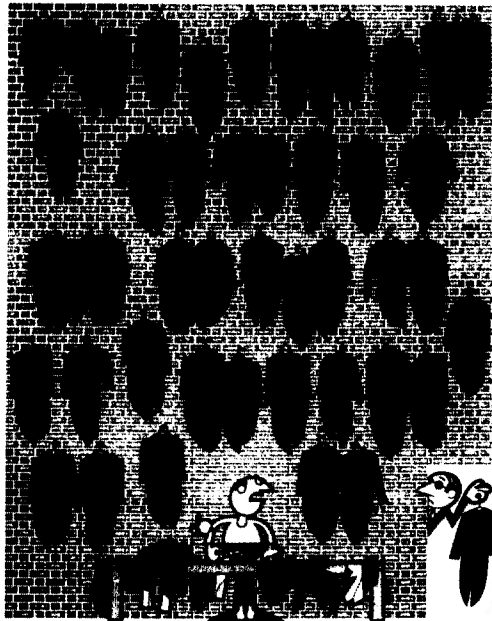
Pág. 11

Gomes partiu uma perna



O jogador Gomes do Futebol Clube do Porto partiu uma perna durante o treino desta manhã. Segundo informações recolhidas junto do departamento clínico do clube, Fernando Gomes manterá a perna direita engessada podendo ser operado ainda hoje. Este é o terceiro caso que afecta jogadores do Porto, a 15 dias da final da Taça dos Campeões e a três jornadas do termo do campeonato.

sem mãos a medir



Não me chateie! Já disse que só lhe posso virar a casaca lá para Setembro

"SEM MÃOS A MEDIR"

de João Abel Manta

**Um poster histórico
ao seu alcance**

Tal como ontem anunciámos, só os primeiros leitores que nos enviarem o cupão que publicamos na página 17 poderão ver satisfeita a sua vontade de adquirirem o histórico poster do «vira-casacas», da autoria do grande artista João Abel Manta. Caro leitor: envie hoje mesmo a suas instruções, não mande dinheiro agora, e por favor aguarde a nossa comunicação.

LER PÁG. 17

Adeus às últimas colónias na Ásia - II

A penetração económica chinesa chave do processo

A população da colónia inglesa de Hong-Kong continua a estar muito interessada nos acontecimentos que sucedem do outro lado da sua fronteira continental. A sobrevivência do sistema capitalista neste território e em Macau, a província portuguesa situada ao Sul de Hong-Kong, dependerá da evolução da política chinesa nos próximos anos. Até 1997, um regimento de «gurkas» defende a segurança do território cedido ao Reino Unido no século passado. Contudo, os chineses têm ido penetrando discretamente na própria economia da colónia.

A evolução do retrocesso do «liberalismo burguês» na China Popular é observado com muita atenção em Hong-Kong. O curso dos acontecimentos durante a primeira metade do século XX, período em que coexistiram os sistemas capitalista e comunista, dependerá desta circunstância.

Durante o movimento estudantil registado em algumas cidades chinesas nos últimos meses de 1986, muitos jornais da colónia inglesa (e são mais de vinte) mandaram enviados especiais para seguir de perto, minuto a minuto, o seu desenvolvimento. Os meios de comunicação acreditados em Hong-Kong são os verdadeiros porta-vozes de tudo o que acontece na China em relação ao mundo ocidental. Os seus excelentes contactos, particularmente através das comunidades religiosas, permitem-lhes informar-se sobre qualquer acontecimento que suceda na Cidade Proibida, também denominada Cidade Vermelha, de Pequim.

A demissão de Hu Yaobang, secretário-geral do Partido Comunista Chinês, reforçou a crença, durante o primeiro trimestre deste ano, que o processo modernizador tinha terminado. A renovação iniciada por Den Xiaoping e Hua Guofeng em 1982, depois da morte de Mao, tinha determinado a eliminação da ala mais radical do regime capitaneado pelo «Grupo dos Quatro». Contudo, depois do encontro de Den Xiaoping com o secretário de Estado norte-americano, George Schultz, no passado mês de Março, parece confirmar-se a reabilitação de Hu Yaobang e a manutenção dos compromissos com o Ocidente em relação a Hong-Kong e Macau. A este respeito, saliente-se a influência negativa que o «fecho» do país teve na economia chinesa e nas relações com o sistema capitalista durante a Revolução Cultural.

Homens de negócios chineses em Hong-Kong

A República Popular da China parece querer prevenir qualquer contingência desagradável para o futuro económico do grande porto franco que é Hong-Kong. Só assim se compreende que o Estado chinês se tenha ido apoderando progressivamente de importantes centros de actividade económica e comercial em Hong-Kong. Desde grandes armazéns até bancos, passando por urbanizações no sul da paradisíaca ilha que dá nome ao território, tudo foi adquirido por homens de negócios do regime dirigido por Den Xiaoping, com uma filosofia oriental que recorda a conhecida frase «gato branco ou preto é o mesmo, o que interessa é que caça ratos», comentário este que teve muita

repercussão quando foi pronunciado pelo presidente espanhol Gonzalez Márquez, depois do seu encontro com o líder chinês.

Um rumor que circulou nos finais de Fevereiro em Hong-Kong, deu mais um elemento à forma como se processa a penetração económica. Segundo o rumor, o canal de televisão patrocinado por Robert Allan, o magnate australiano dos «mass media» que tinha sido denunciado por uma sobrevalorização da sua participação accionária nesta emissora, esteve quase a ser adquirido pela República Popular da China.

Um ponto nevrálgico no Pacífico

A parte oriental do Pacífico tem no porto de Hong-Kong um dos seus pontos nevrálgicos. Todas as frotas do mundo, incluindo a soviética (recentemente o transatlântico soviético «Odessa» encontrava-se em Hong-

-Kong), escalam neste porto. Além disso, os países da Ásia transaccionam anualmente 20% do produto bruto mundial. «Mas, o sistema capitalista sobreviverá em Hong-Kong e em Macau, dependendo da evolução da política chinesa», assegura Alberto Christian Márquez, o único correspondente de língua espanhola a trabalhar na colónia inglesa. E, neste sentido, a chave do futuro pode estar com o sucessor de Den Xiaoping que, com 82 anos de idade está prestes a retirar-se da cena política chinesa.

Os habitantes de Hong-Kong continuam entretanto, muito interessados no desenvolvimento legal da Declaração Conjunta, assinada entre o Reino Unido e a China para o término da soberania. A grande potência asiática quer que a vida da colónia inglesa seja regulada por uma lei básica, em cuja redacção trabalham personalidades de Pequim e de Hong-Kong. Esta lei estabelecerá os limites de autonomia política e social do território depois de 1997.

Segundo Louis Cha, editor do diário «Min Pao» de Hong-Kong e que pertence ao Comité que está a redigir o rascunho da nova lei, «a conservação da liberdade de imprensa em Hong-Kong é um assunto muito importante. A declaração conjunta da China e da Grã-Bretanha não contém uma cláusula sobre a matéria, mas a maioria dos membros do Comité Redactor considera esta adição necessária». Apesar

desto, o mesmo Cha considera que, a partir de 1997, a liberdade de imprensa não será idêntica à actual, especialmente o que se refere às críticas dirigidas contra os líderes e a política da China. «Para quem estudou a China, uma coisa é clara, o poder deve manter-se nas mãos do Partido Comunista. Tudo menos isso é passível de uma solução de compromisso», acrescenta Cha.

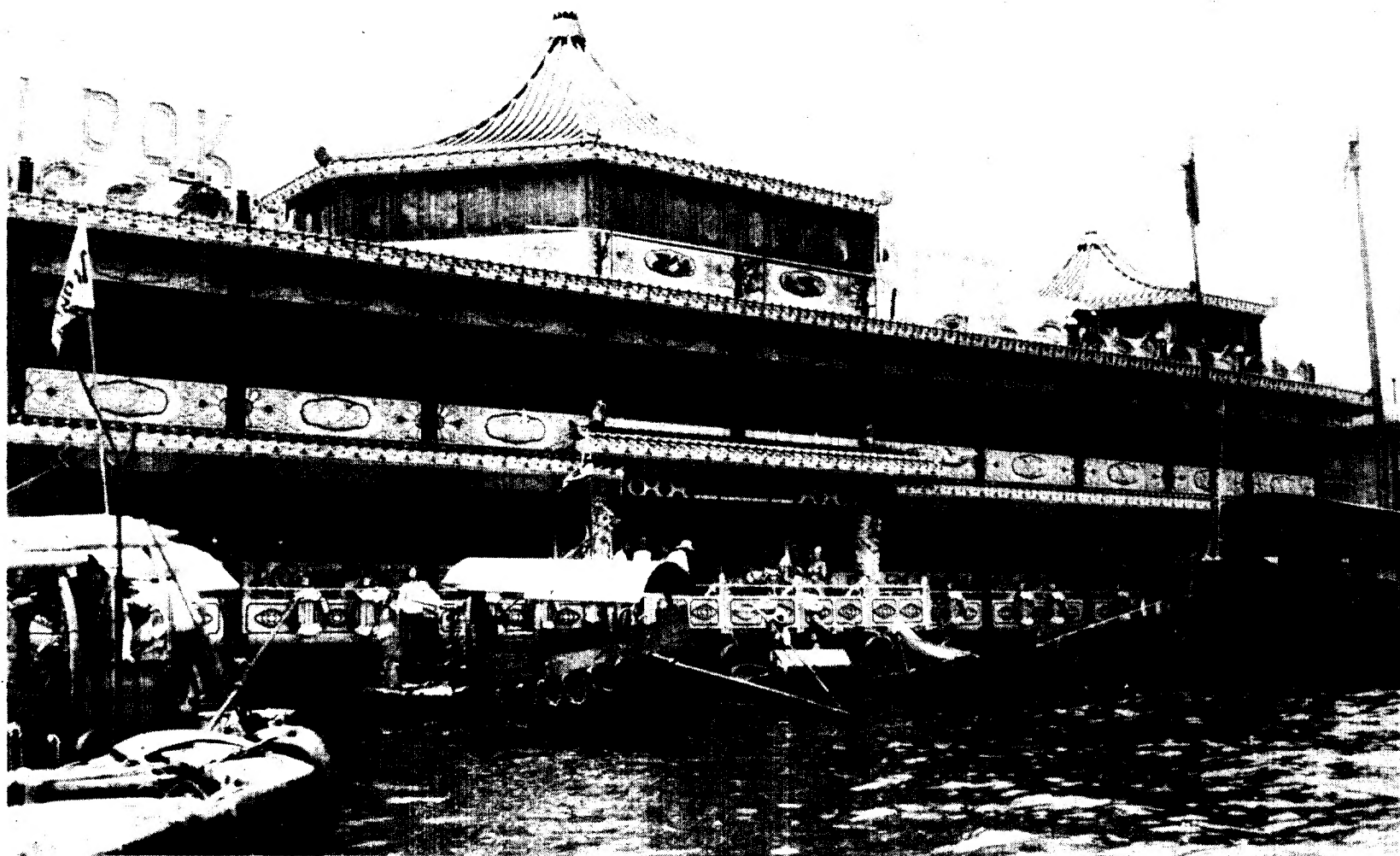
O sistema governativo de Hong-Kong estabelece a existência de dois órgãos constitucionais: o Conselho Executivo e o Conselho Legislativo, ambos encarregados de aconselhar o governador, nomeado pela rainha da Inglaterra, no exercício dos seus poderes. A renovação do segundo destes órgãos, prevista para o ano de 1988, é valorizada negativamente pela República Popular da China que se opõe à celebração de eleições por sufrágio universal em Hong-Kong, antes do término da soberania.

Terra de asilo pouco gratificante

As futuras relações com a China condicionam já a situação política de Hong-Kong. Uma testemunha da realidade diária assegurava-me ter visto pessoalmente como era devolvido à China um gruo de emigrantes ilegais desse país, dentro de um camião. Ao que parece, diariamente são devolvidas à China cerca de quarenta pessoas pelas autoridades da colónia inglesa.

Na verdade, embora Hong-Kong signifique «baía agradável», não é terra de asilo político desejável. Mais de oito mil vietnamitas, chegados à colónia em juncos, depois de terem evitado os piratas do Mar da China, permanecem recolhidos em campos fechados da colónia, em condições pouco gratificantes. O tratamento dispensado a estes refugiados é semelhante ao de um reformatório e a sua estadia neste lugar costuma durar dois anos (há casos de pessoas que estão recolhidas cinco ou seis anos) até serem reclamadas por alguma organização humanitária ocidental. Dezenas delas chegaram nestes últimos anos à Espanha, embora seja o Canadá, a Austrália e os Estados Unidos os países que acolhem o maior número de refugiados vietnamitas.

O regimento de «gurkas» que actualmente defende Hong-Kong não tem que se preocupar com a segurança da ex-colónia da forma como o fez na década de 70. Nessa altura, os distúrbios afectaram seriamente a estabilidade do território, mas os chineses não parecem dispostos a favorecer este tipo de revoltas. Com a famosa paciência oriental, esperam o ano 2000 para completar a soberania sobre o seu espaço continental e, com esta experiência como tesouro, procurar o domínio sobre Taiwan ou Taipé, a grande ilha que saiu do âmbito do governo de Chiang Kai-Shek em Março de 1950.



Um dos restaurantes mais típicos de Hong Kong, que flutua nas águas da baía

Mais um ex-ZAP no PSD

O PSD parece ter conseguido um trunfo de peso ao incluir na sua lista de candidatos pelo Porto o conhecido causidico Manuel Coelho dos Santos que, além de ter sido o mandatário distrital de Salgado Zenha nas últimas presidenciais, foi membro fundador do PS, partido do qual se afastou há muito tempo.

Entretanto, uma outra novidade poderia ser o facto de Montalvão Machado — um dos 14 arguidos do caso conhecido como «São bentogate» — não vir a encabeçar a lista do Porto. Tanto quanto se sabe, o seu nome está incluído no elenco elaborado pela respectiva distrital, mas fala-se na possibilidade de Fernando Nogueira vir a ocupar o lugar cimeiro da lista. Tal hipótese faria transitar o actual secretário-geral do PSD, Manuel Dias Loureiro, de segundo para primeiro em Coimbra o que permitiria pelo menos atenuar muita da rivalidade que os dois políticos vêm mantendo. Outros nomes que fazem parte da lista do Porto são os de Leonor Beleza, Alípio Dias, Arlindo Cunha e Luís Marques Mendes.

Depois de Pacheco Pereira é a vez de um outro membro do chamado Grupo da Esquerda Liberal, Manuel Vilaverde Cabral, integrar as listas do PSD. Segundo revela hoje o «DN», Vilaverde Cabral teve ontem um encontro com Cavaco Silva que o convidou para ocupar um lugar elegível nas listas do PSD. O actual director da Biblioteca Nacional terá apenas aceite que o seu nome fosse colocado numa zona não elegível «uma vez que já tem um lugar suficientemente prestigiado».

Cabral explica a sua posição como sendo uma atitude «contra o populismo e autoritarismo de esquerda, tirando a lição da completa incapacidade do PS para se renovar, para se tornar um grande partido moderno de Governo». Isto porque, em seu entender, só há «uma maioria possível para governar, a da direita» uma vez que «a outra, de esquerda seria só para desgovernar».

Vilaverde Cabral, recorde-se, recusou recentemente uma sala à Associação 25 de Abril para a realização de um colóquio que provocou vivos protestos no plenário da Assembleia da República e lhe valeu ser chamado à Comissão de Direitos Liberdades e Garantias.

Candidatos por Castelo Branco

Entretanto está confirmado que os três deputados eleitos pelo PSD por Castelo Branco em 1985 encabeçam a lista distrital daquele partido às eleições de 19 de Julho.

Assim, Pereira Lopes, presidente da UGT, Antunes da Silva e Carlos Alberto Pinto serão os três primeiros da lista do PSD que inclui ainda os nomes de Fernando Barata Rocha, João Gouveia e Maria de Lurdes Pombo.

Substituição no Governo dos Açores

O Presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, admitiu ontem a substituição de Álvaro Dâmaso no cargo de secretário regional das Finanças se este for eleito deputado nas eleições legislativas de 19 de Julho.

Um comunicado do Executivo açoriano, divulgado a propósito de notícias que davam como certa a demissão de Álvaro Dâmaso, afirma que a Comissão Política Regional do PSD ainda não decidiu a inclusão de Dâmaso nas listas do partido.

O Presidente do Governo Regional desmentiu que Dâmaso lhe tenha apresentado a demissão do cargo de secretário regional das Finanças.

Monárquicos apostam nos ecologistas

O PPM continua a apostar fortemente na inclusão de alguns destacados ecologistas nas suas listas de candidatos. Uma nota daquele partido dá hoje conta da presença de vários nomes oriundos daquele sector nas listas monárquicas.

São eles: Manuel Cristiano, do Centro de Estudos do Ambiente e da Qualidade de Vida de Aveiro e activista da Associação «Amigos da Terra», candidato por aquele círculo; arquitecto Fernando Pessoa, cabeça de lista por Faro, ex-membro da CNARPE; arquitecto José Bruschi, ex-secretário de Estado do Ambiente, candidato por Lisboa; arquitecto Reis Gomes, técnico superior da Secretaria de Estado do Ambiente, cabeça de lista na Madeira; António Veríssimo, da «Ecolo-Press» — agência noticiosa ecologista sediada em Seia — candidato pela Guarda; Afonso Cautela, jornalista, fundador do Movimento Ecologista Português, candidato por Lisboa. O PPM indica ainda que o professor Eduardo Cruz de Carvalho, da Universidade de Évora, poderá ser cabeça de lista por aquele distrito, e que cerca de uma dezena de técnicos da actual Secretaria de Estado do Ambiente de verão candidatar-se pelos monárquicos.

PARTIDOS ULTIMAM LISTAS

As listas de candidatos dos maiores partidos políticos para as eleições de Julho deverão ficar concluídas durante os próximos sete dias.

O PSD reúne amanhã, sexta-feira, a sua Comissão Política para elaboração final das listas, que o Conselho Nacional deverá ratificar na reunião marcada para este fim de semana.

Quanto às listas socialistas deverão ser aprovadas depois de amanhã, sábado, pela Comissão Nacional do partido

marcada para aquele dia.

O PRD deverá também ter as suas listas concluídas este fim de semana.

As listas da CDU, por sua vez, estarão concluídas até ao dia 20, segundo informação divulgada pela SIP do PCP.

A Comissão Política do CDS aprovará no domingo as listas definitivas dos centristas.

Também para o fim de semana está prevista a aprovação das listas do MDP/CDE, que para o efeito reúne o

secretariado da sua Comissão Política.

No dia 18, será a vez da Comissão Política da UDP aprovar as listas deste partido.

O PSR ratificará também neste fim de semana, reunindo para tal o seu Comité Central

O Conselho Nacional do PPM mandatou a Comissão Política para organizar as listas, que em princípio deverão estar prontas na próxima semana.

O PCTP/MRPP é outro dos partidos em fase de ultimização de listas.

PS tem listas quase prontas

"PINTASILGUISTAS" FORTES E EX-PSD TAMBÉM NAS LISTAS

Com dois elementos em lugares elegíveis — Teresa Santa Clara Gomes e Alberto Martins — os pintasilguistas poderão vir a formar um grupo parlamentar independente na Assembleia da República. Eis um dos pontos do acordo firmado entre a ex-candidata presidencial e os socialistas que obriga o novo grupo a apenas votar com o partido de Constâncio grandes questões como sejam moções de censura e de confiança, Programa de Governo e Orçamento de Estado.

Outros pontos concretos do referido acordo, ontem aprovado na longa reunião de mais de 16 horas da Comissão Política do Partido Socialista, permitirão aos pintasilguistas negociar a sua participação num eventual Governo liderado por este partido bem como a ocupação de cargos nas empresas públicas.

Para além de tudo isto, Maria de Lurdes Pintasilgo logrou obter a concordância dos socialistas para uma actuação independente em Estraburgo, ela que, como se sabe, será a cabeça de lista do PS ao Parlamento Europeu.

Com já tem sido divulgado, outros «pintasilguistas», como Boaventura de Sousa Santos, em Coimbra, onde participará como candidato embora em lugar não elegível, e Nuno Grande, o ex-mandatário nacional da candidatura da engenharia, farão campanha activa pelo PS.

Ex-PSD's também entram

Mas o alargamento à es-

querda da sua base de apoio não descurou as preocupações dos socialistas quanto à captação de eleitorado mais ao centro. Nesta óptica se entende a inclusão de Rui Oliveira e Costa — um ex-militante e deputado do PSD e importante pedra do executivo da UGT expulso deste partido por ter apoiado a candidatura do actual Presidente da República — como cabeça de lista pelo círculo de Viana do Castelo. Recorde-se que nesta área o PS já tinha «pescado» Helena Roseta (candidata pelo Porto) que, como se sabe, ocupou importantes cargos no PSD, partido que veio a abandonar já na liderança de Cavaco Silva.

Novas adesões

A reunião de ontem da Comissão Política do PS foi precedida de uma do Secretariado Nacional que preparou os principais temas a abordar naquela. Realce para o facto de, além da aprovação das listas de candidatos à Assembleia da República e ao

Parlamento Europeu, a Comissão Política dos socialistas ter ainda aprovado os Estatutos do partido na especialidade e analisado um conjunto de cerca de 60 nomes que tinham pedido a sua inscrição no PS. De entre estes destaque para o de Octávio Cunha, um médico do Porto ex-militante da UEDS, e de Ana Maria Alves, ex-membro do PCP, que teve importante participação na convenção da Esquerda Democrática.

Quanto às listas, são já conhecidos os nomes que figuram no topo da maioria dos círculos. Assim, em Aveiro, Carlos Assal; Beja, Helena Torres Marques; Braga, Elisa Damião; Bragança, Armando Vara; Coimbra, Manuel Alegre; Faro, Luís Filipe Madeira; Guarda, Abílio Curto; Leiria, Torres Couto; Lisboa, Vitor Constâncio; Portalegre, Miranda Calha; Porto, António Macedo; Castelo Branco, António Guterres; Santarém, Jorge Sampaio; Setúbal, Eduardo Pereira; Viana do Castelo, Rui Oliveira e Costa; Viseu, Raul Junqueiro; Açores, Carlos César; Madeira, Mota Torres; Europa, Caio Roque e Fora da Europa, Henrique Coelho.

Em aberto estão ainda as listas por Vila Real, para a qual está em princípio indicado o nome de Carlos Lage e de Évora. Recorde-se que quanto a este último foi falado o nome de António Barre-

to mas como o PS receia não meter nenhum deputado neste distrito e como o ex-ministro da Agricultura foi considerado fundamental no próximo grupo parlamentar, optou-se pela sua inclusão na lista de Lisboa, onde figura em oitavo lugar.

Também João Cravinho, que a direcção do partido pretendia ver como cabeça de lista por Santarém, acabou por ser colocado na de Lisboa. Uma pequena vitória de Jorge Lácio que apostava na figura de Jorge Sampaio. Ainda no círculo da capital os restantes primeiros lugares, além de Constâncio, Cravinho (em quinto) e Barreto são para Tito de Morais, Jaime Gama, Sottomayor Cardia, Nuno Brederode dos Santos e João Soares (em décimo).

Destaque ainda para o facto de Almeida Santos ocupar o segundo lugar pelo Porto, de José Apolinário, líder da JS, ser o terceiro pelo círculo de Faro e de Raul Rêgo ter sido definitivamente destronado no círculo de Braga.

Dos chamados «soaristas» há dúvidas quanto à inclusão nas listas de Rui Mateus e de Cal Brandão, bem como de Jorge Campinos para o Parlamento Europeu. Quanto à participação dos socialistas nesta assembleia comunitária Luís Filipe Madeira e Coimbra Martins estão colocados, respectivamente, em segundo e terceiro lugares, logo a seguir a Pintasilgo.

"Entre o partido de alguns e a unidade de muitos"

Seiça Neves abandona o MDP/CDE

João Seiça Neves, deputado e dirigente nacional do MDP apresentou, em carta enviada há dias a José Tengarrinha, a sua demissão do partido, admitindo a possibilidade de integrar as listas da CDU.

Seiça Neves acusa os actuais dirigentes do MDP de «falta de vontade negocial» para evitar clivagens que «reforçam a direita» e considera um «grave erro» a decisão do partido de apresentar candidaturas em todos os distritos.

Frisando ter feito uma «reflexão isenta e ponderada» da situação e da necessidade de opção «entre o partido de al-

guns e a unidade de muitos», entre a «afirmação de uma identidade, por ora quimérica, e a rectificação de um Estado democrático claramente ameaçado, pelo menos ao nível da sua vertente constitucional» e entre «um projecto de pelo menos médio prazo e a sua adulteração meio revanchista a curto prazo», Seiça Neves considera «irrealista» a decisão do MDP de concorrer isolado a nível nacional.

Tal decisão tem como consequência, acrescenta, «o sacrifício de candidaturas de esquerda, sobretudo, a nível da província, a troco do prato de

lentilhas de meia dúzia de minutos de tempo de antena». Cita, a propósito, o exemplo de Aveiro (onde ele próprio foi candidato), distrito onde as forças da antiga APU estão a 1.890 votos de perder um deputado.

O ex-dirigente do MDP, que manifesta na sua carta discrição de natureza ideológica sobre o novo rumo do partido, sublinha ainda que a actual situação política «não aponta para a realização de experiências laboratoriais do tipo que o MDP pretende realizar» e diz que o convite a Lourdes Pintasilgo para integrar as listas

traduz «desespero e oportunismo».

Com Seiça Neves eleva-se a cerca de quarenta o número de conselheiros nacionais do MDP/CDE que abandonaram o partido desde o rompimento com a APU.

CDU-Castelo Branco
António Teles André vai encabeçar a lista da CDU por Castelo Branco. A lista inclui ainda o ex-MDP, Vasco Silva, Luís Garra, Joaquim Bonifácio (de «Os Verdes») António Gascão, Lurdes Figueira e Carlos Vale. Castelo Branco elegerá, tal como em 1985, seis deputados.

"País antigo, jovem Democracia"

Conferência sobre Portugal leva Soares a Washington

Desenvolvendo o tema «Portugal: realizações e objetivos», Mário Soares abre, na próxima segunda-feira, em Washington, uma conferência organizada pelo «West European Program» do «Woodrow Wilson International Center for Scholars» intitulada «Portugal, País antigo, jovem Democracia».

Com o patrocínio da Fundação Caloust Gulbenkian, da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento e da «Tinker Foundation» a conferência foca a situação vivida no nosso país nos últimos dez anos e o caminho percorrido até à plena sociedade civil.

Os desafios impostos pela conjuntura interna e externa ao desenvolvimento da economia portuguesa serão alguns dos aspectos a analisar ao longo das seis sessões que se realizarão até quinta-feira, dia 21, no edifício da «Smithsonian Institution», em pleno coração da capital norte-americana.

Na segunda-feira, depois da comunicação de Mário Soares, falará Clairborne Pell, presidente da comissão senatorial norte-americana dos Negócios Estrangeiros.

Nos restantes dias intervém, entre outros, Eduardo Lourenço, Francisco Lucas Pires, Helder Macedo, Helena Vaz da Silva, Bernardino Gomes, António Barreto, Alberto João Jardim, Roberto Carneiro, o congressista luso-americano Tony Coelho, Ernani Lopes, Artur Santos Silva, Jaime Gama e André Gonçalves Pereira.

O secretário de Estado do Ambiente, Carlos Pimenta, o secretário de Estado da Administração Interna, Durão Barroso, o ministro da República para os Açores, Rocha Vieira, e a arquitecta Helena Roseta contam-se, igualmente, entre os participantes.

Prevê-se ainda a presença do ministro dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda

PR com Reagan e Schultz

Mário Soares, que se desloca aos Estados Unidos em visita particular, aproveitará a sua presença em Washington para alguns contactos oficiais, estando marcadas audiências com o Presidente Ronald Reagan, com o secretário de Estado, George Schultz, e com o secretário da Defesa, Caspar Weinberger.

Depois de Washington Mário Soares desloca-se a Nova Iorque e à Nova Inglaterra, sendo proclamado Doutor Honoris Causa pela Universidade de Brown, em Providence, Rhode Island.



Renamo e Unita trabalham em Lisboa

GOVERNO CAVACO CONTINUA A TOLERAR OPERAÇÕES DO "BANDITISMO ARMADO" - acusa Chissano

O Governo de Cavaco foi ontem chamado na Cidade da Praia pelo Presidente Chissano que, falando aos jornalistas no final da sua visita a Cabo Verde, lamentou a ausência de «medidas mais coerentes» do Executivo de Lisboa contra o «banditismo armado (Renamo) que opera a partir de Portugal».



Instado a falar sobre as relações luso-moçambicanas, Chissano citou a existência de «boas relações», referiu a cooperação possível e a continuação da discussão das questões económicas de «acordo com as possibilidades dos dois países».

«Mas isso — sublinhou o líder de Moçambique — não significa que aceitemos tudo o que o Governo de Portugal faz ou não faz e devia fazer ao



banditismo armado (Renamo e Unita) que opera a partir de Portugal». Acrescentou Chissano que continuará a fazer o apelo a Lisboa para que «medidas mais coerentes com o nosso relacionamento sejam tomadas».

O Presidente moçambicano disse ainda que a situação de segurança dos empreendimentos económicos e de circulação no seu país melhorou muito nos últimos doze meses,

mas frisou que a paz só será possível depois do termo do regime de apartheid na África do Sul. O comunicado final das conversações de Chissano com Aristides Pereira assinala, a propósito, a acção desestabilizadora do regime de Pretória nos países da África Austral.

Chissano, que concluiu em Cabo Verde uma viagem por diversos países (Vaticano, Itália e Grã-Bretanha), salientou o facto de os Governos de Roma e Londres terem transformado as dívidas moçambicanas em donativos e revelou que os apelos feitos pelo seu Governo para auxílio de emergência estão a ter resposta positiva, tendo sido assegurados, na recente reunião de Genebra, créditos para 80 por cento das necessidades mais urgentes.

A morte de Samora

O Presidente de Moçambique falou ainda do inquérito às circunstâncias da morte de Samora Machel e anunciou a exigência do seu país, às partes envolvidas e à própria comunidade internacional, de prosseguimento das investigações para total esclarecimento da origem do sinal rádio que — disse — constituiu a causa principal da queda do avião em que viajava o primeiro presidente moçambicano.

Baena Soares quer participação mais activa de Portugal na OEA

O secretário-geral da OEA manifestou ontem a esperança que os contactos desenvolvidos durante a sua visita a Lisboa tenham criado as condições para uma participação portuguesa mais activa nas iniciativas da organização.

Em contacto informal com a imprensa portuguesa, João Baena Soares disse ter encontrado no Presidente da República, no primeiro-ministro e outros dirigentes portugueses contactados uma «grande receptividade» para os problemas que preocupam a organização dos Estados Americanos.

Entre esses problemas refe-

riu a resolução dos conflitos regionais, o problema da dívida externa, com as suas implicações políticas e sociais, e a cooperação cultural e técnica.

Depois de lembrar que Portugal é um dos 22 observadores permanentes junto da OEA e que o português é uma das quatro línguas oficiais da organização, Baena Soares disse que a sua visita de quatro dias a Lisboa criou as bases para uma maior participação de Portugal nos projectos de cooperação para o desenvolvimento directamente patrocinados pela organização.

Salientou a importância da experiência portuguesa nos campos da medicina tropical e da engenharia civil para pro-

gramas de desenvolvimento que a OEA fomenta nalguns países membros, designadamente nos campos da agropecuária e do aproveitamento da energia hidro-eléctrica, e para a formação de especialistas e técnicos mediante a atribuição de bolsas de estudos.

Baena Soares, que se avistou ontem com membros da comissão nacional para as comemorações do Quinto Centenário dos Descobrimentos, manifestou também interesse pela participação de Portugal na elaboração do programa das comemorações, que a OEA organizará, pela sua parte, sob o lema «Descoberta da América — Encontro de Dois Mundos».

Ministro de Estado turco dois dias em Portugal

O ministro de Estado turco encarregado das relações com a CEE, Ali Bozer, chegou ontem a Lisboa para explicar ao Governo português as razões do pedido de adesão da Turquia à Comunidade Europeia.

Ali Bozer, que é acompanhado por dois altos funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Turquia, permanecerá em Portugal durante dois dias.

Em comunicado, a embaixada da Turquia em Lisboa, refere que a estada de Ali Bozer se inscreve num programa de visitas que este membro do Governo está a fazer pelas capitais dos países membros da CEE, com o objectivo de explicar os motivos do pedido do Governo turco relativamente à adesão à comunidade Europeia.

O comunicado informa que

Ali Bozer se reunirá com o ministro português dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, e com o secretário de Estado para a Integração Europeia, Vítor Martins.

O pedido formal de adesão da Turquia à CEE foi apresentado ao presidente do conselho das Comunidades Europeias, Leo Tindemans, a 14 de Abril deste ano.

Breves



•O general Almeida Bruno assumiu hoje as funções de comandante da Região militar do sul durante uma cerimónia que se realizou em Évora. Anteriormente foi comandante da Polícia de Segurança Pública.



•O ministro da Defesa, Leonardo Ribeiro de Almeida, encontra-se desde ontem na Noruega onde participa na 41ª reunião do grupo de planeamento nuclear da NATO, que se prolonga até ao dia 19. É acompanhado pelo CEMGFA, Lemos Ferreira.

•Encontra-se no Tejo uma flotilha que ultimamente tem integrado a STA - NAVFORLANT (força naval permanente da NATO no Atlântico). Esta força integra navios do Canadá, Estados Unidos, Holanda, Noruega, RFA, Bélgica e Portugal, num total de nove. Permanecerão em Lisboa até à próxima terça-feira.

•«Mercúrio 87» é o nome do exercício militar que 750 homens da região militar do sul vão efectuar no distrito de Beja, entre 19 e 22 deste mês. Será um exercício conjunto, envolvendo militares do Exército e da Força Aérea, e simulará uma situação de combate defensivo com postos de comando no terreno, tendo como finalidade de planejar, conduzir e avaliar operações conjuntas em caso de guerra convencional.

TROIA

Um investimento hoje que atravessa gerações



Na Península de Troia, a 50 quilómetros ao sul de Lisboa, materializou-se o projecto mais ambicioso e mais promissor do Turismo português. Aí se localiza hoje um dos grandes complexos turísticos europeus, num espaço deslumbrante, onde se privilegia a protecção da natureza e do meio ambiente.

Na magnífica paisagem de Troia ergue-se o Apartotel Magnoliamar, um edifício de alta qualidade que oferece uma proposta aliciante a todos aqueles que pretendem um local de férias personalizado e diferente. Graças aos Títulos de Registo do Direito de Habitação Periódica (Certificados Prediais), este paraíso está também ao seu alcance, numa fórmula mista de investimento e férias plenamente acessível às pequenas e médias economias.

O Direito Real de Habitação Periódica é perpétuo, livremente alienável pelo respectivo titular, pode ser cedido a terceiros, e é transmissível por via hereditária. O respectivo título (Certificado Predial) é emitido pela Conservatória do Registo Predial, e atribui ao investimento um valor real.

Visite Troia e aprecie, no Edifício Magnoliamar, o apartamento que lhe está reservado. E chegará à conclusão de que o investimento no Magnoliamar é ouro sobre azul. Junte-se aos privilegiados que escolhem Troia para local de férias e de investimento. Ganhe a mais valia que a curto prazo Troia lhe oferecerá. No seu próprio interesse, conheça a legislação que criou o Direito Real de Habitação Periódica. **E decida depois!**

TORRALTA

TROIA
Complexo Turístico de Troia - 2900 Setúbal
Telefones 065-44 161/44 405/44 270
Telex 18138 TROIAM P

LISBOA
Av. Duque de Loulé, 24 - 1000 Lisboa
Telefones 01-55 44 79/54 21 39/55 65 86/55 45 71/55 47 94
Telex 16465 TORRAL P

PORTO
Rua Gonçalves Cristovão, 13-1.º Dto. - 4000 Porto
Telefones 02-31 14 94/31 69 15
Telex 23643 TORCOR P

ESCREVA-NOS!

Desejo conhecer, apenas para minha informação e sem qualquer compromisso, a legislação completa relativa aos Certificados Prediais, (Direito Real de Habitação Periódica).

Nome _____
Morada _____

QUINTA-FEIRA, 14 DE MAIO DE 1987

Diário de Lisboa

5

"Droga — que respostas": encontro começou hoje

PODERES PÚBLICOS NÃO RESPONDEM ÀS NECESSIDADES PORTUGUESAS

Garcia Marques, secretário de Estado da Justiça, admitiu esta manhã na Gulbenkian, quando da sessão de abertura do encontro «Droga em Portugal — Que respostas», que os poderes públicos não têm correspondido às necessidades e expectativas criadas em torno do problema, que afecta milhares de jovens portugueses.

«Mas, como disse o romancista — continuou o governante — não faz mal hesitar se depois seguirmos em frente». Garcia Marques falou após as intervenções desta iniciativa organizada pela Associação de Prevenção de Consumos Tóxicos e o Instituto de Apoio à Criança tem sido reveladas por Manuela Eanes.

«Procuramos sensibilizar e informar os jovens, as famílias e as comunidades, substituindo a recriminação pelo diálogo aberto. Ninguém pode ficar indiferente», disse a organizadora do seminário, acrescentando que este «não é um encontro científico mas um levantamento de respos-

tas que já existem e de projectos de futuro».

Garcia Marques falou sobre a necessidade, dentro de um plano integrado de combate à droga, de uma mobilização de meios que seja efectiva, acrescentando-lhe a credibilidade técnica e a prevenção e repressão do tráfico, para o que urge a cooperação das diversas entidades públicas e privadas».

Focou o secretário de Estado da Justiça as suas palavras no sentido de uma prevenção primária, que «reduza as motivações de procura de drogas ilícitas, o que passa por uma estratégia global de educação e uma prática de informação e formação. Não

deixou Garcia Marques de lembrar que o fenómeno da droga em Portugal não é coisa recente, existindo há séculos com o alcoolismo — Baco afogou mais homens que Neptuno», referiu, após o que salientou o consumo dos muitos que, não imediatamente identificados com os que dependem da heroína ou da cocaína, se habituaram aos barbitúricos e aos tranquilizantes, de tal maneira que se pode dizer que «in remédio virtus».

E preciso intervir

Revelou ainda Garcia Marques que dentro de meses começarão a funcionar de modo mais descentralizado alguns serviços de intervenção directa, com maior cobertura do território. Nas suas atenções esteve também a questão, delicada, da recuperação socioprofissional de jovens dependentes, a sua reintegração e estabilidade física e psíquica.

Representando as três direcções regionais do Centro de Estudos de Profilaxia da Droga, estiveram Ana Paula Marques, pelo Sul, Maria Conceição Carvalho falou por Coimbra, e Manuela Mata pelo Norte do País. Considerou a primeira que «não devemos alertar apenas, não chega: é preciso intervir para mudar. Mas para um intervenção eficaz, continuou Ana Paula Marques, é fundamental «um conhecimento de causa».

«As comunidades também são responsáveis pelo que ocorre neste capítulo no seu seio, de modo que temos de procurar saber por que é que a tóxico-dependência existe», disse ainda.

Maria Conceição Carvalho contou uma história, a do combate à droga desde 1975, concluindo que «ainda não sabemos como alterar o rumo desta história» mas que urge alterá-lo. A técnica citou a carta de uma jovem dependente, elucidativa por si mesma: «A vida está cheia de enterros, de mortes longas. A partir de hoje que a minha vida seja um enterro ou não se enterre mais nada».

Manuela Mata, por sua vez, pôs o dedo na ferida: a falta de valores culturais e de referências por quem acaba no recurso à vertigem e aos paraísos artificiais.

No fecho da nossa edição falavam pela Comunicação Social os jornalistas Afonso Praça, João Coelho e Diana Andringa, respectivamente pela imprensa escrita, pela rádio e pela televisão.



Cães farejadores de droga actuam nos aeroportos

No Aeroporto da Portela deu-se hoje início à utilização de cães especializados na detecção de droga, numa pequena cerimónia que teve a presença do secretário de Estado da Justiça, dr. Garcia Marques, de oficiais superiores da Guarda Nacional Republicana, da Guarda Fiscal e de outras entidades, entre as quais o dr. Amílcar Pires, chefe da delegação aduaneira do Aeroporto.

Os cães agora utilizados no aeroporto pertencem à GNR e, segundo o coronel Pancada Silveira, daquela instituição, são animais altamente treinados para farejarem os diferentes tipos de droga, desde as mais leves às duras, tendo já dado boas provas na luta contra o tráfico de estupefacientes.

Informou ainda aquele oficial que se trata de animais adquiridos na Inglaterra, de raça «Retriever Lavador» e instruídos no Grupo de Instrução de Cães, que se situa na Ajuda, em Lisboa.

A partir de agora, estarão sempre presentes no Aeroporto e noutros locais, onde

as diferentes autoridades necessitem.

O secretário de Estado da Justiça diria que esta colaboração da GNR insere-se numa campanha que o seu sector governamental está a incrementar na luta contra a toxicomania e o respectivo tráfico, salientando a constituição de um grupo operacional e coordenador; melhoria de recolha e do tratamento de informação; reforço do controlo das fronteiras, divulgação pelos meios adequados das penas previstas para o tráfico de drogas; reforço do controlo de encomendas postais; melhoria das condições de actuação nas alfândegas; reforço dos meios da Polícia Judiciária e celebração de acordos ou convénios bilaterais com outros países.

No âmbito dessa campanha foi colocado em vários locais das instalações do aeroporto vários cartazes em cinco línguas, chamando a atenção para a lei portuguesa que pode aplicar penas até 20 anos de prisão pelo tráfico de droga.



ATENÇÃO: O TRAFICO DE DROGA E UM CRIME PUNIDO PELA LEI PORTUGUESA COM PENA DE PRISAO ATÉ 20 ANOS

ATTENTION: ACCORDING TO PORTUGUESE LAW DRUG TRAFFICKING IS PUNISHED WITH UP TO 20 YEARS EMPRISONMENT

DE TRAFICO DE DROGA E UM CRIME PUNIDO PELA LEI PORTUGUESA COM PENA DE PRISAO ATÉ 20 ANOS

ATTENTION: D'APRES LA LOI PORTUGAISE LE TRAFIC DE STUPEFIANTS EST UN CRIME PUNI D'UNE PEINE D'EMPRISONNEMENT JUSQU' A 20 ANS

ACHTUNG: UNTER DEM PORTUGIESISCHEN GESETZ IST RAUSCHGISTSCHMUGGEL UND HANDEL BIS ZUM 20 JAHRE BESTRAFT

Agência Internacional de Energia

Atómica colabora

Portugal procura resolver o (ainda pequeno) problema dos seus resíduos atómicos

As autoridades portuguesas, através da Junta de Energia Nuclear, estão neste momento a desenvolver estudos no sentido de resolver os problemas de armazenamento em condições de segurança dos resíduos nucleares portugueses, resultantes nomeadamente de actividades de investigação, de tratamentos médicos e até de explorações mineiras.

Para esse efeito encontra-se neste momento em Portugal um grupo de peritos da Agência Internacional de Energia Atómica, segundo confirmou esta manhã ao «DL» um dos responsáveis da Junta de Energia Nuclear, eng.º Marques Carvalho.

«A presença destes técnicos da AIEA nada tem a ver com o problema dos cemitérios nucleares como de resto se torna evidente pelo facto de esse problema ainda não se nos pôr, nem sequer provavelmente se nos porá nos próximos anos, por não termos centrais nucleares», disse aquele responsável da Junta de Energia Nuclear.

Este responsável desmentia, assim, uma informação obida pelo «DL» que nos assegurava a presença entre nós de uma equipa de especialistas que estudavam a possível localização no nosso país de um cemitério de resíduos nucleares semelhante ao que tem sido anunciado para Aldeadavilla, junto à fronteira portuguesa, com a consequente controvérsia pública.

De acordo com Marques Carvalho, trata-se de facto de procurar resolver um problema de muito menor dimensão do que o da acumulação de detritos radioactivos resultantes do funcionamento de centrais nucleares ou outras instalações do género.

«São duas coisas totalmente diferentes já que não temos resíduos de alta activi-

dade e não há razões para estar preocupados com o que temos. Preocupa-nos sim o caso que está agora a pôr-se com as intenções espanholas», disse Marques Carvalho ao «DL».

Assim, os técnicos da Agência Internacional de Energia Atómica estão em Portugal, segundo a nossa fonte, para estabelecer planos de longo prazo, acautelando à distância problemas que se põem mais do ponto de vista previsional, dado que é natural o crescimento dos nossos resíduos, resultantes de qualquer das actividades indicadas (investigação, tratamentos e diagnósticos médicos e explorações mineiras, entre outras igualmente de pouco significado).

«Ainda não temos grandes problemas mas temos de começar a tratá-los», disse — nos Marques Carvalho, que acrescentou: «Os resíduos que temos actualmente não precisam de ser enterrados a grandes profundidades e também não existem grandes quantidades. Temos, de todos estes anos de actividades, algumas dezenas de metros cúbicos».

Estas «dezenas de metros cúbicos», segundo apurámos, encontram-se à guarda da Junta de Energia Nuclear, armazenados em instalações suas e de acordo com as tecnologias actualmente usadas que já são de rotina, dada a tipologia dos resíduos em causa.

Tribunal indeferiu pedidos de suspensão das demolições da Ria de Faro

O Tribunal Administrativo de Lisboa indeferiu ontem os pedidos de suspensão de eficácia das ordens de demolição de 70 casas na Ria de Faro, depois de procedimento idêntico ter sido tomado, na passada sexta-feira, em relação a oito pedidos apresentados no mesmo sentido.

Recorda-se que, de acordo com o plano traçado pela secretaria de Estado do Ambiente, a segunda e última

fase das demolições na Ria de Faro irá decorrer na terceira semana do corrente mês, entre 18 a 23.

Esta operação, segundo o Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, será seguida da remoção dos entulhos resultantes das primeiras demolições, devendo a recuperação daquela zona da Ria Formosa estar concluída até finais de Junho.

Matou pescador de Ayamonte em 1985

CABO DA GF JULGADO EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Julio Rodrigues

enviado especial do «DL»

O julgamento do cabo a Guarda Fiscal acusado de assassinio de um jovem pescador espanhol na madrugada de 5 de Janeiro de 1985, perto de Castro Marim, era esta manhã aguardado com bastante expectativa na acanhada sala de audiências do Tribunal Judicial de Vila de Real de Santo António. A família do pescador Juan Flores Guzmán, assassinado com dois tiros de pistola tipo «Walter», está representada na audiência pelo cônsul de Espanha em Vila Real de Santo António, Joaquim Rodriguez Menendez. Também o presidente da Câmara («Ayuntamiento» de Ayamonte, o «alcaide» Ceada Pereira, é aqui aguardado. A abertura da audiência estava marcada para as 10 horas e 30, mas no momento em que fazemos o primeiro ponto da situação ainda não havia começado.

O cabo José Afonso Nunes, residente em Monte Gordo (na Avenida Infante D. Henrique), começa hoje a ser julgado no Tribunal Judicial de Vila Real de Santo António como presumível autor dos disparos que vitimaram o jovem pescador-contrabandista Juan Guzmán, pai de duas crianças que deixou orfãs em 5 de Janeiro de 1985, em condições que causaram repulsa e dor em Espanha e levaram, inclusive, ao cancelamento dos transportes fluviais em «ferry boat» no

Guadiana, entre Vila Real e Ayamonte.

Foi dispensado do serviço activo da Guarda Fiscal, depois deste acontecimento, refazendo depressa a sua vida normal, o que aliás não é muito difícil em Monte Gordo, a escassos quatro quilómetros de Vila Real de Santo António.

Com 37 anos, hoje, estatura média, magro e seco de carnes, de óculos escuros (que usa sempre que faz sol), o cabo Nunes esteve na guerra em Angola antes

de ingressar na Guarda Fiscal. Aliás, antes mesmo de ser chamado a prestar serviço na corporação foi empregado de bar de um hotel.

Os seus vizinhos de Monte Gordo não morrem de amores por ele, dado o seu feitio autoritário e o facto de se enervar à menor algazarra, ao menor ruído. Numa freguesia turística como é Monte Gordo, a efervescência turística é uma constante entre Junho e Setembro. Mas parece não agradar ao cabo Nunes...

Por lagostins...

«Por cuatro cajas de cigalas», como dizem os espanhóis, ou por quatro caixas de lagostins, como o enviado do «DL» escreveu em várias edições, entre 7 e 11 de Janeiro de 1985, um cabo da Guarda Fiscal matou, a tiro, o jovem espanhol Juan Flores Guzmán e prendeu o seu «contacto» português, um homem de 56 anos, António da Silva Monteiro, que guardava no seu triciclo as caixas de lagostins para Guzmán (de 37 anos) carregar e com elas atravessar o Guadiana até Ayamonte — onde tinha clientes certos à espera: os bares

daquela pequena cidade espanhola.

Juan Guzmán, pai de duas meninas, estofador de profissão (que contrabandeava lagostins como «biscate» para melhor sobreviver), dedicava-se nas horas livres a apanhar amêijoas, conquilhas e camarões, que vendia nos bares da sua terra natal. De vez em quando — admite-se — fazia pequenos negócios, contrabando de lagostim de pouca monta: de triciclo para a sua pequena embarcação. De caixas de lagostim, obviamente, que tem muita procura do lado de lá do Guadiana.

O incidente ocorreu um sábado à tarde no esteiro da Carasqueira, perto de Castro Marim (no seu próprio sapal), mas só veio a ser conhecido na madrugada do dia seguinte. Três indivíduos da GF à paisana e um fardado, isto é, uma patrulha, precipitaram os acontecimentos, provocando uma morte. Por quatro caixas de lagostim, António da Silva Monteiro, que foi julgado por contrabando dez dias depois do acontecimento, está convencido de que se tratou de uma denúncia. De outro modo, a GF não teria aparecido assim em

força, como apareceu. Nem com tamanha sanha e violência.

ATESTADO DE DOENÇA

Os familiares de Juan Guzmán afirmaram e afirmam que a vítima nunca fez contrabando, que a sua profissão era de estofador. De qualquer modo, é óbvio que no momento dos factos se apresentava para carregar — segundo o testemunho do próprio António Monteiro — quatro caixas de lagostim. Não era caso, todavia, para que o cabo Nunes sobre ele disparasse, a poucos metros, quase à queima-roupa.

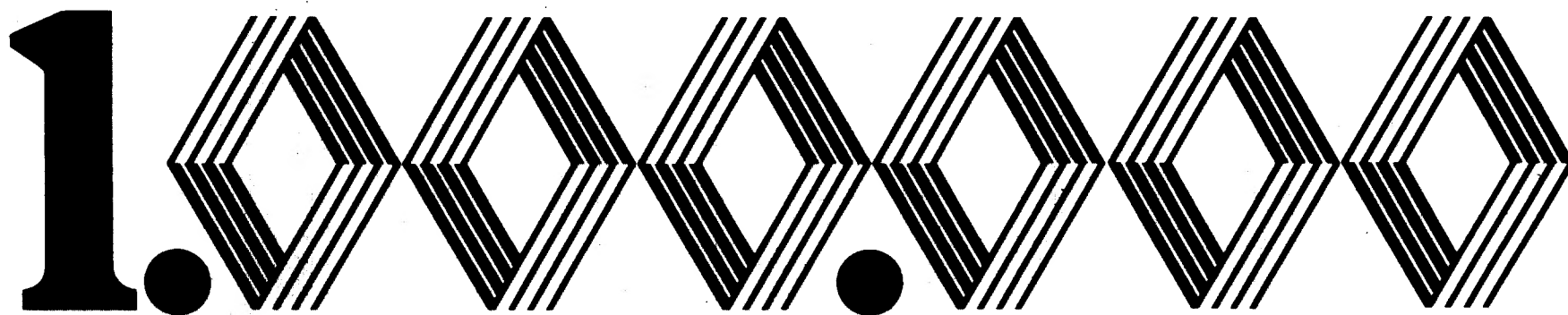
O governo espanhol exigiu, na ocasião, uma investigação a fundo sobre as circunstâncias em que ocorreu a morte de Guzmán, sendo isso que hoje está justamente em foco, no Tribunal Judicial de Vila Real de Santo António. Com o cabo Nunes no banco dos réus e a família de Guzmán — bem como o cônsul de Espanha em Vila Real — a exigir justiça e uma indemnização.

A fronteira luso-espanhola de Vila Real-Ayamonte fechou, do lado espanhol, como protesto contra o assassinio de Juan Guzmán, vindo a ser reaberta três

dias depois, a 8 de Janeiro. Cinco mil pessoas incorporaram-se no funeral da vítima, numa jornada que ficou assinalada, no dia 7, pelo facto de os estabelecimentos comerciais de Ayamonte terem fechado as suas portas todo o dia. As bandeiras nacionais dos edifícios públicos de Ayamonte foram içadas a meia haste em sinal de luto pela morte do pescador espanhol de 37 anos que era também o sustento da tia que o criara.

O caso, que o «DL» acompanhou a par e passo e relatou exhaustivamente, foi comentado internacionalmente. O «Times» de 7 de Janeiro de 1985, por exemplo, considerava desproporcionada a acção da GF contra o pescador. O «Daily Telegraph», citando fontes espanholas, considerava a acção sem qualquer relação com a natureza do crime cometido. «Grave» e «desproporcionada» foram termos utilizados por aqueles dois «monstros» da Imprensa inglesa.

O cabo José Afonso Nunes devia ter começado a ser julgado no passado mês de Janeiro, mas faltou à sessão, alegando doença que comprovou com atestado médico.



UM MILHÃO DE MOTORES NASCIDOS EM PORTUGAL

Atingiu agora um milhão, o número de motores

fabricados em Portugal, pela Renault Portuguesa.

Uma empresa que fomenta o progresso da indústria nacional.

A um ritmo de crescimento acelerado.

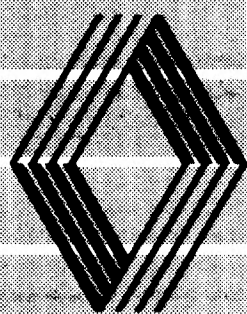
Acompanhando a evolução tecnológica do produto automóvel.

Desenvolvendo as técnicas de fabricação necessárias à execução das novas exigências europeias. Renault Portuguesa.

Uma empresa preparada para a plena adesão ao Mercado Comum.

Uma realidade industrial, económica e comercial.

Uma empresa que já conquistou a confiança.



RENAULT PORTUGUESA

A confiança conquista-se

LINTAS R-87-01

Juntamente com cerca de 70 ex-comandos africanos

MARCELINO DA MATA QUER ENTRAR NA GUARDA FISCAL, PSP OU GNR

O capitão «comando» Marcelino da Mata, passado involuntariamente à reserva em Setembro de 1980 através de um despacho do então ministro da Defesa, Adelino Amaro da Costa, acaba de solicitar o seu alistamento na Guarda Fiscal, GNR ou PSP, numa reivindicação que foi igualmente seguida pelos cerca de setenta ex-militares africanos neste momento residentes em Portugal.

Ao tomar tal atitude, o oficial mais medalhado das nossas Forças Armadas, e os seus companheiros, ameaçam empenhar-se numa posição de força no início do próximo mês, através «das medidas que acharem convenientes», caso esta reivindicação lhes seja negada.

Em comunicado subscrito por Marcelino da Mata e os africanos que Spínola, Kaulza, Arnaldo Schultz e Bettencourt Rodrigues, entre outros, arregimentaram para as fileiras do Exército colonial português, revelam já ter contactado vários jornalistas nacionais e estrangeiros, no sentido de que as movimentações programadas para essa altura tenham a maior cobertura e sirvam para denunciar «a situação aflitiva em que vive a maioria dos ex-comandos e milícias africanos, sobretudo os originários da Guiné, com as pensões reduzidas, ou suprimidas, a vegetarem em autênticas «ilhas», como acontece na zona de Chelas, onde num andar com apenas cinco quartos habitam várias famílias, ou a dormirem em bancos de jardins».

No programa de Joaquim Letria

Com esta tomada de posição, os ex-militares



Marcelino da Mata com as medalhas que agora afirma só lhe servirem para «vender no ferro-velho»

e milícias africanos, que já por duas vezes se manifestaram em Lisboa frente ao edifício conjunto do Ministério da Defesa e do Estado-Maior-General das Forças Armadas, ao Restelo, tendo sido numa delas dispersos com violência por um pelotão de pára-quedistas, voltam a estar de novo em foco, escassos dias após Marcelino da Mata ter aparecido perante a opinião pública, no programa televisivo de Joaquim Letria, «Já Está», como um homem desiludido, e mesmo revoltado, contra aqueles que durante anos o incensaram e alcandoraram ao estatuto de herói.

Nesse programa, Marcelino da Mata, uma espécie de «Rambo» da guerra colonial, de 46 anos, residente em Queluz com quinze filhos e a sobreviver com a reforma de capitão e serviços espaçados como guarda-costas, chegou a confessar com incontinência amargura que os louvores e as medalhas («Cruzes de Guerra» e a «Torre Espada») só lhe servem «para vender no ferro-velho».

Foi pena que Joaquim Letria tivesse perdido a oportunidade de questionar Marcelino da Mata sobre os nomes daqueles que o traíram.

Ele que numa das manifestações efectuadas no Restelo afirmou ao ser confrontado com a recusa do general Lemos Ferreira em recebê-lo:

«Acabou o fascismo começou o racismo.» Só que ao fazer um tal juízo de valor, Marcelino da Mata «esqueceu» que o racismo é uma das componentes mais odiosas do fascismo!...



Mário Castrim

Não se sabe bem porquê (quer dizer, eu não sei bem porquê) Tournefort (que eu não faço a mínima ideia quem seja) chamou à bananeira, musa. Daqui nasceram as musáceas, família numerosa.

A uma coisa que se está mesmo a ver que é bananeira, veio Lineu (que sofria de latinorum complexus) a chamar musa paradisíaca e eu juro que, quando fizer versos à bananeira assim lhe hei-de chamar. «Musa paradisíaca», estão a ver a gracinha?

Esta erudição vem a propósito do escândalo das bananas que, se não abala o País (País sofre!) abala a televisão e, se abala a televisão, abala o mundo. A RTP, como está sentada à sombra da bananeira, pela-se por casos destes. Pelo menos por alguns.

Para ser franco, como é meu timbre (a modéstia não rende, caríssimos!), não percebi bem a questão. Parece que alguém obrigava a pagar por fora aquilo que não podia obrigar a pagar por dentro porque os impostos que tinha de pagar por dentro eram tão pesados que ele não tinha outra alternativa senão pagar-se por fora. E assim um quilo de bananas que custa, na origem, trinta escudos, chega ao consumidor por 190... Há dias estive em Espanha, que, embora não pareça, fica mesmo aqui ao lado, fartei-me de comer bananas a baixo preço. Por que será? Eu sei que banana em castelhano, se diz plátano, mas esta explicação ainda não convence.

Não será, antes, porque, comparados com os espanhóis, os portugueses são uns bananas? Não será porque entre nós a fraude é uma bananalidade? Mais ainda, caríssimos leitores, a culpa destás e doutras não será do Governo que se pela por dinheiro como o macaco se pela por bananas? E já que falamos em bananas não residirá a explicação no facto de, nos últimos tempos, haver quem pretenda transformar Portugal numa república das ditas?...

Empreiteiro trucidado por comboio em Barcelos

Um empreiteiro da construção civil, de 29 anos, foi colhido mortalmente próximo de Barcelos pelo comboio 5115 que fazia a ligação entre o Porto e Viana do Castelo. O sinistrado, Manuel Silva Rodrigues, casado, residente na freguesia de Santa Eugénia, naquele concelho, ter-se-á atirado voluntariamente à via.

Tripulantes de pesqueiro foram salvos em Ovar

Um barco de pesca artesanal naufragou na madrugada de ontem ao largo de Ovar, tendo os seus tripulantes sido salvos pela traineira «Framar», que recolheu também os apetrechos utilizados na faina, designadamente as redes. A operação de salvamento dos tripulantes do «Sérgio Marina» e das suas «artes» prolongou-se por cerca de três horas, numa zona em que a profundidade ronda entre os 50 e os 60 metros. O comandante do porto de Leixões disse que irá ser processado um inquérito marítimo para apuramento das circunstâncias em que ocorreu o naufrágio.

Agressões a tiro em Alcobaça e Fafe

Por motivos ainda não esclarecidos, um agricultor de 46 anos, António dos Santos, alvejou com três projectéis de espingarda caçadeira Maria do Carmo, de 40 anos, ferindo-a com gravidade pelo que teve de ser tratada no Hospital de Alcobaça, de onde transitou para o Hospital da Universidade de Coimbra.

A informação foi fornecida à Imprensa pela GNR que refere ainda um outro caso de agressão a tiro ocorrido em Fafe, quando, por uma questão de dívidas, um indivíduo de nome Manuel Soares, de 24 anos, disparou sobre Domingos de Sousa, de 26 anos, atingindo-o com dois tiros na barriga, pelo que teve de recolher ao Hospital de Guimarães. O autor dos disparos utilizou um revólver de calibre 22 mm longo, que possuía em situação ilegal.

É a terceira causa de internamento nas urgências

Portugal em primeiro na Europa nas intoxicações de crianças

O número de intoxicações acidentais de urgência infantil - terceira causa de internamento nas unidades de urgência - coloca Portugal no «pior lugar» a nível da Europa - alertou um grupo de trabalho sobre intoxicações das crianças.

Luís Sequeira, do Hospital de Santa Maria, Celsa de Carvalho da Direcção-Geral de Saúde de Cuidados Primários e Arlinda Borges do Centro de Informação Antivenenos observaram a necessidade de uma maior preocupação, na forma como se usam e se guardam os produtos tóxicos.

«É preciso aprender a conviver com os tóxicos» - advertiu Celsa de Carvalho, referindo que os produtos cada vez serão mais e diversificados no mercado.

«Estamos na época do ano em que se usam mais pesticidas, porque são os tóxicos mais mortais. Portugal afasta-se muito dos outros países, mesmo do mediterrânico», acrescentou.

O grupo de trabalho que está a estudar as causas reais das intoxicações em Portugal que são causa importante da morbilidade e mortalidade infantil, salientou

ser esta a altura em que começam a ser usados muitos pesticidas na agricultura.

O estudo científico das causas está a ser feito desde Janeiro de 1986, nos serviços de pediatria do Hospital de Santa Maria e no Hospital de Coimbra.

Actualmente, são os organofosfatos - pesticidas usados na agricultura - um dos principais causadores da intoxicação em crianças, além dos medicamentos.

A região onde se verifica maior número de ocorrências é o distrito de Lisboa, zona não só de maior densidade populacional, mas onde se situa o centro de informações antivenenos.

A nível mundial calcula-se em dois milhões o número anual de intoxicações acidentais, em crianças com menos de 5 anos.

Nos anos 70, foram desencadeados, a nível mundial, programas, fundamentalmente na área da prevenção primária e no atendimento imediato. A mortalidade é actualmente pouco relevante nas crianças, por intoxicação.

Residência de médico assaltada no Areeiro

Desconhecidos assaltaram a residência de um médico analista, no Areeiro, em Lisboa, apoderando-se de cerca de 1500 contos em jóias e objectos de prata e casquinha. Na precipitação da fuga, os assaltantes, que aproveitaram a ausência do locatário, deixaram abandonado no elevador um

saco de plástico com outros artigos, também propriedade do clínico. Os intrusos tentaram inicialmente extrair o canhão da fechadura da porta principal da residência, mas a tranca de segurança impediu-lhes a entrada, pelo que acabaram por rebentar a porta de serviço, mais vulnerável.



Dormem nas escadas

"OCUPANTES" DE ABRIL SÃO DESPEJADOS

Ocuparam o andar e lá residiram treze anos, logo após o 25 de Abril, com o apoio da Junta de Freguesia de então: a casa a que recorreram estava abandonada há uma dezena de anos. Durante todo o tempo de permanência tentaram regularizar um contrato de arrendamento que os defendesse mas o dono do prédio sempre recusou, pelo que não pagavam renda.

Sexta-feira foram finalmente despejados e têm desde então dormido nas escadas. O caso passa-se na Rua de Ponta Delgada, o número 62, tendo como protagonista dois casais com sete filhos e dois homens só que moravam num andar de quatro compartimentos naquele edifício, propriedade de João Ferreira Borges. Se um dos casais conseguiu entretanto arranjar uma alternativa, os outros não sabem que contas deitar à vida.

Paula Nunes de Oliveira e Pedro Correia, que encontrámos ontem a juntar as trouxas para irem não sabem ainda onde, dizem ao nosso jornal que já tentaram tudo o que lhes estava ao alcance. Foram à Câmara e responderam-lhes lá que todas as

casas de que o município dispõe estão reservadas às vítimas de desmoronamentos e incêndios nas suas habitações.

Tentaram também, pelo que apurámos, a Santa Casa da Misericórdia, que foi a segunda a manifestar a sua impossibilidade prática em relação ao problema. Os "conselhos" e indicações que lhes fez o advogado de João Ferreira Borges foram assim frustrados pelas entidades que em princípio lhes poderiam ou deveriam valer.

Resta-lhes agora o apelo à Junta de Freguesia, para que vão agora contactar a sua assistente social: "Há tantas casas vazias aqui em volta", desabafaram ao "DL".

"O senhorio diz que nos temos



de "desenrascar", ouvimos ainda, "mas a verdade é que não temos para onde ir". O edifício em questão é dos mais antigos do local, e está em muito más condições, tendo o seu proprietário afirmado já, não obstante, que não pretende fazer ali nenhuma obra.

Uma vizinha do rés-do-chão, esta com contrato de arrendamento, não teme apesar de tudo que um dia destes João Ferreira Borges a mande embora com o fim de demolir o imóvel, "se o fizer terá de pagar uma indemnização", e conta-nos que um outro andar esteve também ocupado desde o 25 de Abril de 1974, no primeiro piso, mas por ordem do tribunal foi despejado em Agosto último.

Por enquanto ficarão nas escadas, sem água e luz e sem acesso a uma casa-de-banho, mas depois serão obrigados a partir. O capítulo das ocupações pós-25 de Abril não teve ainda o seu fim, ao que se verifica.

Na fronteira luso-espanhola

"Festa da Irmandade" transformada em protesto contra lixeira nuclear

A tradicional «festa da Irmandade», que na fronteira do Portelo reúne anualmente populações vizinhas de Bragança e Zamora será este ano transformada num protesto contra a instalação de um laboratório nuclear em Aldeadavila.

Assim, no próximo domingo, o Governador Civil de Bragança e o seu homólogo de Zamora, representantes das duas áreas afectadas pelo projecto espanhol, vão participar no encontro, onde vão estar também os bispos de Astorga e de Bragança, além de deputados e autarcas dos dois países.

Segundo o Governador Civil de Zamora, durante a festa as autoridades vão alertar o Governo de Madrid para os perigos que representa para as populações de ambos os países o projecto espanhol de instalação de um laboratório de resíduos de alta radioactividade.

No encontro, que incluirá a actuação de grupos e ranchos folclóricos de Portugal e Espanha, participarão igualmente representantes de grupos ecologistas e ambientalistas do nordeste transmontano.

Protesto a duas vozes

Assim, ao fim da tarde de domingo, num protesto a duas vozes, os portugueses deslocam-se a Puebla de Sanabria onde vão manifestar o seu protesto e confraternizar com os vizinhos da região de Zamora, enquanto os espanhóis estarão em Bragança para sensibilizar as populações do nordeste sobre a actual luta contra a instalação do depósito de resíduos nucleares junto do rio Douro.

Os povos de Bragança e de Calabor, que estão separados por uma curta distância de 40 quilómetros marcada pela fronteira de Portelo, celebram anualmente uma «Festa da Ermandade» que data de tempos anteriores à Guerra Civil de Espanha.

Estas comemorações foram interrompidas durante alguns anos, tendo recentemente sido recuperada aquela tradição, em que habitualmente se reúnem povos de um e de outro lado da fronteira.

Por outro lado, ainda no domingo, decorrerá uma manifestação em Salamanca contra a instalação naquela província espanhola de depósito de resíduos, e no sábado idêntica iniciativa tem como palco as ruas de Zamora.

Homília de D. António Ribeiro

"Mensagem de Fátima não tem sido posta em prática"

«A mensagem de Fátima, após 70 anos das aparições, ainda não é suficientemente conhecida e, muito menos, tem sido adequadamente posta em prática», declarou ontem, na sua homília o Cardeal Patriarca de Lisboa.

D. António Ribeiro, que falava no final das celebrações, adiantou que «o nosso mundo contemporâneo precisa de almas contemplativas, como a do Francisco. Na azáfama dos dias de hoje requeiram-se, mais do que nunca, contemplativos que vivam a experiência da fé e saibam testemunhar».

Fazendo apelo ao exemplo

de Jacinta, D. António Ribeiro declarou que «representa uma extraordinária mobilização para o amor e é necessário amar, numa doação de vida que expie os pecados próprios e os alheios».

«Aqui foi concedido às gerações do século XX o grande sinal da misericórdia e da benevolência divinas», prosseguiu o Cardeal Patriarca, sublinhando que «o nome glorioso de Fátima é hoje conhecido e venerado em quase todos os países e a mensagem da branca Senhora da Cova da Iria encontrou eco no coração de numerosos

cristãos e até no de alguns não cristãos».

Mulher de Viseu diz-se curada graças a Fátima

Enquanto que em Fátima D. António Ribeiro proferia a sua homília, em Viseu, Maria de Lurdes Morais Simão que acompanhava as celebrações pela televisão, diz-se curada graças a Fátima. «Eu estava sentada à frente da televisão a ver as cerimónias de Fátima, estava na minha fé, e quando foi a benção dos doentes eu disse: Nossa Senhora de Fátima, fazei com

que eu ande e saia fora desta cadeira», disse Lurdes Simão à Lusa.

«Naquele momento vi um reflexo e tive uma reacção nas minhas pernas, pelo corpo, uma reacção que não sei explicar, não posso explicar; levantei-me da cadeira, comecei a caminhar e a gritar e a chamar pelo meu marido, gritando António, António, eu já caminho», prosseguiu.

Perguntada pelo jornalista da Lusa se iria ver algum médico, Maria de Lurdes Simão, que irá brevemente a Fátima entregar a sua cadeira de ro-

das para outros doentes que precisem e o terço com que reza todos os dias, respondeu que «graças a Deus não preciso, e acho que o maior especialista é Nossa Senhora».

Curiosamente, o milagre que Lurdes Simão diz ter sido a causa das suas súbitas melhoras tinha sido previsto em Espanha, por uma criança de 10 anos, Alda Navarro, habitante de uma aldeia de Huelva.

Alda afirma que a Senhora de Fátima lhe tem aparecido nos últimos 15 dias e que ontem, aniversário das aparições, deveria haver um milagre.

Assaltantes em Monsanto e receptor libertado

A GNR deteve em Linda-a-Velha três assaltantes de residências e o indivíduo que lhes comprava os objectos roubados, tendo o juiz de Instrução Criminal de Oeiras mantido a prisão dos primeiros, que recolheram à cadeia de Monsanto, e caucionado em 120 contos o receptor, de apelido Florindo, que assim ficou a aguardar o julgamento em liberdade. Os assaltantes (Valentim, de 33 anos, Ferreira, de 31, e Oliveira, de 23) actuavam nas regiões de Lisboa, Setúbal, Barreiro e Caldas da Rainha.

Incêndio numa fábrica de fição em Águeda

Uma fábrica de fição, a «Arrancar», com o efectivo de 800 trabalhadores, localizada em Arrancada do Vouga, no concelho de Águeda, foi ontem à tarde parcialmente destruída por um incêndio iniciado na secção de contabilidade, no local onde estavam colocados alguns computadores, pelo que se suspeita de curto-circuito. Um trabalhador da empresa, Fernando Martins, serralheiro, teve de ser socorrido devido a intoxicação pelos fumos. O sinistro foi combatido durante duas horas pelos Bombeiros de Águeda, Aveiro e Albergaria-a-Velha.

Papoilas de ópio descobertas em Leiria

Cerca de mil pés de papoilas de ópio, plantados em terrenos abandonados, foram descobertos por agentes da Guarda Fiscal, na zona de Leiria. A Guarda Fiscal refere no seu comunicado que a Polícia Judiciária confirmou a natureza das plantas.

Chuvas torrenciais inundaram Ponta Delgada

As fortes chuvadas que, ao princípio da tarde de ontem, caíram na ilha de São Miguel, nos Açores, provocaram inundações em várias casas de Ponta Delgada e estragos consideráveis em vias públicas daquela cidade. Não se registaram vítimas.

DÉCIMO NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

NOTÁRIO LIC. LUÍS LOPES PEREIRA

RUI JORGE PIRES CARRONDO, AJUDANTE DESTA CARTÓRIO - CERTIFICADO, para efeitos de publicação que por escritura de seis de Maio de mil novecentos e oitenta e sete, lavrada de folhas 98v.ª, a fls. 100, do livro de notas UM-M, deste Cartório, foi constituída entre Maria da Graça Matos Pires de Campos Costa, residente em Lisboa, na Rua Manuel Ferreira de Andrade, n.º 8, 8.º dt.º, casada com Manuel Fernando da Costa, no regime da comunhão geral; e Maria Manuela Lopes Mendes Godinho de Campos Rodrigues, residente em Lisboa na Rua Manuel Ferreira de Andrade, n.º 14, 4.º dt.º, casada com Ricardo de Campos Rodrigues, no regime da comunhão geral, uma sociedade comercial por quotas denominada «PERFUMARIA ENTRE ASPAS, LIMITADA» com sede em Lisboa, na Av. Gomes Pereira, n.º 8-A, freguesia de Benfca, a qual se rege pelos artigos constantes da presente fotocópia que está conforme ao original.

Lisboa, Décimo Nono Cartório Notarial, aos sete de Maio de mil novecentos e oitenta e sete

O Ajudante,
(Rui Jorge Pires Carrondo)

ARTIGO PRIMEIRO: - A Sociedade adopta a denominação PERFUMARIA ENTRE ASPAS, LIMITADA, vai ter a sua sede em Lisboa, na Avenida Gomes Pereira, número oito-A, freguesia de Benfca, e tem o seu início nesta data.

PARÁGRAFO ÚNICO: - Fica autorizada a gerência a deslocar livremente a sede social dentro do concelho de Lisboa ou para concelho limítrofe.

ARTIGO SEGUNDO: - A Sociedade tem por objecto o comércio de produtos de beleza, higiene e perfumaria, objectos de decoração e outros.

ARTIGO TERCEIRO: - O capital social é de quatrocentos mil escudos, está integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma de duas quotas iguais de duzentos mil escudos, pertencentes uma a cada sócia.

ARTIGO QUARTO: - A administração da Sociedade e a sua representação incumbem as duas sócias, as quais desde já ficam nomeadas gerentes.

PARÁGRAFO ÚNICO: - A Sociedade obriga-se com a assinatura conjunta de dois gerentes.

ARTIGO QUINTO: - Fica permitido que as sócias se façam representar por estranho nas deliberações sociais.

ARTIGO SEXTO: - A convocação das Assembleias Gerais deve ser feita por qualquer das gerentes, por meio de carta registada, dirigida a cada uma das sócias e expedida com a antecedência mínima de dez dias, a não ser que a Lei exija outras formalidades ou estabeleça prazo mais longo.

ARTIGO SÉTIMO: - Estimam em oitenta mil escudos as despesas a fazer com esta escritura, registada no Conservatório do Registo Commercial, inscrição no Registo Nacional de Pessoas Colectivas e respectivas publicações.



REESTRUTURAÇÃO CURRICULAR DO ISEF DE NOVO EM FOCO

DEPOIS de uma aparente acalmia, a controvérsia sobre a gestão democrática e reestruturação curricular do Instituto Superior de Educação Física ameaça reacender-se. Um documento da Direcção-Geral de Desportos, dado a conhecer em Março à Comissão de Reforma do Sistema Educativo, está a provocar celeuma.

Os profissionais de EF reuniram-se em Braga para debater e tomar posição, o mesmo devendo fazer os professores.

O texto, intitulado «As actividades físicas na escola na era da 3.ª vaga», assinado pelo director-geral e o subdirector-geral de Desportos, respectivamente Mirandela da Costa e João Boaventura, insere-se na linha da proposta de reestruturação curricular apresentada ao MEC pelo Conselho Científico do ISEF e largamente contestada pelos professores do ramo de formação educacional do instituto e pelos profissionais de Educação Física.

Em termos sucintos, a questão partia da eventual «concorrência» que as escolas superiores de educação possam fazer aos institutos superiores de educação física quanto à formação dos agentes de ensino. Pela Lei de Bases do Sistema Educativo, as ESE's podem formar professores de EF para o ensino básico.

Na óptica do CC do ISEF, a formação desses professores ficaria circunscrita às ESE's, fazendo os institutos superiores a formação de agentes de ensino para o secundário, já não de educação física em termos globais, mas nas especializações de desporto e dança.

Isso implicaria o desaparecimento dos «curricula» do ISEF do ramo autónomo de formação educacional.

Tal proposta mereceu o repúdio dos professores do ramo de formação educacional que defendem que o ISEF deve continuar a formar agentes de ensino de Educação Física para todos os graus de ensino, incluindo o ensino superior (onde actualmente não existe), e que todos os jovens devem ter igualdade de acesso à prática de educação física. No ensino secundário, os jovens poderão praticar desporto se fizerem a opção «Desporto», mas os

alunos que fizerem outra opção deverão poder continuar a ter a possibilidade de frequentar aulas de Educação Física na escola. Na sua opinião, bem como na opinião dos profissionais de Educação Física, esta disciplina deverá manter-se, portanto, no ensino secundário e estender-se ao superior.

A brasa à sua sardinha

Fundamentada de forma pelo menos insuficiente, a proposta da Direcção-Geral dos Desportos puxa visivelmente «a brasa à sua sardinha». Apenas refere, sob a designação de «Actividades Físicas», os «Jogos», «Jogos Desportivos» e «Desportos».

Tais actividades físicas distribuem-se pelos seguintes escalões etários: dos 6 aos 9 anos (primeiro ciclo do ensino básico), «Jogos»; dos 10 aos 15 (segundo e terceiro ciclos do ensino básico), jogos desportivos e dos 16 aos 18 (ensino secundário) e dos 19 aos 23 (superior) desportos.

Os objectivos desta estruturação são no ensino básico «formação de base e formação de talentos»; no secundário e no superior «manutenção, treino e competição».

A carga horária dedicada a essas actividades aumenta nos diversos graus de ensino, sendo de 4 horas semanais no primeiro ciclo; de 5 e 30 no segundo e de 6 horas por semana no terceiro ciclo do ensino básico, no secundário e no superior.

Os professores destas actividades do primeiro e segundo ciclos do ensino básico seriam formados pelas Escolas Superiores de Educação, enquanto para os restantes graus de ensino seriam formados pelos Institutos Superiores de Educação Física e Desportos.

«Esta proposta só apresenta um avanço em relação à do Conselho Científico do ISEF, na opinião de José Cordovil, coor-

denador do ramo de formação educacional do ISEF. Esse avanço é o aumento da carga horária semanal para essas aulas. Os docentes de Educação Física queixam-se de que não dispõem, actualmente, para as suas aulas, de carga horária suficiente, de um programa definido e a sua avaliação não tem peso na avaliação geral do ano para efeitos de transição de ano lectivo.

«O aumento da carga horária só por si não é suficiente», comentou José Cordovil. «Pois corresponderá apenas ao objectivo de se começar a despistar mais cedo nas escolas os praticantes de alto nível. Mas noutro aspecto a proposta da DGD ainda é mais emprobecedora do que a do Conselho Científico, visto que lhe retira a especialização de Dança, deixando apenas a do Desporto.»

Gestão democrática à vista

Quanto à gestão democrática, a que, na opinião de uma corrente do ISEF, a reestruturação dos planos de estudo do CC não é alheia, entra também num período decisivo.

Uma assembleia geral de escola realizada em Março passado decidiu que a 18 de Maio próximo o ISEF elegeria a assembleia de representantes e o conselho pedagógico, devendo a assembleia de representantes eleger posteriormente o conselho directivo.

O Instituto Superior de Educação Física vive com uma gestão de carácter excepcional, pois há nove anos que tem uma comissão instaladora, presidida por Melo Barreiros desde 1979 que acumula estas funções com as de presidente do Conselho Científico desde 1981.

Foi elaborada uma Lei Orgânica que já recebeu pareceres técnicos positivos das Direcções-Gerais de Contabilidade Pública e da Função Pública e que apenas precisa de ser assinada pelo ministro das Finanças e de ser promulgada.

Em todo o caso, a AGE de Março deliberou que as eleições para criação na escola de órgãos de gestão democrática se realizariam, fosse qual fosse o ponto da situação da Lei Orgânica.

Conselho de Imprensa diz que «O Crime» difamou Centro Nacional de Cultura

O Conselho de Imprensa acaba de reprovar a conduta do semanário «O Crime» por uma notícia publicada em 1986, na qual se liam «insinuações atentatórias do bom nome do Centro Nacional de Cultura».

A propósito, o CI recomenda ainda «a prática de um jornalismo enquadrado numa sociedade democrática, com respeito pelos direitos e liberdades das pessoas singulares e colectivas, e em que as notícias sejam fundamentadas e verídicas».

O que se passou conta-se em poucas palavras.

Em 28 de Novembro de 1986, o semanário acima mencionado inseriu uma notícia intitulada «Cultura versus droga», na qual se afirmava que o Centro Nacional de Cultura partia «para mais uma digressão de interesse cultural». A dado passo, lia-se o seguinte: «As más-línguas já começaram a viperinar a passeata de um mês, insinuando que alguns magnates da droga se teriam empenhado no passeio...»

O CNC alegou, então, que a notícia era «difamatória e atentatória do bom nome do Centro Nacional de Cultura (...) face ao público leitor», ao mesmo tempo que aquela entidade era apresentada como organizando excursões «à sombra de interesses culturais, embora subjacentes existam outros interesses ligados ao mundo da droga».

Constatou ainda o Conselho de Imprensa que o director daquele semanário não se pronunciou sobre a questão «apesar das instâncias do CI para que o fizesse».

Afirma a UGT Situação degrada-se no «DN»

A administração do «Diário de Notícias» está a desenvolver uma campanha de chantagem e provocações tendente a inviabilizar aquele matutino - lê-se num comunicado emitido pelo gabinete do secretário-geral da UGT, tendo Torres Couto já solicitado uma audiência urgente ao secretário de Estado da Comunicação Social.

Pormenoriza-se no comunicado que «a situação no «DN» tem vindo a degradar-se desde a posse dos novos administradores, que encetaram uma série de medidas anedoticamente rotuladas de austeridade, mas que não passam de provocações em ordem a fazer estremecer a posição responsável que os trabalhadores têm vindo a evidenciar».

SEM MILHÕES NÃO HÁ INVESTIGAÇÕES

-sustentou o prof. José Tribolet, nas Jornadas de Investigação Científica e Tecnológica

Jose Antonio Cerejo

É uma verdadeira tempestade aquilo que está a acontecer no Forum Picoas. Desde segunda-feira, a comunidade científica portuguesa está a proceder, a um ritmo alucinante, à inventariação das realidades e à discussão dos grandes objectivos de todas as áreas da investigação científica e tecnológica nacional. Para espanto dos menos atentos, as realidades são muitas vezes a imagem perfeita do sucesso e, sempre, o espelho de dificuldades quase inacreditáveis.

A escassez de recursos humanos e materiais é quase que um refrão em todas as intervenções que centenas de investigadores têm vindo a proferir desde o início das Jornadas de Investigação Científica e Tecnológica, que amanhã se encerram em Lisboa. A tal ponto que José Manuel Tribolet, catedrático do IST, falando num debate sobre «Universidade, indústria e inovação» propôs uma palavra de ordem para os meios científicos: «sem milhões não há investigação».

Citando um exemplo daquilo que é um mau serviço prestado ao desenvolvimento científico e económico do país, o Comandante Pires de Matos, da Empresa de Investigação e Desenvolvimento (EID, grupo Centrel), referiu a aquisição das três fragatas para a marinha de guerra portuguesa, em cujo valor global apenas um por cento corresponde a incorporação nacional.

Falando sobre o mesmo tema, o antigo ministro da Educação Vitor Crespo frisou que «é preciso fazer mais gastos públicos, privados e cooperativos na investigação». Um outro interveniente no debate lançou um desafio que representa simultaneamente uma acusação à falta de apoios oficiais e ao divórcio existente entre o mundo empresarial e o trabalho dos investigadores portugueses: «exponham publicamente os produtos e protótipos que foram desenvolvidos e ficaram na gaveta».

Das ciências sociais à imunologia

Apesar do inusitado e excepcional apoio que a Junta

Nacional de Investigação Científica e Tecnológica está a proporcionar ao trabalho dos jornalistas, a verdade é que o volume e a riqueza da informação que está a ser produzido nestas jornadas não deixa qualquer hipótese de tratamento diário que não seja a mera apresentação de algumas imagens soltas do que ali se está a passar.

Feita esta ressalva, diga-se, por exemplo, que nas sessões de ontem foi discutida a situação e o futuro da investigação nacional nas áreas da microelectrónica, robótica e informática, ciências agrárias, investigação científica e tecnológica e desenvolvimento regional, matemáticas aplicadas, plasma e fusão, investigação em saúde pública, imunologia e genética molecular, recursos naturais renováveis/alimentação, acústica, física das altas energias, investigação em ciências sociais.

Sobre algumas destas áreas, e começando pelo fim, aqui ficam algumas ideias sublinhadas pelos coordenadores dos trabalhos de cada um daqueles domínios.

Ciências sociais: constata-se que existe uma grande interdisciplinaridade entre os trabalhos em curso nas diferentes subáreas das ciências sociais, mas que é diminuta a transdisciplinaridade, em relação a outras ciências. Está por fazer a inventariação das grandes prioridades nacionais na investigação em ciências sociais, sendo certo que há domínios, como o da política, onde, «talvez por razões do foro da psicologia individual e colectiva», muito pouco tem sido feito. Curiosamente está para ser publicado um estudo de sociologia política portuguesa,

elaborado essencialmente por portugueses, mas será dado à estampa em Espanha.

Outro facto importante: está para breve a publicação do primeiro trabalho de análise sociológica sobre a integração dos retornados na sociedade portuguesa.

Acústica: há aspectos desta ciência que estão muito pouco desenvolvidos no nosso país e impõe-se o aprofundamento da sua investigação, nalguns casos até por razões ligadas à defesa nacional. Exemplo: acústica marinha, no que ela se relaciona com as comunicações. Regista-se uma significativa descordenação de trabalhos e recomenda-se criação de um Instituto de Acústica. Uma verificação que dá que pensar: a surdez é uma das doenças profissionais que maior crescimento tem acusado.

Física das altas energias: trata-se de uma área com grande impacto no desenvolvimento de outras ciências e que precede necessariamente os avanços da física experimental. Excelentes resultados na investigação da física das altas energias, no âmbito da adesão portuguesa ao CERN (Organização Europeia de Pesquisa Nuclear). Incompreensíveis dificuldades «em coisas tão comeczinhas como o espaço disponível para o trabalho dos investigadores».

Saúde pública: Enormes carências no domínio da virologia, onde os investigadores se contam «pelos dedos de uma mão», e onde é urgente investir. Necessidade de dotar os centros de saúde com tecnologia moderna que «ultrapasse a imagem tradicional do consultório limitado à marcação e ao aparelho de medir a tensão».

Microelectrónica e informática: uma das áreas com mais sucesso e com resultados mais visíveis. Também uma daquelas em que as carências e a falta de apoios estatais e de ligação à indústria mais se faz sentir. Muitos projectos e protótipos na gaveta por ausência de iniciativas de industrialização. Existência de uma importan-

te massa crítica e de equipas de grande mérito, internacionalmente reconhecido, mas prevalência de uma realidade que é a de o número de especialistas ser «altamente insatisfatório». Urgência de intensificar a formação de doutorados e mestrados, que «estupidamente» deixaram de ser formados no estrangeiro, como aconteceu na década de 70. Proposta de um programa mobilizador da investigação nesta área que exige 12 milhões de contos em cinco anos. O que se pede para este ano, 1,2 milhões de contos representa apenas 0,25% do orçamento das empresas públicas que se movem no sector. Obrigatoriedade de explorar correctamente as possibilidades de financiamentos comunitários e de incentivar a criação de empresas especializadas nesta área.

Imunologia: um sector extremamente avançado, segundo o presidente da INICT, Mariano Gago, e com alguns especialistas que figuram entre os mais destacados a nível mundial. Reflete-se neste momento sobre as opções estratégicas de desenvolvimento da investigação, que são características de um estágio de grande avanço. A investigação da Sida é um dos domínios em que se trabalha activamente, e com resultados conhecidos, nesta área.

Plasmas de fusão: sector ainda embrionário a nível europeu, mas em que Portugal já participa intensamente. Esperança de chegar a uma energia nuclear «limpa e com combustíveis inesgotáveis». A actual energia nuclear é para esquecer.

Investigação e desenvolvimento regional: a inovação e o desenvolvimento científico não são uma «bola mágica» e não podem só por si superar todos os bloqueamentos da sociedade portuguesa. «Para que a inovação seja de facto uma «movida» e não apenas o delírio de alguns e poucos é necessário criar «redes» e mecanismos de ligação entre aqueles que são capazes e os que têm meios para fazer coisas».

contrariando a legislação em vigor.

Logo após ter assumido a posição das Sores, a Essel vendeu a sua participação à Tate and Lyle por 2,5 milhões de contos, após o que se dissolveu em 2 de Janeiro de 1986.

Entretanto, segundo fontes envolvidas directamente em todo o processo, a Essel não liquidou integralmente à refinaria de Matosinhos o montante em débito das acções das Sores, tendo apenas feito uma entrega próxima dos 50 por cento do valor global do negócio.

Na Função Pública Diálogo com os sindicatos quer o novo director-geral

O director-geral da Administração Pública, dr. Pessoa de Amorim, visitou, a seu pedido, a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública.

Na reunião realizada, o director-geral (que, recorde-se, foi recentemente nomeado para este cargo) fez uma curta apresentação dos objectivos da nova Direcção-Geral, afirmando ser seu desejo «manter com os sindicatos da Função Pública uma relação de diálogo frequente e transparente».

Os dirigentes sindicais aproveitaram a ocasião para reafirmar o desejo de iniciar, brevemente, a negociação de importantes projectos de lei referentes à «duração e horário de trabalho», «férias, faltas e licenças» e «carreiras profissionais», salientando a degradação profissional de vastos sectores de pessoal administrativo e técnico superior.

Os dirigentes da Federação sindical defenderam, ainda, a adopção de medidas de fundo como a criação das regiões administrativas e a aprovação de um programa nacional de emprego público que garanta a estabilidade de emprego, altere o sistema retributivo e de carreiras e implemente um sistema integrado de formação profissional.

No primeiro trimestre Menos supermercados e mais pequenos

No primeiro trimestre do ano foram criados oito supermercados no Continente, menos seis do que em período homólogo do ano passado, indicam dados ontem divulgados pela Direcção-Geral do Comércio Interno.

A maioria das unidades constituídas localiza-se nos distritos de maior densidade populacional, ou seja, Porto e Lisboa, com quatro e dois supermercados, respectivamente, pertencendo as restantes a Aveiro e Setúbal.

O estudo sublinha que a maioria destas novas unidades, metade das quais pertence a sociedades por quotas, apresenta áreas inferiores a 400 metros quadrados, acompanhando a tendência manifestada em períodos anteriores para a constituição de unidades de pequena dimensão.

Um quadro comparativo dos supermercados criados nos primeiros trimestres de 1986 e 87 indica que os de dimensões inferiores a 400 metros quadrados passaram de 71,5 por cento para 87,5 por cento do total de unidades.

Razões de política comercial, renovação de equipamento existente e aproveitamento de iniciativas locais são os três factores que o estudo admite estarem a influenciar esta tendência.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48\$90	54\$90
ALEMANHA FED. (marco)	76\$70	77\$90
AÚSTRIA (xelim)	10\$90	11\$10
BÉLGICA (franco)	3\$497	3\$747
BRASIL (cruzado)	3\$700	6\$200
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	102\$80	105\$30
(notas de 5 a 1000)	103\$30	105\$80
DINAMARCA (coroa)	20\$40	20\$80
ESPAÑA (peseta)	1\$067	1\$187
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	137\$80	141\$30
(notas de 5 a 1000)	138\$30	141\$80
FINLÂNDIA (marka)	31\$50	32\$15
FRANÇA (franco)	22\$95	23\$75
HOLANDA (florim)	68\$05	69\$15
IRLÂNDIA (libra)	206\$25	210\$25
ITÁLIA (lira)	\$096	\$111
JAPÃO (iene)	\$940	\$995
NORUEGA (coroa)	20\$65	21\$15
REINO UNIDO (libra)	230\$70	235\$90
SUÉCIA (coroa)	22\$00	22\$50
SUÍÇA (franco)	93\$35	95\$85
VENEZUELA (bolívar)	4\$50	5\$50

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Estado lesado na venda da Sores

Documentos, cujo teor essencial foi ontem divulgado pela agência Lusa, revelam que o processo de venda de 43 por cento da Sores à multinacional Tate and Lyle, em 1984, poderá ter lesado, indirectamente, o Estado português em centenas de milhares de contos.

A Tate and Lyle, originária da Grã-Bretanha, adquiriu há cerca de dois anos 247 794 acções da Sores por 2,5 milhões de contos, culminando um processo de venda em que estiveram envolvidos uma empresa do Grupo Espírito Santo Ressources, a Essel, e o Banco Espírito Santo e

Comercial de Lisboa, credor e avalizador das acções da Sores.

A participação na Sores, adquirida pelos ingleses, foi alienada pela refinaria de Matosinhos, uma empresa inactiva desde 1967, maioritariamente na posse da Sociedade Agrícola do Casseque, que teve sede em Catumbela, Angola, e escritórios em Lisboa até 1975.

As acções da Sores foram inicialmente vendidas à Essel — estudos e serviços por 623 323 329 escudos e, pouco depois, vendidas à Tate and Lyle por 2,5 milhões de contos, gerando-se na transacção uma

mais-valia superior a 1,8 milhões de contos.

Todo o processo de venda da Sores — segundo documento a que a Lusa teve acesso — está, no entanto, viciado de ilegalidade, por a Essel ter sido adquirida em 29 de Novembro de 1985 pela Espírito Santo Ressources Limited, com sede em Nassau, nas Bahamas.

Naquela data, a Espírito Santo Ressources passou a controlar praticamente a maioria absoluta do capital da Essel, sem qualquer tipo de autorização especial do Instituto de Investimento Estrangeiro ou do Banco de Portugal,



A Colômbia é o maior fornecedor de cocaína ao mundo inteiro, mas começa a sofrer os problemas do consumo de droga no país. Na foto, um drogado deitado no chão junto a uma parede com a inscrição «viva a droga».

O Conselho Municipal da cidade italiana de Turim decidiu incluir os preservativos na tabela de «artigos de tabacaria», medida através da qual visa incentivar a prevenção contra a Sida. O facto de, a partir de agora, os preservativos poderem ser expostos ao lado dos artigos tradicionalmente à venda nas tabacarias, como cigarros, pastilhas elásticas e rebuçados, causou o espanto de alguns sectores da população de Turim, cidade tida como muito conservadora. A medida foi considerada bastante ousada, até porque a ideia partiu de uma mulher, a assessora camarária para o comércio. Esta decisão vem na sequência de uma outra, do Ministério italiano do Comércio e da Indústria, de incluir os preservativos e os absorventes íntimos para mulheres na tabela de «artigos de higiene pessoal».



A irmã do militante do Ira P. durante o assalto a uma esquadra de ajuda a transportar o caixão na County Tyrone.

Antibióticos podem facilitar a SIDA

O especialista grego em homeopatia, George Vythoulkas, afirmou que a utilização excessiva e indiscriminada de antibióticos receitados a pessoas com infecções de menor importância, tinha facilitado o surto de Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (SIDA). O co-fundador da Fundação Internacional de Homeopatia nos Estados Unidos, em 1978, e da Academia de Homeopatia Clássica em Londres, em 1981, declarou recentemente à Imprensa de Atenas: «Durante 14 anos repeti, incansavelmente, em conferências por mim proferidas em todo o mundo que, se os antibióticos continuarem a ser receitados em tão grande profusão, isso terá um efeito desastroso no sistema imunitário dos doentes». O cientista, de 55 anos, salientou que o prolongado uso de antibióticos fortes tinha causado mutações nos microrganismos úteis ao organismo, «transformando-os no vírus da SIDA». Vythoulkas disse não ser uma coincidência que certos grupos sociais, nomeadamente os homossexuais, prostitutas e heterossexuais promíscuos, obrigados a recorrer com frequência a antibióticos devido a contraírem facilmente doenças venéreas, constituíam grupos de alto risco. O cientista acrescentou que os toxicómanos enfraqueciam o organismo pelo uso de drogas fortes e que as crianças infectadas por SIDA ou tinham o sistema de defesa imunitário enfraquecido devido ao uso excessivo de medicamentos «por dá-cá-aquela-palha» ou herdaram dos pais um sistema imunitário demasiado fraco.

Duplo transplante de coração e pulmões

Um doente recebeu pulmões e coração doados e deu o seu coração a um doente cardíaco, na primeira operação do género na história dos transplantes de órgãos, foi anunciado em Washington. Segundo os médicos, os dois pacientes — em estado crítico mas estável, como é normal nestes casos — estão bem e deverão ser capazes de conversar sobre as suas operações dentro de sete a dez dias. Clinton House, de 28 anos, com os pulmões destruídos por uma fibrose cística, recebeu os pulmões e coração de um homem morto em acidente de trânsito e deu por sua vez o coração a John Couch, de 38 anos, que mantém o seu coração doente a trabalhar com o novo órgão. A operação, em paralelo, feita no hospital universitário John Hopkins de Baltimore, levou 17 horas. Segundo o cirurgião William Baumgartner, director do Serviço de Transplantes Cardiopulmonares do hospital, «os dois doentes estão bem».

Baumgartner foi um dos cirurgiões que fizeram o transplante dos corações entre os dois homens e transplantaram o coração e pulmões do morto em acidente de trânsito.

Conferência europeia sobre população

A Conferência Europeia sobre População, subordinada ao tema «questões e perspectivas», realiza-se em Jyväskylä, na Finlândia, de 11 a 16 de Junho, nela participando cerca de 500 delegados do continente europeu, revelou a comissão organizadora. Na conferência serão abordados temas como a elaboração do recenseamento, as previsões demográficas, o modelo de família e outros de cariz político, designadamente a emigração, alterações do estilo de vida, a dinâmica da participação da força laboral e o declínio da fertilidade e o envelhecimento da população europeia. A convenção de Jyväskylä será a primeira do género em que participam conjuntamente cientistas conceituados e representantes do sector público e privado que debaterão questões demográficas de interesse mútuo.

Rodeados de fortes medidas de segurança

MINISTROS DA NATO ANALISAM NA NORUEGA PROPOSTAS SOVIÉTICAS SOBRE DESARMAMENTO

Os ministros da Defesa e chefes militares da NATO reúnem-se hoje e amanhã em Stavanger, na Noruega, para analisar questões relacionadas com as futuras negociações Leste-Oeste em matéria de desarmamento. No centro das discussões encontra-se a questão do desarmamento nuclear na Europa e o problema levantado pela proposta soviética da «Opção Zero» no domínio nuclear.

Os aliados tentarão obter um acordo neste domínio devendo em seguida informar a administração norte-americana através do secretário de Estado da Defesa, Caspar Weinberger.

No entanto, as negociações entre os ministros da Defesa deverão visar não só a questão do futuro arsenal nuclear, que os aliados desejam manter na

Europa a título de força de dissuasão, mas também a questão do equilíbrio das armas convencionais no velho continente.

Vários ministros da Defesa, e nomeadamente o alemão Manfred Woerner e o holandês Van Eekelen, adoptaram recentes posições radicalmente diferentes das dos respectivos

chefes de diplomacia.

Os ministros dos Negócios Estrangeiros alemão federal, Hans Dietrich Genscher, e holandês, Hans Van Den Broek, favoráveis a uma negociação imediata sobre desarmamento nuclear, armas nucleares de médio e curto alcance, veem os seus pontos de vista contestados pelos ministros da Defesa, favoráveis à manutenção de uma força nuclear na Europa e ao estabelecimento de um equilíbrio Leste-Oeste no domínio convencional.

Estas divergências, assim como a ausência da França nas reuniões do Grupo dos Planos de Defesa, impedirão a obtenção imediata de um acordo entre os aliados.

O adiamento de uma tomada de posição parece inevitável

sobretudo porque os ministros dos Negócios Estrangeiros deverão reunir-se em Reiquejavique, Islândia, a 11 e 12 de Junho, para abordar o tema no quadro político.

A recente proposta soviética, de proceder a uma retirada das armas nucleares de curto alcance, suscita também o ceticismo dos militares para os quais o equilíbrio de forças se deverá verificar não só no quadro nuclear mas também no campo convencional onde a superioridade do Pacto de Varsóvia é reconhecida pelos Estados membros da Aliança Atlântica.

«Guerra das Estrelas»

O Presidente Ronald Reagan disse ao Congresso que um es-

McFarlane reafirma que Reagan estava ao corrente da operação Irão-«contras»

O presidente Reagan encoraja frequentemente os seus auxiliares a ajudarem os «contras» nicaraguenses e foi informado pormenorizadamente sobre operações rebeldes, numa altura em que era proibido o auxílio militar norte-americano — reafirmou Robert McFarlane.

No terceiro dia de declarações em audições do Congresso sobre o escândalo Irão-«contras», o antigo conselheiro de Segurança Nacional disse também pensar que era contrário à lei o auxílio aos rebeldes pelo Conselho de Segurança Nacional da Casa Branca ou por qualquer outra

agência de serviços secretos dos Estados Unidos.

Acrescentou que Reagan lhe pedira frequentemente, enquanto chefe do Conselho, que fornecesse auxílio não especificado aos rebeldes anti-sandinistas. Disse que informou o presidente, em dezenas de ocasiões, sobre a situação dos rebeldes.

Reagan negou saber que fundos de vendas secretas de armas ao Irão, feitas na esperança de que fossem libertados reféns norte-americanos no Irão, tivessem sido desviados para ajudar os «contras» e que funcionários dos Estados Unidos tivessem pedido dinheiro para os rebeldes nicaraguenses a governos estrangeiros.

McFarlane, que tentou suicidar-se em Fevereiro devido ao seu papel no escândalo Irão-«contras», respondia a perguntas do congressista William Boland, autor da lei que impediu o auxílio norte-americano aos «contras».

Entretanto o presidente Reagan afirmou que o rei Fahd, da Arábia Saudita, levantou a questão do auxílio saudita aos «contras» nicaraguenses, num encontro em 1985 na Casa Branca, informando-o de que ia aumentar a ajuda.

Reagan disse a jornalistas que não pedira ao monarca saudita que auxiliasse os «contras».

Exército toma o nas ilhas Fiji

O Exército das ilhas Fiji, nação o poder através de um golpe de Estado.

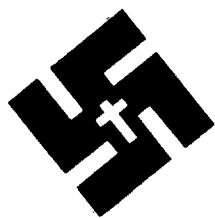
O golpe de Estado ocorreu quatro dias depois do primeiro governo de maioria imediata de regime de um partido dominado.

O golpe de Estado, realizado, «ações, pelo tenente, coronel Sitiveni nas de manifestações e marchas de naturais do arquipélago, pedindo a garantir a liderança fijiana no país».

Entretanto, um comunicado emitido em Suva disse que as Forças Armadas evitaram distúrbios e derramamento de sangue.

Um correspondente da agência (AAP, em Suva informou que um «dez soldados forçaram a entrada no primeiro ministro, Timoci Bavadra, destino se ignora».

As comunicações entre as Fiji, 332 ilhas, 2.000 quilómetros a n. territórios vizinhos, foram posteri-



Barbie diz que está detido ilegalmente e recusa-se a comparecer em tribunal

O julgamento do antigo responsável da Gestapo em Lyon, Klaus Barbie, começou sem o réu, após uma interrupção em que este recusou permanecer no tribunal, afirmando estar detido ilegalmente em França.

O terceiro dia da audiência foi interrompido quando Barbie, acusado de crimes contra a Humanidade, afirmou ter sido raptado na Bolívia.

«Estou detido aqui ilegalmente. Sou vítima de um rapto», afirmou ao tribunal.

A audiência começou mais tarde sem ele, embora a lei francesa permita que um juiz determine a presença do réu.

Na sua declaração, lida em alemão, Barbie disse: «Gostaria de vos dizer que sou um cidadão boliviano e que, se me encontro hoje aqui, é porque fui ilegalmente expulso».

Barbie está retido na prisão de St. Joseph, em Lyon, desde que foi expulso da Bolívia, em 1983.

«Coloco-me nas mãos do meu advogado, apesar do clima de vingança e da campanha e linchamento encabeçada pelos órgãos de informação franceses. Compete, portanto, ao meu advogado defender-me e lutar pela honra da justiça», afirmou Barbie.

«Não tenho a mínima intenção de regressar a este tribunal. Peço-vos que me permitam regressar à prisão de St. Joseph».

Segundo os regulamentos franceses, um réu não é obrigado a estar presente no tribunal durante o seu julgamento.

Entretanto, numa entrevista à agência noticiosa Reuter, o antigo vice-ministro boliviano do Interior, Gustavo San-

chez Salazar, que há quatro anos expulsou Barbie do seu país, afirmou que o antigo oficial da Gestapo e outros como ele tinham exportado as práticas nazis para a América Latina.

Sanchez encontra-se em Lyon para depor como testemunha de acusação.

«O julgamento permitirá que denunciemos os dirigentes nazis que transportaram a sua guerra suja da Europa

para a América Latina», afirmou.

«Não vim para me vingar, mas para dizer ao tribunal que Barbie também cometeu crimes no meu país», acentuou.

Barbie, sob uma identificação falsa fornecida por serviços secretos norte-americanos, fugiu para a Bolívia em 1951 e foi naturalizado com o nome de Klaus Altman em 1957.

Em 1983, Sanchez, membro do governo de esquerda de Herman Siles Suazo, expulsou Barbie por ter obtido nacionalidade boliviana com uma falsa identificação. O antigo dirigente nazi foi colocado a bordo de um avião para a Guiana Francesa, onde as autoridades francesas prenderam o «carniceiro de Lyon».



Klaus Barbie à saída do tribunal onde está a ser julgado.

África do Sul

Igreja anglicana desafia o Governo sobre o arcebispo Tutu

A Igreja Anglicana desafiou o governo sul-africano a despejar o arcebispo Desmond Tutu, da sua mansão na Cidade do Cabo, por se encontrar numa zona reservada a brancos.

Depois da vitória eleitoral do seu partido, a semana passada, o governo deu ordens aos senhores para despejarem os negros, mestiços e indianos que se mudaram para zonas residenciais só para brancos.

O Estado pode leiloar os prédios se os proprietários se recusarem a cumprir as ordens, emitidas ao abrigo da lei vigente que estabelece zonas de residência separadas para os grupos raciais do país.

A Igreja Anglicana desafiou o governo a aplicar as mesmas regras a Tutu, o mais conhecido inquilino «ilegal» da África do Sul.

As pessoas classificadas como não brancas podem por vezes obter autorização para viver nas zonas brancas, mas muitas, entre elas o Prémio Nobel da Paz, recusam-se a requerer essa licença.

Tutu mudou-se para a mansão do século XVII,

Bishopscourt, rodeada de jardins luxuriantes e situada num bairro da elite, quando, em 1986, ao ser entronizado arcebispo do Cabo, se tornou no primeiro chefe negro da Igreja Anglicana da África do Sul.

«Pomba da paz» para Winnie Mandela

O cantor norte-americano Harry Belafonte recebeu em Roma a «Pomba de Ouro da Paz» atribuída à activista sul-africana negra Winnie Mandela.

Prémio patrocinado pelo Arquivo do Desarmamento e pela Liga de Cooperativas italiana, a «Pomba de Ouro» não foi entregue directamente à mulher de Nelson Mandela, líder histórico do ANC, porque as autoridades de Pretória lhe negaram o visto de saída da África do Sul.

Além de cantor de renome, Harry Belafonte tem-se distinguido pelo seu empenho na luta anti-apartheid e é um dos fundadores da associação «USA for Africa».

24 HORAS



Ian Smith abandona partido

O ex-Primeiro-Ministro rodesiano Ian Smith anunciou ter abandonado a presidência da Aliança Conservadora do Zimbábue e o seu grupo parlamentar de 14 membros, renunciando a uma carreira política de 39 anos. Smith, de 68 anos, suspenso o mês passado do Parlamento por um ano, disse que será substituído nos dois cargos pelo vice-Presidente Mark Partridge até à realização do próximo Congresso do partido, «onde a posição poderá ser formalizada». Falando aos jornalistas, declarou que continuará activo na política, embora tencione concentrar-se mais na administração da sua herdade, situada no sul do país. O homem que dirigiu a rebelião branca que declarou unilateralmente a independência da ex-colónia britânica da Rodésia do Sul disse que a sua demissão se deveu principalmente à reacção «vingativa» do Governo às suas declarações contra as sanções à África do Sul.

Controlada SIDA em estrangeiros na RFA

A ministra alemã federal da Saúde, Rita Suessmuth, disse que a Sida não pode ser combatida com o isolamento da RFA, criticando o Ministério do Interior por decidir fazer testes na fronteira a estrangeiros que pretendam visitar o País. Numa conferência de imprensa para lançamento de um novo livro sobre a Sida — o síndrome da imunodeficiência adquirida — Suessmuth disse que a confirmação pelo Ministério do Interior de que a Polícia de fronteira tem poder para recusar entrada a todos os estrangeiros doentes ou portadores do vírus provocou irritação e agravou a preocupação das pessoas em geral.

Filipinas: oposição recusa derrota

Os soldados filipinos foram proibidos de tomar parte em comícios da oposição, enquanto os adversários da Presidente Aquino, recusando aceitar uma derrota eleitoral, prometeram realizar a sua própria revolta de «poder popular» como a que levou Aquino ao poder. O chefe das forças Armadas, general Fidel Ramos, advertiu que os soldados que participassem em protestos ficariam sujeitos a sanções legais e os que usassem armas seriam «desarmados e detidos». Ramos fez a advertência horas antes de o antigo ministro da Defesa Juan Ponce Enrile e outros dirigentes oposicionistas deverem sair para as ruas protestando contra a alegada fraude maciça nas eleições legislativas de segunda-feira.

Kaunda nega pressionar Luanda

O Presidente da Zâmbia, Kenneth Kaunda, negou que o seu Governo tivesse pressionado Luanda para negociar com a UNITA a reabertura da linha de ferro de Benguela. O líder da UNITA, Jonas Savimbi, afirmou que a Zâmbia e o Zaire haviam insistido com o Governo angolano para que iniciasse conversações com os rebeldes sobre a reabertura da estratégica via férrea. «Não pedimos ao MPLA que falasse com Savimbi», assegurou o Presidente zambiano, durante uma conferência de imprensa em Lusaca. Acrescentou que «A Zâmbia e o Zaire não têm obrigação moral de pressionar o MPLA para falar com Savimbi».

Estudantes protestam na Coreia do Sul

Perto de 10.000 estudantes realizaram comícios e enfrentaram a polícia, em violentos protestos anti-governamentais ontem ocorridos em toda a Coreia do Sul — revelaram testemunhas e órgãos de Informação. A agência noticiosa Yonhap referiu que cerca de 6.000 estudantes participaram em comícios e manifestações anti-governamentais em 21 universidades do país, mas aparentemente a notícia peca por defeito. Só em Seul, mais de 6.300 estudantes de três universidades realizaram comícios anti-governamentais e defrontaram a Polícia de choque, disseram testemunhas.

a o poder

nação do Pacífico Sul, assumiu hoje de Estado, anunciou o Ministério da

quatro semanas depois da eleição bria indiana e que pôs fim a 16 anos minado por filijanos polinésios.

ado, segundo as primeiras informações, Rabuka, seguiu-se a semanas de protesto, organizadas pelos mudanças constitucionais para o país.

do emitido pelo Ministério do Interior Armadas tomaram o poder para o de sangue.

gência Australian Associated Press e um coronel do Exército e cerca de ada no Parlamento e sequestraram o Bavadra, e o seu gabinete, cujo

Fiji, nação composta por cerca de ps a norte da Nova Zelândia e os posteriormente cortadas.

Futebol

POUCAS REALIDADES E ALGUNS SONHOS QUANDO SÓ FALTAM 270 MINUTOS

Cerca de três dezenas de clubes espalhados pelos três principais escalões do futebol português vivem actualmente o momento do aluno cáculo que tem de enfrentar os exames decisivos com a matéria mal estudada.

Alguns deles já chumbaram o desafio da regularidade e vão ter de repetir o sacrifício no escalão inferior onde nova preparação (ou lição) os espera, enquanto a maioria guarda para as últimas três partidas a réstia de esperança de uma época de sobressalto.

No lugar de destaque estão outros, bem menos, que já festejam o êxito de uma promoção ansiada ao longo de trinta penosas jornadas, mas o curioso destes exames finais é que os alunos concorrentes são quase sempre repetentes.

O Elvas, por exemplo, conhece bem o caminho de onde veio ainda no ano passado: No lugar do sonho vivem ainda quatro clubes - Braga (21 pontos), Rio Ave e Salgueiros (20) e Farense (19) - à excepção dos bracarenses, todos eles conheceram recentemente as agruras da segunda divisão.

Os de Braga, ensinados pelo antigo «professor» do Sporting Manuel José reúnem à partida as melhores hipóteses de se manterem entre os grandes quase sem necessitarem de estudar para o outro exame definitivo e incómodo que se chama «liguilha».

Mas em três jornadas tudo ainda é possível e se o Spor-

ting de Braga não se pode distrair como o fez em 27 jornadas, já o Rio Ave, o Salgueiros e o Farense sentem que o espectro da descida e a hipótese da «liguilha» é o seu destino imediato.

O Braga tem a seu favor o facto de jogar em «casa» duas vezes mas se uma delas lhe diz directamente respeito (com o Farense), o outro é frente ao Benfica, cujo único «problema» é o de querer ser campeão nacional. O jogo que o Braga terá fora do Estádio 1.º de Maio é em «casa» do Elvas, o tal antecipadamente condenado.

Rio Ave e Salgueiros travam-se de razões já no próximo domingo mas a vantagem vai para os salgueiristas não só por jogarem agora e perante o Boavista e terem como adversário (fora) a Académica, mas porque a sua experiência nestas andanças da sobrevivência é consideravelmente maior.

A turma de António Moraes

apenas recebe a Académica (em casa) para depois, na derradeira jornada, viajar ao Algarve para defrontar o Portimonense.

O panorama para o Farense é bastante mais sombrio com duas visitas a terrenos como o do Braga e do Varzim, que apenas perdeu uma vez em casa, e ser anfitrião de um FC Porto em vésperas da partida para a final da Taça dos Campeões Europeus e nunca se sabendo se ainda com o sonho da reconquista o título a mover-lhe o espírito.

Divisão 2

Na segunda divisão, a festa já começou, primeiro para o Sporting da Covilhã (Zona Centro) e pouco depois para o Vitória de Setúbal (Zona Sul), curiosamente, dois dos clubes que haviam deixado a primeira divisão ainda na época passada. Foi um regresso imediato e concludente somando neste momento o Covilhã 43 pontos e o Setúbal 42, mais nove e oito pontos, respectivamente, dos que os que lutam ainda pela «liguilha» - Beira-Mar e Estrela da Amadora.

Na Zona Centro, o Beira-Mar com 34 pontos terá um sério concorrente no Feirense (33) para disputar a «liguilha», enquanto na Zona Sul, o Estrela da Amadora (34) tam-

bém não se pode distrair perante um Esperanças de Lagos (32) com uma ponta final de luxo

Quanto à Zona Norte, o Sporting de Espinho (36 pontos), treinado por Quinho encontra-se em riscos de não deixar escapar a oportunidade de subir automaticamente ao escalão principal, enquanto o Penafiel (33) e o Gil Vicente (32) travam-se de razões por um lugar no torneio de competição.

Em «piores lençóis» está aquela dúzia de clubes que vive próximo da terceira divisão se bem que alguns como o União de Santiago (19) e o Samora Correia (18) na Zona Sul tenham antecipadamente marcado o lugar.

Na Zona Centro os principais candidatos à descida são cinco: Académico de Viseu e Estrela de Portalegre, ambos com 23 pontos, Mangualde e Almeirim (21) e Guarda (20) e para qualquer deles as últimas três batalhas serão de «vida ou de morte».

Com o mesmo problema na Zona Norte, debatem-se o Aves e o Lixa com 24 pontos, o Lourosa (23), o Paços de Ferreira (22) e o Trofense (21) e tudo indica que deverá ser entre estes que a terceira divisão vai conhecer novos clubes.



Cruyff: o retorno à glória

Taça das Taças:

Ajax, 1 - Lokomotiv de Leipzig, 0

Ajax voltou ao pódio europeu

Um golo de cabeça do «bota de prata» Marco Van Basten, no seu adeus ao Ajax de Amsterdão, garantiu, em Atenas, a conquista da Taça das Taças em futebol pelo clube holandês, com uma vitória (1-0) frente ao Lokomotiv de Leipzig, da RDA.

O avançado holandês, de 22 anos, que na próxima temporada vai envergar a camisola do AC Milão de Itália, apontou o único tento da partida, aos 20 minutos, num golpe de cabeça junto às redes da baliza de René Muller e depois de um cruzamento rápido da direita de Silooy.

Basten, que marcou assim o seu sexto golo pelo Ajax esta época na Taça das Taças, garantiu ao Ajax a sua primeira vitória naquela competição europeia, depois de o famoso clube holandês ter conquistado na década de 70, por três vezes consecutivas, a

Taça dos Campeões Europeus.

PO técnico do Ajax, Johan Cruyff, responsável pelos êxitos do clube nos anos setenta, mostrou-se muito nervoso nos últimos minutos do desafio, permanecendo em pé até ao apito final do árbitro Luigi Agnolin, que teve uma actuação positiva.

As equipas alinharam:

AJAX: Menzo: Silooy, Verlaet, Rijkaard e Peter Boeve; Winter, John Van't Schip, Wouters e Marco Van Basten; Arnold Muhren (Arnold Scholten 82) e Rob Witschge (Dennis Verkaamp 70).

LOKOMOTIV LEIPZIG:

René Muller; Kreer, Frank Baum, Lindner e Uwe Zoetzsch; Uwe Bredon, Heiko Cholz, Matthias (Dieter Kuehn 77) e Frank Edmond (Joerg Lietzke 54); Hans Richter e Olaf Marschall.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA 2.º JUÍZO

ANÚNCIO

O DOUTOR FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA, Juiz de Direito do Segundo Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa:

FAZ SABER, que pela primeira secção correu termos um auto de Carta Precatória vinda do Tribunal do Trabalho de Tomar e registada sob o n.º 16/87, extraição dos autos de execução de sentença n.º 31/86 e que são exequentes ARMENIA DE JESUS MAURICIO LOPES, residente em Cova da Iria - Fátima e executados DURINDA MARTINS DA CRUZ ARCANJO e marido JORGE CANAS ARCANJO, residentes na Rua D. Estefânia, n.º 121-A, em Lisboa.

Que por despacho de quatro de Maio de 1987, do Martimino Juiz de Direito, deste Tribunal, foi designado o dia ONZE DE JUNHO DE 1987, pelas DEZ HORAS, à porta deste Tribunal do Trabalho de Lisboa, sito, Av.º Almirante Reis, n.º 130-5.º, a arrematação por hasta pública (1.ª FRAÇA), do bem abaixo mencionado pelo valor de 650 000\$00 (seiscentos e cinquenta mil escudos), o qual será entregue a quem maior preço oferecer acima do indicado, penhorando nos autos de execução de sentença acima indicado em 11 de Junho de 1986.

SEM FUNDAMENTO A VENDER O direito ao trespasso e arrendamento do BAR JODOR, sito, Rua D. Estefânia, n.º 121-A, em Lisboa, em que é arrendatário Durinda Martins da Cruz Arcanjo e proprietário Jorge Canas Arcanjo, ambos executados, no qual pagam e renda mensal de 60 000\$00 (seisenta mil escudos).

Pelo presente anúncio fica o proprietário das instalações à venda obrigado ao precatório no art.º 891.º do C.P.C., ficando ainda os executados e proprietário notificados, como preferentes, da referida VENDA POR HASTA PÚBLICA - 1.ª FRAÇA - nos termos do art.º 892.º do C.P.C., bem como, do constante no art.º 893.º, do mesmo Código.

1.ª Secção do 2.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, aos 6 de Maio de 1987

O JUIZ DE DIREITO, Francisco Alves de Almeida

O Escrivão Adjunto, António Neves Ferreira

"D.L." 1.ª Pub. - 14-5-87

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

Proc. 203/87 CIT-0 4.º Juízo 1.ª secção

FAZ-SE SABER que pelo Quarto Juízo-Primeira Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correu seus termos um auto de Contrato Individual de Trabalho com processo Ordinário, registado sob o número de ordem 203/87, em que são autores JOÃO ALBERTO DOS REIS DÓRIA DE MIRANDA residente no Largo de Santos, 13-3.º - Lisboa e ANTONIO VITOR DE ALMEIDA residente na Av. de Roma 86-5.º E - Lisboa e Ré SOLSECA - PESCA E SECAGEM DE BACALHAU LDA, cuja última sede conhecida foi na Rua Marquês da Fronteira 117-1.º Esq. - Lisboa, e nele correm editos de trinta dias, citando a Ré acima identificada, a qual tem o prazo de DEZ DIAS, decorridos os dos editos, para contestar a acção acima referida, sob pena de não o fazendo, serem dados como confessados os factos articulados na petição inicial e que consiste em pagar ao 1.º Autor a importância de Esc.: 1 748 070\$30 de percentagem de pescado e Esc.: 168 000\$00 de remuneração de base não pagas e ao 2.º Autor a importância de Esc.: 597 500\$00 de percentagem de pescado, Esc.: 48 000\$00 de férias e folgas e Esc.: 192 000\$00 de retribuições de base não pagas.

O duplicado da petição inicial ficará ao dispor da Ré nesta Secção de processos.

Para constar se passou o presente anúncio que vai ser devidamente publicado.

Lisboa e Quarto Juízo - Primeira Secção do Tribunal do Trabalho aos vinte e oito de Abril de mil novecentos e oitenta e sete.

O Juiz de Direito (Substituto)

Alvaro de Azevedo Soares

A Escrivã Adjunta

Olga Manuela Gomes Pereira Nunes

DL - 2.ª Pub. 14-5-87

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS

DOS

EMPREGADOS DO ESTADO

PRAÇA DO COMÉRCIO, 8 (Junto ao Arco)

TELEF.: 32 82 81 - LISBOA 2

CONVOCATÓRIA

Nos termos e para efeitos da primeira parte do § 1.º do artigo 81 do Estatuto, convoco os sócios a reunirem em Assembleia Geral ordinária, no dia 28 do corrente mês pelas 18 horas, na sede da Associação, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- 1 - Aprovação do Relatório e Contas do ano de 1986;
- 2 - Proposta de aumento de quotas;
- 3 - Outros assuntos de interesse para a Associação.

Na falta de número legal de sócios, a Assembleia Geral efectua-se uma hora depois com qualquer número de sócios, conforme § único do artigo 82 do Estatuto.

Lisboa, 8 de Maio de 1987

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Eng. António Luís Salazar Félix da Cruz

NUTRIVAC - COMÉRCIO E INDÚSTRIA PRÓ-ALIMENTAR, LDA

Cópia extraída da acta n.º 9 da assembleia geral da NUTRIVAC - Comércio e Indústria Pró-Alimentar, Lda.

Acta N.º 9

Aos 30 dias do mês de Setembro de 1986 reuniu a assembleia geral da NUTRIVAC - Comércio e Indústria Pró-Alimentar, Lda., estando presente a totalidade do capital social, com o fim de deliberar a mudança da sua sede social, a partir do dia 1 de Outubro de 1986, para a Rua Filipe Folque, 10, 1.º esquerdo.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a assembleia geral, da qual se lavra a presente acta.

Lisboa, 30 de Setembro de 1986

(Seguem-se duas assinaturas).

Está conforme ao original.

19.º Cartório Notarial de Lisboa, 8 de Abril de 1987

O Ajudante,

Eng. Jorge Filipe Carneiro

TRIBUNAL JUDICIAL DO SEIXAL ANÚNCIO

Carta Precatória para Arrematação n.º 291/86

1.ª Secção - 1.º Juízo Exequente: Companhia de Seguros Império EP Executada: Natália Fernandes Silva Dóres Rosa

No dia 25 de Maio, pelas 15 h, neste Tribunal Judicial, e nos autos acima identificados, que a exequente Companhia de Seguros Império, EP move à executada Natália Fernandes Silva Dóres Rosa, residente na Urbanização Maria Ermelinda Silva, Lote 3, 6.º, Dt.º Foguetiro, Seixal, há-de ser postos em praça pela 1.ª vez para se arrematarem ao maior lance oferecido acima do valor indicado nos autos, 1 móvel de estilo antigo com duas cristaleiras e 1 televisor a cores marca ITT - Ideal Color, penhorados à referida executada.

Seixal, 87-05-06.

O Juiz de Direito do 1.º Juízo Manuel Raposo Fernandes

O Escrivão

Illegível

D.L. - 14-5-87 - 2.ª Pub.

CONSORCIO COMERCIAL DE MÁQUINAS, LDA.

CONVOCATÓRIA

Por este meio e de acordo com o Artigo 14.º do Pacto Social é convocada a Assembleia Geral Ordinária dos sócios do CCM - Consórcio Comercial de Máquinas, Lda., para reunir na sede social, sita na Av.º Sacadura Cabral, 25, A/E, em Lisboa, pelas 15.00 horas no dia 22 de Maio de 1987 com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

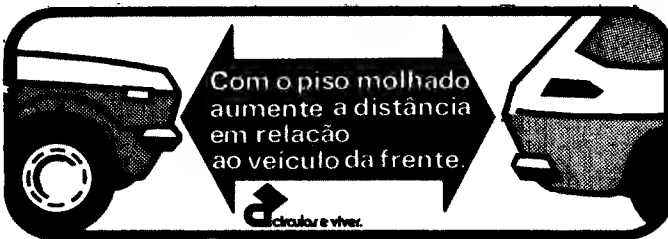
- Apreciação e votação do Balanço e Contas referente ao exercício de 1986.

Lisboa, 14 de Maio de 1987

ALUGO QUARTO

CENTRO DE LISBOA

Tel. 82 12 18



Casos e figuras do futebol

NÃO HÁ NÓ QUE RESISTA NA "BOLSA DE PRÉMIOS"

É isso amigo leitor! Quando restam 270 minutos para soar o silvo derradeiro dos campeonatos futebolísticos cá do burgo, eis que se agitam leques de notas prontas a apresentar os artistas que permitam certos «milagres». Assim podemos assegurar que um «grupo de amigos» — adivinhem de onde — terão prometido 1000 contos a cada jogador do Belenenses no caso de vencerem o Benfica no encontro do próximo domingo e para os rapazes do Marítimo estará prometido um cheque de 2000 contos dado por um «grupo de benfiquistas» se vencerem o FC Porto e em caso de empate a «parada» baixará para um pouco menos.

Entretanto, também estamos em condições de afirmar que o prémio oficial para os «dragões» no caso de trazerem a cobiçada taça destinado ao campeão europeu será de 1000 contos. Naturalmente que, no caso de os futebolistas liderados por Artur Jorge arrecadarem o mais prestigiado troféu da UEFA, outros «donativos» surgirão e o primeiro de que temos conhecimento é de 2000 contos a distribuir pela equipa a oferecer por uma empresa cafeira do Porto.

Futebol em tempo de «vacas gordas»: uma constante que se repete quando as competições atingem o ponto nevrálgico.

Jaime Magalhães continua «dragão»

Jaime Magalhães renovou o seu contrato de trabalho com o FC Porto por mais duas épocas, revelou o vice-presidente do futebol portista, Teles Roxo, segundo o qual, o acordo ter-se-á verificado no passado fim-de-semana durante uma conversa que o jogador manteve com os principais responsáveis pelo futebol «azul e branco».

Cadorin: assina hoje

Serge Cadorin que se encontra em fase de recuperação e prepa-

ração em Alvalade, deverá assinar hoje um contrato-promessa com o grémio sportinguista ficando o clube «leonino» com direito de opção para os próximos dois anos.

Cadorin parece ter-se já adaptado ao seu futuro clube e promete abdicar das férias para permitir a mais rápida integração no plantel liderado por Burkinshaw e Fernando Mendes.

Quinito no Nice

O técnico Quinito — que sucedeu (com êxito, a António Simões, na liderança do Espinho — terá sido convidado para ir dirigir a turma francesa do Nice e a aceitação depende do acordo com os dirigentes dos «tigres» que surgirá (ou não, após conversações a ter com Manuel Barbosa, empresário de Quinito.

Caso Mapuata volta à «etapa zero»?

As últimas notícias acerca do caso Mapuata parecem apontar para anulação da anterior decisão do Conselho de Justiça que havia determinado a derrota do Belenenses (por 3-0, no encontro realizado frente ao Marítimo. A razão que estará na base de fazer



Cadorin: clinicamente apto. Quanto ao resto, ele vai mostrando o (muito) que sabe

arquivar o processo, não dando razão ao protesto apresentado pelo clube madeirense e que virá a confirmar o acerto de decisão anteriormente tomada pelo Conselho de Disciplina, prende-se com a «descoberta» dum caso idêntico ocorrido quando António Oliveira se transferiu do Bétis de Sevilha para o FC Porto. Bem, mas nada de juízos antecipados já que a decisão caberá aos 15 «juízes» do Conselho de Justiça que na próxima semana ditarão a sentença em reunião plenária.

Belenenses em assembleia

Realiza-se esta noite a assembleia geral do Clube de Futebol

«Os Belenenses» cuja convocação foi solicitada por um grupo de associados do clube com vista a serem esclarecidos de diversos actos de gestão do clube, nomeadamente no que se refere à forma como estarão a ser aplicados os altos rendimentos do bingo. Na crista da onda, estará o presidente Rosa Freire a quem Acácio Rosa e Gouveia da Veiga e alguns outros seus consócios, não deixarão de insistir nos esclarecimentos a que têm direito segundo as determinações estatutárias. Trata-se de uma sessão que não se afigura nada pacífica mas que obviamente terminará «a bem do clube».

A sessão decorrerá no Restelo e naturalmente que ela será bas-

tante participada dado o «ponto de ordem» sugerir viva contro-
vêrca e estarem em causa os interesses da colectividade.

Benfica: auditoria começou

Conforme havia sido prometido pelo dr. Marcel de Almeida (actual presidente do Conselho Fiscal do Clube, está já em curso (desde 3.ª-feira a auditoria às contas do Benfica ainda que os actuais dirigentes continuem a afirmar que este acto não envolve qualquer suspeição em relação aos anteriores dirigentes.

Entretanto, e na linha das promessas feitas no momento

eleitoral já foram empossados os membros do Gabinete Consultivo que será liderado pelo dr. Miguel Gulbenkian e completado pelos seguintes associados: dr. Carlos Machado, arquitecto Tomás Taveira, dr. Duarte leal, dr. Medina Carreira, juiz Antero Diniz, dr. Ezequiel Sousa, dr. Bagão Felix, dr. Luís A. Costa, dr.ª Maria Suzete Abreu, eng. José Figueiredo, eng. Álvaro Reis, dr. Alberto Machado e José Galvão.

Quanto à Comissão de Instalações Sociais e Desportivas é composta pelo comandante António Sequeira, Jorge Vacas e eng. Prado Quintino. Sobre a remodelação do jornal «O Benfica» aguardam-se decisões importantes a tomar pelo Conselho Editorial.

Mais cinco árbitros foram agredidos

Cinco agressores a árbitros constituem a parcela mais importante de um total de 10 incidentes registados no último fim-de-semana em recintos desportivos policiados pela Guarda Nacional Republicana.

A maioria dos incidentes ocorreram no distrito do Porto, três, seguido do de Leiria, com dois.

De maior relevância terá sido, talvez, o acontecido no encontro de futebol Gopelheira — União da Serra, no distrito de Leiria, em que o árbitro foi agredido a pontapé aos 32 minutos de jogo, por um jogador ao qual dera ordem de expulsão. O juiz da partida solicitou a intervenção do comandante da força da GNR presente no recinto, o qual identificou e notificou o agressor, que deverá comparecer em tribunal para julgamento em processo sumário.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 20/87 DE 17 DE MAIO DE 1987

Jornal da Beira: 2X1 11X 121 2112; Correio do Vouga: 2X1 111 111 1112; A Defesa: XXX 11X 1XX 1X11; O Diário: 212 112 122 22X2; Diário de Lisboa: X11 X11 1X12; Notícias de Viseu: 21X 1X1 1XX XX12; Folha do Domingo: 211 1XX 11X 1X12; Jornal de Felgueiras: X11 111 X1X X111; Jornal do Fundão: XX1 1X1 111 111X; Linhas de Elvas: 211 211 112 111X; Maria da Fonte: 2X1 111 XXX 1112; No Estúdio e no Estádio: 21X 1X1 1XX X112; Notícias de Felgueiras: X11 11X 1XX XX11; Diário de Viseu: 211 11X 11X XX1X; Clube da Manhã/RDP Comercial: XXX 1X1 1X2 X221; Manhã, Manhã/RDP Comercial: X1X 11X 2X2 22X2; Secção Desportiva/RDP Comercial: 2X1 X1X 12X X11X; Tempo de Desporto/RDP Comercial: 22X 1X1 112 XX1X; A Voz do Domingo: 2XX X11 XX1 1112; Rádio Guarda/RDP Guarda: 222 X11 X1X 2111; Sons da Madrugada/Rádio Alitude: 211 21X 112 X112; Snack Bar/Rádio Alitude: 211 X12 112 11X2; Livre e Directo/RDP Antena Um: 1X2 1X1 X12 2XX2; Tarde Desportiva/RDP

Antena Um: X1X X11 1XX 211X; Penalti: 211 111 111 1212; Jornal de Amarante: X11 11X 1X1 2111; Correio de Coimbra: 2X1 111 1X2 2212; Diário de Coimbra: 2X1 X11 1X1 XXX2; Ecos de Cacia: 2X1 111 X11 211X; Eu Sei Tudo: XX1 111 111 2X1X; Litoral: X2X 121 222 2X1X; Jornal da Lixa: XXX 11X 1XX 111X; O Mensageiro: X11 11X 1X1 X111; Estúdio 64: 111 111 111 1111; Notícias de Gouveia: 111 X11 X12 2211; Notícias de Guimarães: 221 11X 1X2 2X1X; Notícias de Évora: X11 111 1XX 111X; Notícias de Viana: 1X1 21X 1XX X112; Reconquista: 211 111 XX1 1112; Informação Desportiva/Rádio Alitude: 211 11X 111 X11X; Boomerangue/RDP Centro: 111 111 1XX X111; Programa da Manhã/RDP Centro: 11X 111 1XX 1111; Música Com Elas: /RDP Centro: 11X 11X 2X2 211X; Fotografias/RDP Centro: 21X 11X XXX 21XX; Fora de Jogo/RDP Centro: 211 111 X2X 2X11; Bola ao Centro/RDP Centro: 21X 11X 12X 211X; Grande Sábado/RDP Centro: 11X 11X 2X2 2111; Canal Mais: /RDP Centro: 11X 11X 12X 2X11;

Sintonia Desportiva/RDP Centro: 211 111 12X 2111; RR/Diário do Desporto: X11 111 11X 1X1X; RR/Bola Branca: 2XX 2X1 X21 2X12; RR/Desporto: 211 111 X11 X112; Jornal de Sintra: 2XX 11X 112 2112; Voz de Lamego: 211 111 112 2222; Fim-de-Semana Desportivo/RDP Guarda: 111 111 111 1111; Desporto Regional/Rádio Alitude: 2X1 111 1XX X112; Panorama Desportivo/RDP Guarda: 1X2 X11 X1X 12X1; Pista de Dança/Rádio Alitude: X11 111 111 1111; Comércio de Leixões: 2X1 11X 1XX 2112; De Tudo Um Pouco: 211 11X 1X2X11X; Jornal de Gaia: 2X1 XXX 1XX 12X1; Jornal da Graça: 2XX 21X 111 22X2; Primeiro de Janeiro: 1X1 111 XX2 X1X2; Quadrante Norte: X11 11X XXX 1112; Repórter do Dia: 211 111 X12 X11X; Resenha Desportiva: 2X1 X11 122 X11X; Alvo Desportivo: 111 111 111 1111; Rádio Alvo: XX1 11X XX1 X11X; Alvo: 22X X12 121 2112; Alvo Suplemento: X11 1X1 111 XX1X; A Voz dos Ridículos: X11 111 1X1 1X11; Rádio Placard: 211 111 X1X 2112.

assim vai o

totobola

	RESUMO			BOLAS (*)		
	1	X	2	1	X	2
1. Belenenses-Benfica	13	20	39	2	3	7
2. Portimonense-Guimarães	42	25	5	7	4	1
3. Salgueiros-Rio Ave	48	20	4	8	3	1
4. Académica-Chaves	52	15	5	9	2	1
5. Braga-Farense	63	8	1	10	1	1
6. Varzim-Boavista	41	28	3	7	4	1
7. Leixões-Gil Vicente	49	22	1	8	3	1
8. Fafe-Penafiel	29	28	15	5	5	2
9. Águeda-Covilhã	23	32	17	4	5	3
10. Peniche-Beira Mar	22	23	27	3	4	5
11. Guarda-U. Coimbra	45	17	10	8	3	1
12. Nacional-Montijo	59	11	2	9	2	1
13. Samora Correia-E. Lagos ..	21	22	29	3	4	5

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
211 111 11X 2112

"VUELTA": APENAS RESTAM DOIS PORTUGUESES

José Xavier foi eliminado da Volta à Espanha em bicicleta, por ter entrado fora do controlo na etapa de ontem, entre Ávila e Segóvia, na distância de 183 quilómetros.

A etapa foi ganha pelo colombiano Omar Hernandez, com 5.10,54 horas, e José Xavier cortou a meta com mais 32.55 minutos do que o vencedor.

Dado o afastamento de José Xavier, o Sporting, equipa a que o ciclista pertence, fica re-

duzido a dois corredores em prova — Jacinto Paulino e Serafim Vieira —, deixando de pontuar para a classificação colectiva.

Jacinto Paulino é o português melhor posicionado na classificação geral (73.º) lugar, 1.28,37 horas do camisola amarela, o colombiano Luis Herrera e Serafim Vieira encontra-se em 86.º, a 1.49,01 horas do líder.

Corrida da Paz

O holandês Johannes Draaijer

venceu a 5.ª etapa da Corrida da Paz em bicicleta que liga Berlim-Praa-Varsóvia, com o tempo de quatro horas, 30 minutos e 25 segundos.

O francês Philippe Delaurier foi 2.º classificado, com mais quatro segundos, seguido do alemão-democrático Uwe Raab, com mais 24 segundos.

Raab é o camisola amarela da prova, com um total de 16 horas e 42.27 minutos, seguido do alemão-democrático Olf Ludwig, com mais um segundo.

Seleção polaca presente no Troféu Joaquim Agostinho

A seleção nacional da Polónia desloca-se em Julho a Portugal, para disputar o Troféu Joaquim Agostinho em ciclismo, prova do calendário internacional a disputar na região de Torres Vedras.

A organização da prova tem já confirmada a participação de quatro equipas estrangeiras, as seleções da Polónia e

Marrocos, e equipas profissionais da Teka (Espanha) e Chez-Mazza (Suíça), estando também praticamente assegurada a deslocação da seleção da União Soviética.

A equipa soviética, que pela primeira vez participou na prova em 1986, dominou então o Troféu Joaquim Agostinho, cabendo-lhe a quase totalidade das vitórias.

A organização, a cargo do pelouro de Desporto do Município de Torres Vedras e ao

vereador Francisco Manuel Fernandes, espera a confirmação da participação das equipas portuguesas convidadas, prevendo-se que sejam sete a participar, entre as quais o Sporting e o Torreense.

Volta ao Algarve para Trabalhadores

A 5.ª edição da Volta ao Algarve para Trabalhadores, organizada pela delegação regional de Faro do Inatel, principia no sábado na capital algarvia.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Mín.	Max.	As 13 h
Bragança	5	5	0,0	P. nub.
V. Castelo	11	10	0,0	Limpo
Vila Real	8	8	0,0	Limpo
Porto	12	9	0,0	Limpo
Coimbra	12	10	0,0	P. nub.
C. Carvoeiro	15	14	0,0	Encob.
C. Branco	-	-	-	-
Portalegre	8	8	0,0	Nevoeiro
Lisboa	14	13	0,0	P. nub.
Évora	10	10	0,0	Neblina
Beja	11	9	0,0	M. nub.
Faro	15	13	0,0	Encob.
Sagres	15	15	0,0	Encob.
P. Delgada	14	13	0,0	P. nub.
Funchal	15	15	0,0	P. nub.

Temp. max. prevista para hoje: Lisboa 23, Porto 20, Faro 24, Ponta Delgada 19, Funchal 22.

NA EUROPA

	T. 7 h	Mín.	Max.	As 13 h
Madrid	9	8	Muito nub.	
Londres	7	5	Chuva	
Paris	5	3	Encoberto	
Bruxelas	6	4	Chuva	
Amsterd.	8	5	Neblina	
Ginebra	2	5	Limpo	
Roma	15	14	Pouco nub.	
Oslo	4	3	Chuva	
Copenhaga	7	4	Muito nub.	
Estocolmo	5	3	Encoberto	
Berlim	6	4	Pouco nub.	
Viena	6	6	Chuva	
Varsovia	21	8	Chuva	
Atenas	16	13	Pouco nub.	
Moscovo	16	7	Limpo	

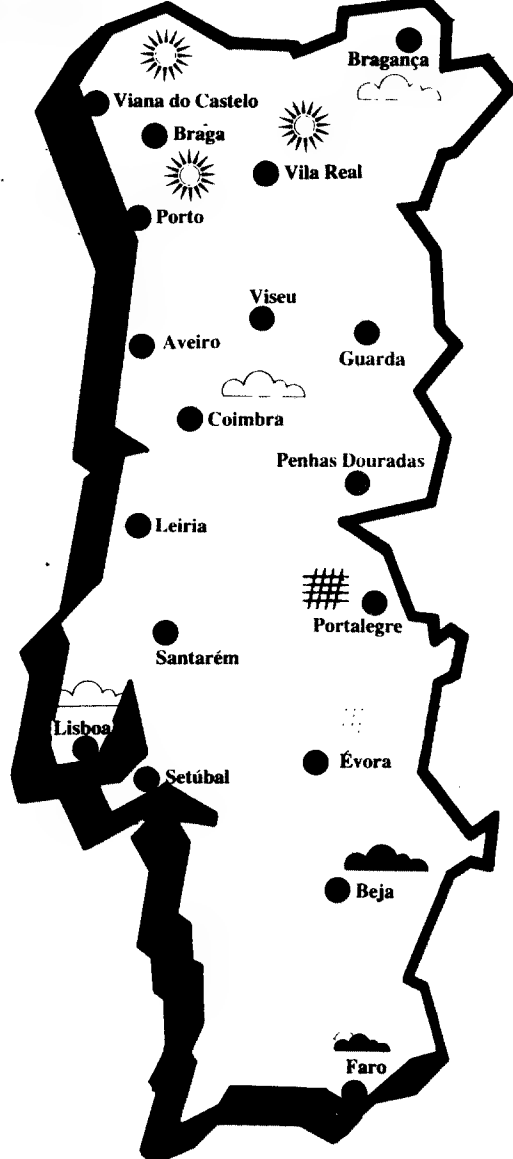
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NOMENCLATURA

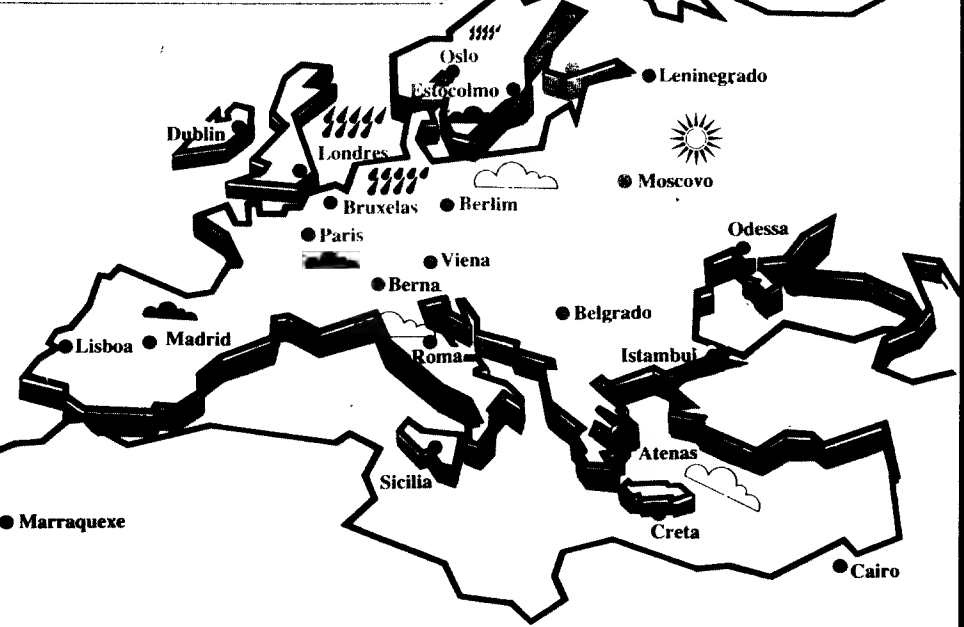
	Min.	Max.	As 13 h
Caracas	-	-	-
Jonasburgo	11	23	Limpo
Los Angeles	18	29	Nublado
Montreal	10	15	Nublado
Nova Deli	21	30	Nublado
Nova Iorque	16	31	Nublado
R. de Janeiro	-	-	-
S. Francisco	12	25	Limpo
São Paulo	-	-	-
Tóquio	20	25	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



EUROPA ÀS 6 HORAS



TEMPO

HOJE

No Continente:

Regiões do Norte e Centro: Céu pouco nublado, apresentando-se temporariamente muito nublado nas regiões do interior, onde há possibilidades de aguaceiros fracos durante a tarde.

Regiões do Sul: Céu muito nublado, tornando-se pouco nublado a partir do fim da manhã.

Regiões do Litoral: Há possibilidade de ocorrência de chuviscos durante a manhã. Em todo o território: Vento fraco, neblinas ou nevoeiros matinais e uma pequena subida dos valores da temperatura.

Estado do mar: Costa Ocidental: Mar de pequena vaga. Ondulação de noroeste de um a dois metros.

Costa Sul: Mar encrespado. Ondulação inferior a um metro.

Nos Açores:

Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco a moderado de nordeste. Aguaceiros fracos.

Estado do Mar: Mar de pequena vaga. Ondulação de nordeste de um a dois metros.

Na Madeira:

Céu pouco nublado nas vertentes voltadas a sul e com períodos de muito nublado a norte. Vento fraco a moderado de nordeste.

Estado do mar: Mar de pequena vaga. Ondulação norte de um a dois metros na costa norte e ondulação inferior a um metro na costa sul.

AMANHÃ

Céu pouco nublado, apresentando-se muito nublado no norte durante a madrugada e manhã. Vento fraco sendo moderado de noroeste no litoral oeste. Pequena descida da temperatura.

DEPOIS

Céu geralmente pouco nublado. Vento em geral fraco. Subida da temperatura.

MARÉS

Hoje	Praia-Mar	Baixa-Mar
3.40	3,9 m	9.22 0,8 m
16.01	4,0 m	21.44 0,7 m
Amanhã		
4.23	3,9 m	10.02 0,8 m
16.43	4,1 m	22.27 0,7 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

Andebol: torneio nacional tem troféu "DL"

Atitude altamente cativante da Federação Portuguesa de Andebol, mostrando nítida compreensão do papel da Informação na correcta divulgação de uma modalidade desportiva: assim, 1987 é designado o «Ano da Comunicação Social» e o troféu de cada uma das provas oficiais terá o nome de um dos seus órgãos.

Os títulos para cada competição foram tirados em sorte, com excepção (perfeitamente lógica) do campeonato nacional da 1.ª divisão («Setes» masculinos) que terá como patrono o CNID (Clube Nacional da Imprensa Desportiva) numa «homenagem aos homens que garantem, no seu dia-a-dia, que a Informação desportiva seja divulgada e chegue a toda a gente».

Eis, portanto, como vão designar-se os troféus equacionados nas diversas competições de seniores masculinos: 1.ª Divisão (CNID), 2.ª (RDP), 3.ª (RTP); seniores femininos: 1.ª («O Primeiro de Janeiro») e 2.ª (Rádio Renascença); Nacional de juniores masculinos («Diário de Notícias») e juvenis (Rádio Comercial); Torneio nacional de juvenis masculinos («Diário Popular») e femininos («Jornal de Notícias»); Torneio nacional de iniciados (Taça «Sport Goofy»); Taça de Portugal, em masculinos («A Capital») e femininos («Gazeta dos Desportos»); Taça da Federação («Correio da Manhã»); Torneios nacionais de clubes jovens: infantis femininos («Comércio do Porto»), iniciados femininos («O Diário»), juvenis femininos («Record»), infantil masculinos («O Jogo»), iniciados masculinos («Diário de Lisboa») e juvenis masculinos («A Bola»).

Segundo foi informado, em conferência de Imprensa, pelos responsáveis federativos, «a instituição, em cada ano, duma designação genérica consagrando um grande tema é uma forma de unificar as diversas etapas do processo de desenvolvimento da segunda disciplina desportiva mais praticada em Portugal».

Ténis: portugueses preparam a "Davis"

Os três jogadores portugueses envolvidos nos trabalhos de preparação para a Taça Davis em ténis manifestaram a primazia para a escolha dos «courts» do CIF para o encontro com a Hungria.

Portugal recebe a Hungria em encontro da segunda eliminatória da zona «B» europeia da Taça Davis, a 12, 13 e 14 de Junho, mas ainda não está definida a escolha do local da prova.

Os jogadores informaram o seu capitão Santos Costa da sua preferência em utilizar os «courts» do Clube Internacional de Football, na Ajuda, e em segundo lugar apontaram o Estádio Nacional.

Santos Costa disse que a preparação para o encontro com a Hungria será idêntica à segunda para a partida com o Mónaco com «os três jogadores a cumprirem o seu calendário competitivo em provas internacionais».

Nuno Marques, João Cunha e Silva e Pedro Cordeiro devem participar a partir de sábado no «qualifying» de um torneio de 25 mil dólares em Montabur, na Alemanha Federal.

Os (outros) amores de Dieguito

Diego Maradona, que este ano ajudou o Nápoles a conquistar o seu primeiro título de campeão da Itália, disse que antes de abandonar o futebol quer jogar nas três melhores equipas da Europa. «Gostaria de jogar um ano no Real Madrid, outro no Tottenham da Inglaterra e outro no Barcelona, antes de terminar a minha carreira de futebolista ao serviço do Boca Juniors», disse Maradona em entrevista à agência noticiosa argentina.

Maradona, que começou a sua carreira no Argentinos Juniors, passou depois pelo Boca Juniors, Barcelona de Espanha e Nápoles de Itália.

"Mundial 90": FIFA aprova estádios

Uma comissão da Federação Internacional de Futebol deu o seu aval aos estádios de Bolonha e Florença para serem palco dos jogos do «mundial» de 1990, em Itália.

O vice-presidente da FIFA, Hermann Neuberger, que fazia parte da comissão, deu igualmente autorização para que a capacidade dos dois estádios possa ser aumentada. Recorde-se que a FIFA já havia aprovado os estádios de Milão e Turim.

Os estádios escolhidos para palco do Campeonato Mundial de Futebol de 1990 incluem ainda os de Roma, Nápoles, Verona, Udine, Bari, Cagliari e Génova.

Futebol inglês em maré baixa

A suspensão das equipas inglesas das competições da UEFA na sequência da tragédia de Heysel Park, em Bruxelas, causou a queda de dois milhões de libras (cerca de 420 milhões de escudos).

Um livro de estatísticas sobre o futebol, publicado em Londres, revela ainda que a afluência de público aos jogos da primeira divisão inglesa diminuiu em cerca de oito por cento relativamente à época transacta.

Por outro lado, as receitas com a venda de bilhetes para aquele mesmo campeonato baixaram pela primeira vez nos últimos 30 anos, descendo um por cento.

Careca no Nápoles

O ponta de lança brasileiro Careca, considerado um dos melhores futebolistas da selecção brasileira, vai transferir-se para o Nápoles da primeira divisão italiana.

A revelação foi feita ontem antes pelo presidente do São Paulo, Carlos Miguel Aidar, que confirmou a existência de um acordo com o Nápoles depois de uma série de negociações pelo telefone.

Careca, 26 anos, cuja transferência envolve a verba de 3,1 milhões de dólares (mais de 420 milhões de escudos), juntar-se-á ao «astro» argentino Diego Maradona, que ajudou o Nápoles a ganhar esta época o título de campeão italiano. Esta verba não inclui um adicional de um milhão de dólares (cerca de 140 milhões de escudos) pelo contrato de dois anos de Careca com o Nápoles e cerca de 1,2 milhões de dólares para o seu salário.

A FIFA e os direitos constitucionais

Uma comissão tripartida da FIFA, Federação Espanhola de Futebol e Conselho Superior de Desporto de Espanha vai estudar brevemente as situações de incompatibilidade entre os estatutos federativos e a Constituição espanhola — noticiou a agência EFE.

Os estatutos da FIFA permitem os futebolistas de recorrer aos tribunais ordinários de justiça, direito constitucional irrecusável a qualquer espanhol e que a Federação do país vizinho não pode ignorar.

A comissão será chefiada pelo mexicano Guillermo Canedo, que presidiu ao Comité Organizador do México-86, em representação do presidente da FIFA, o brasileiro João Havelange.

A incompatibilidade entre os regulamentos que regem o «desporto rei» e as leis base dos diversos Estados europeus tem sido motivo frequente de controvérsia em diversos países, entre os quais Portugal.

Ténis: "ranking" e dólares

O jovem tenista argentino Guillermo Perez-Roldan, de 17 anos, vencedor do «open» da Baviera, subiu 43 lugares no «ranking» mundial da modalidade.

Perez-Roldan passou da 96.ª posição para a 53.ª após a vitória de domingo no torneio alemão-federal.

O primeiro lugar continua a pertencer ao checoslovaco Ivan Lendl, seguido do alemão-federal Boris Becker, dos cuecos Stefan Edberg e Mats Wilander e, na quinta posição, o também checoslovaco Miroslav Mecir.

A lista dos tenistas com mais ganhos financeiros na temporada em curso é, por outro lado, encabeçada pelo checoslovaco Miroslav Mecir (457 864 dólares), com o segundo posto para o sueco Stefan Edberg (391 928 dólares) e o terceiro para o também sueco Mats Wilander (200 692).

O «Diário de Lisboa» vai facultar a alguns dos seus leitores a possibilidade de adquirirem exemplares do «poster», da autoria de João Abel Manta e intitulado «SEM MÃOS A MEDIR», impresso em Maio de 1974, a cores, e em papel couché de 120 gramas.

Foi fixado um preço abaixo do valor comercial do «poster», que é uma forma de favorecer os leitores habituais do nosso jornal e apreciadores do grande artista que é João Abel Manta. Para além do valor histórico do «poster» e do interesse do tema tratado, João Abel Manta, correspondendo ao pedido do «Diário de Lisboa», valorizou-o, assinando e datando (Maio de 1987) cada um dos exemplares.



João Abel Manta

Setembro

MANTA
1987

Os pedidos para a aquisição (e envio) dos «posters», de que só existem cerca de 200 exemplares, serão satisfeitos pela ordem da sua chegada, motivo pelo qual só aceitaremos inscrições pelo correio e utilizando o cupão inserido nesta página. **Não envie dinheiro agora:** o leitor deverá limitar-se a manifestar o seu interesse pela aquisição do «poster», e, logo que for atingido o limite das inscrições, o «Diário de Lisboa» comunicará-lhe a sua inscrição está dentro do número limitado de leitores que ficarão de posse desta obra que fixou um momento histórico do pós-Abril.

SEM MÃOS A MEDIR

De 24 para 25 de Abril de 1974 virou-se uma página da História Portugal contemporâneo e não apenas a folhinha da agenda pessoal. Mas a transição, brevíssima no calendário, foi, para muitos, em suas vidas, uma radical transição. Os historiadores, os sociólogos, falarão de que os portugueses transitaram da situação de súbditos para a de cidadãos, e, assim, sublimarão, em termos teóricos, o expediente prático, de mudar de rosto e de posição, de «virar a casaca».

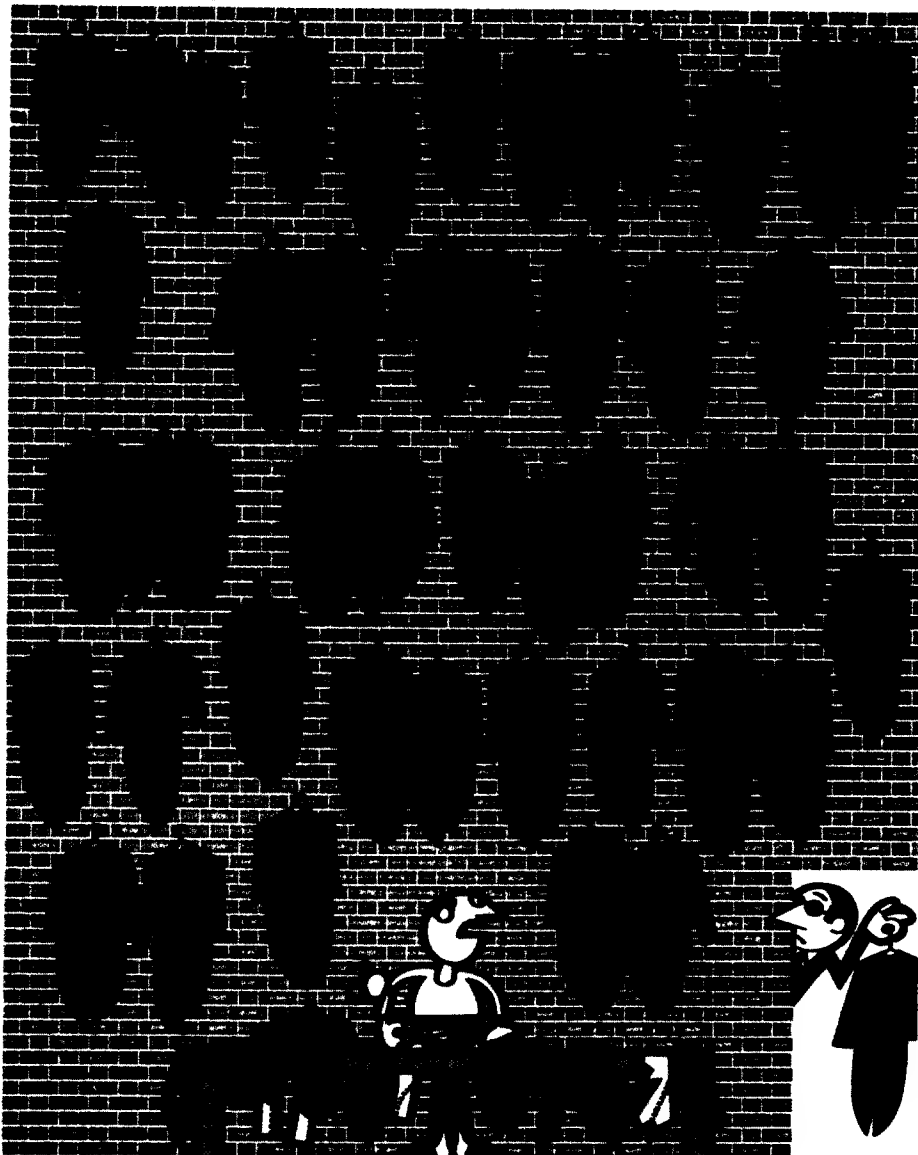
De súbito, e por milagre, de 24 de Abril para 25 de Abril, nesse ano revolucionário de 1974, a libertação de Portugal libertou todos os espertos e videirinhos dos brandos costumes, das piedosas venerações, do respeito necessário, da mitologia da ordem.

Foi uma explosão maravilhosa, e para maravilhar e repugnar aos atentos, um espectáculo de falta de vergonha.

Da noite para o dia, de um dia para o outro, deixou de haver em Portugal salazaristas, marcelistas, membros do «partido único», servidores da situação, adeptos do totalitarismo, partidários do «Estado nacional corporativo». Os que eram, ou sempre tinham sido fascistas, descobriram-se, no fundo, bem fundo, bem oculto, das consciências, uma esmagada, humilhada, mas sinceríssima vocação democrática.

Com o 25 de Abril dera-se o milagre da multiplicação dos democratas. A falange dos resistentes foi submersa pela multidão apressada e ávida dos adesivos. Não houve mãos que chegassem para virar tanta casaca. O «poster» de João Abel Manta foi o comentário satírico dessa vaga de casacas viradas. Já lá vão 13 anos. Do talento do artista nada há a fazer. O seu comentário, além da beleza gráfica e da exactidão crítica, conserva a frescura, o humor, a força acerada. É actualíssimo. As casacas viradas estão aí. Nem sequer cheiram a naftalina. São usadas todos os dias.

sem mãos a medir



Não me chateie! Já disse que só lhe posso virar a casaca lá para Setembro

Dimensões do «poster»: 74x59,5 cm; dimensões da mancha impressa: 41,5x54,5 cm.

NÃO PERCA A OPORTUNIDADE

ENVIE HOJE MESMO A SUA INSCRIÇÃO

O poster poderá ser levantado pessoalmente nas instalações na Rua Luz Soriano, n.º 15, em Lisboa, quando o leitor for avisado de que está na lista dos inscritos. Se desejar fazê-lo, por favor marque com uma cruz o quadrado seguinte ☐

Se preferir que o poster lhe seja enviado, o preço dos portes do correio, sob registo (a embalagem está incluída no preço do poster), varia conforme o Código Postal do leitor:

- Código Postal entre 1000 e 2000 ... 80\$00
- Código Postal entre 2000 e 3000 ... 85\$00
- Código Postal entre 3000 e 8000 ... 100\$00
- Código Postal 9000 (Reg. Autónomas) ... 120\$00

Preencha com letra bem legível e envie para
«DIÁRIO DE LISBOA»/POSTER
RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA

**DESEJO ADQUIRIR O POSTER «SEM MÃOS A MEDIR»
DA AUTORIA DE JOÃO ABEL MANTA**

(e enviarei cheque ou vale postal de 7500\$00 + portes, se o poster for enviado pelo correio, quando para tal for avisado)

NOME: _____

MORADA: _____

(Não esquecer o Código Postal)

11 de Abril,
sábado

Encontrei hoje, na Feira da Ladra, o senhor Cardoso: perto do lugar onde há uns anos era a sua tenda de sapatos, uma vez comprei-lhe um par deles, lembro-me que os calcei logo ali, os que eu levava estavam rotos, quis deitá-los fora, mas ele insistiu para que os trouxesse, embrulhou-os num jornal, ainda me podiam servir para algum trabalho no quintal, eu não tenho quintal mas não tive coragem de recusar, trouxe os sapatos velhos; e para o caso dos novos, se houvesse alguma coisa era só dizer, o senhor Cardoso estava todos os sábados no mesmo sítio, e se não estivesse os vizinhos conheciam-no, sabiam onde morava, ali perto, na travessa das Mónicas, não tinha nada que enganar.

O senhor Cardoso (eu já contei isto uma vez, sei que já contei, como dizia a minha mãe quando repetia uma história e não queria que a pensássemos esquecida da cabeça), o senhor Cardoso lembra-se de quando um touro matou o Gallito: por esse tempo trabalhava em Espanha, no campo, beirão habituado à rudeza da enxada, de sol a sol, que é quantas vezes frio, vento, geada. Na versão oral que então chegou ao senhor Cardoso, e que ele não esqueceu, o Gallito costumava trabalhar na arena com uma vara: pendurava-se nela quando vinha o touro, punha-lhe um pé no cachaço, e depois o outro pé no lombo, saltava para o lado de trás da besta. Ora naquela tarde estava a rainha a assistir; mas logo por azar quando o Gallito deu o salto ela tinha-se posto na con-

versa, distraída, e então foram dizer ao Gallito que a rainha não o tinha visto saltar, ele tinha que fazer aquele trabalho outra vez. E o Gallito lá foi; mas o touro era matreiro, não foi no engano, espetou-lhe os cornos na barriga, deixou-o pronto. Passados tantos anos, o senhor Cardoso ainda não perdoou à rainha, acha que ela foi malandra, devia estar com atenção ao que o homem fazia e estava mas era na conversa, a rainha malandra, o senhor Cardoso não sabe que rainha era, nem podia saber, porque na corrida de Talavira não houve rainha, nem vara de saltar, nada disso que o senhor Cardoso ouviu contar, e aqui há tempos me reproduziu, com a veemência de uma escritora.

O senhor Cardoso, agora, já não vende sapatos na Feira da Ladra. Mas continua a aparecer por lá, ar rijo como um pinheiro, e ufano por isso, que idade me dá, perguntou-me: ele esta manhã, e ficou com o sorriso luminoso e simples à espera da resposta, e eu sem atinar com ela, olhei que já vou nos oitenta e sete, se calhar vocemecê não acredita. Acredito, pois, Oitenta e sete anos, e agora faz cestos, imagine de quê, cestos feitos com pauzinhos dos sorvetes, mostra-me um braçado deles, são quinhentos escudos cada cesto. E não paga o trabalho. Trabalho de paciência e de coragem: porque o senhor Cardoso não se fica pela Feira da Ladra, no Verão vai vender os seus cestos por essas praias, andar quilómetros de pés enterrados na areia, ao tórrido calor, sacrifício que para o senhor Cardoso parece afinal coisa natural, é assim a vida, temos de fazer por ela.

13 de Abril,
segunda-feira

Faz hoje oito anos que morreu. Era jornalista, e chamava-se Rogerio Garcia Perez. Nas páginas do «Diário de Lisboa», escassas semanas depois da fundação do jornal, ele foi o primeiro a escrever de touros, ocupou anos a fio o espaço que era o seu, só a idade imperdoável o havia de retirar das lides, deixou o lugar a quem agora aqui o lembra. Assinava «El Terrible Perez», terrível só na assinatura, que na prosa se equilibrava entre a amizade e o elogio, resvalava-lhe a censura para a humanidade, o respeito pelos que se enfrentam com os touros, como ele gostava de ver, todos os anos, na sua amada Sevilha. Foi amigo e seguidor de Cañero, o cordovês que rejoneava barbas de hastes agudas e limpas, e os sorteava com os matadores, como não fazem os de agora. Viajou com Bombita. Privou com Fuentes. Foi «gallista» de Rafael e de José. Desceu o Chiado com Juan Belmonte. Assistiu à morte de Granero. Fez a primeira entrevista com Pepe Luis Vázquez. E outros dois sevilhaníssimos matadores, Pepin Martín Vázquez e Manolo González, escolheram-no para padrinho de suas bodas. Recordo essa manhã de Primavera, era Domingo de Páscoa, em que uns homens de negro, sisudos e inflexíveis como manda o ofício, vieram buscar «El Terrible Perez», e quase sozinho o levaram, sem saberem que nas suas entranhas iam tantos pedaços, vivos, da história do toureiro.

18 de Abril,
sábado

Praça de Touros de Barcarrota. Touros de Antonio Perez de San Fernando para Julio Robles, Tomaz Campuzano e Emilio Oliveira.

A noite caiu, plácida, sobre Badajoz, deixou quase desertas as ruas do centro, as lojas despejadas da sôfrega invasão dos lusitanos, exército menos numeroso que noutros tempos de peseta a cinco tostões, mas ainda agressivo, retirou com euforia de aparente triunfo, ajoujado ao peso das compras, sacos de plástico enormes, monstruosos, difícil declarar na alfândega que são umas lembranças para os netinhos, o resto roupa suja, objectos de uso pessoal, tudo é pessoal, incluindo os chupa-chupas. Mas é assim todos os sábados: a alfândega há-de ter sido compreensiva, logo hoje, sábado de glória. Da glória que não houve, aqui perto, em Barcarrota, «pueblo» que não vem no guia Michelin. Da glória que na arena não houve, nem podia haver, com aqueles touros vindos dos campos de Salamanca: nobreza mostraram, e bravura prometiam nas primeiras entradas ao cavalo, primeiras e únicas, além da presença também lhes faltavam as forças, iam-se abaixo das canetas. Bem sei que Barcarrota é praça modesta, de terceira, mas na bilheteria os preços eram de primeira, 2000 pesetas o sol, 1700 sendo reformado, aliás desconto exíguo, e só aplicável a maiores de 65 anos, reforma antecipada não valia para o efeito.

De modo que, ia eu a dizer, glória não podia ter havido, e muito menos para o Julio Robles, primeiro matador, que consta ter sido quem seleccionou no campo os animais; e não foi só no campo que na escolha falhou, também na arena, nem fu nem fá, frio e vulgar salvo nuns breves lances de capote, ainda não aqueceu pelos vistos os motores que lhe comandam o ânimo, e o sentimento nem sequer estremecido quando viu o valoroso Tomás Campuzano passeando-se pelo redondel com as orelhas e o rabo do segundo da tarde, foram dezenas e dezenas de passes de várias marcas, mas sem certificado de origem, podiam ter sido fabricados em Singapura ou na Coreia, como os transistores ditos japoneses, passes rematados com estocada caída, presidência generosa, bodo aos pobres, estamos na Páscoa, público também generoso, saem mais duas orelhas do quinto da tarde para Tomás, que brindara ao sol e dera «manoletinas» mirando ao dito cujo tendido, facto por este sempre mui apreciado. Glória pois não houve, da verdadeira, nem podia ter havido. Mas não era indispensável, que já bastava sentir o encanto do lugar, o gozo de subir, por entre o casario de subir, até ao cume onde puse-ram a praça: de pátio de cavalos e de quadrilhas, serve a própria entrada, e de relógio o sino da velha torre. O gozo de subir até lá acima, e de chegar vagaroso, ainda faltava para baterem as seis da tarde. O camião das carnes ofegava para vencer a encosta, lograr o íngreme equilíbrio até ficar de trazeiro virado para o pátio do açougue. Os bandariheiros das quadrilhas entretinham-se no paleio, vestido de

tabaco e negro vinha Alfonso Ordoñez, alentado de carnes, e da sabedoria que na arena lhe irá disfarçar as rotundas formas. A um canto, o jovem e espigado Oliva, terceiro matador, sorri ao pedido de um autógrafo, não adivinha que seu lote sairá com fraqueza imprópria para bons desejos, três largas afaroladas de joelhos para começar, e depois afinal nada, sem ovos não se fazem omoletas, nem na sua Chiclaná nem em parte nenhuma; mas a esperança fica de pé, de qualquer maneira era preciso com que escrever o autógrafo, alguém tem por aí uma caneta, ninguém tinha, está aqui isto, não era bem o que se diz uma esferográfica, era só a carga, daquelas muito fininhas, carga modelo universal, dá pouco jeito para escrever, mas Oliva pega nela, que remédio, observo que é canhoto, aliás autógrafo com mão esquerda não fica mal num toureiro, é a mão do passe natural, enfim, coisas que só se podem observar nestas praças pequeninas e modestas, onde eu julgava que toda a gente se conhecia, espectadores e porteiros: mas afinal não senhor, eu junto o que se passava, posto ali junto dos degraus que levavam às alturas da bancada do sol, e às tantas houve três vizinhos do «pueblo» que me tomaram por fiscal, mostraram-me o bilhete com ar de com sua licença, a mim que nunca tive esse ofício, nem vocação para ele, aqui há tempos veio no jornal um teste para se ver a nossa vocação, e eu respondi às perguntas, somei os pontos como lá mandava, e deu que era para operário fabril, camionista ou polícia, devia ser o jornal a gozar com os leitores.



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição Santarém, a que se refere o processo n.º 1/824, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Praia do Ribatejo, concelho de Vila Nova de Barquinha, de uma linha aérea a 30 kv, com 367 metros, do apoio n.º 106 da linha do Almourol ao PT VNB n.º 24 em Praia do Ribatejo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 22 de Abril de 1987

PELO ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

(Reg/val)



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1043, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Atalaia, concelho de Vila Nova de Barquinha, de uma linha aérea a 30 kv, com 63 metros, do poste n.º 18 da linha para o PT VNB 2 de Atalaia ao PT VNB 30 da Urbanização para Habitação Social, em Moura do Norte.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 22 de Abril de 1987

PELO ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

(Reg/val)

Informação COMERCIAL

AVISO

PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA 1987

Os Caminhos de Ferro Portugueses informam que nos dias 11, 12, 13 e 14 de Maio todos os comboios directos e semirectos das Linhas do Norte e Beira Alta farão uma paragem extraordinária na estação de Fátima.

Para informações mais detalhadas devem os Srs. Passageiros contactar as nossas Secções de Informações ou as Agências de Viagem.



Caminhos de Ferro
Portugueses

Ivette Centeno

NO DOMÍNIO DO IMAGINÁRIO

Lurdes Faria

EM 1980 um núcleo de docentes, interessados na temática dos símbolos e do imaginário, viram, por fim, oficializado o Gabinete de Estudos de Simbologia, na Universidade Nova de Lisboa, que segundo a sua directora, Ivette Centeno, se dedica à matéria da simbólica «numa perspectiva comparativa e interdisciplinar envolvendo, sempre que possível, nos seus projectos, historiadores, psicólogos, sociólogos e artistas para não ficar apenas confinado à dimensão literária».

Através da investigação propõe-se, ainda, valorizar aspectos da cultura portuguesa que até hoje não mereceram as devidas atenções. Assim se explica a publicação de «Enonea», um tratado sobre a Pedra Filosofal da autoria de Anselmo Caetano, médico e alquimista do século XVII, que denota uma enorme erudição «mostrando-se conhecedor de certos assuntos, muito correntes na Europa, e que, apesar do rigor da Inquisição, também circulavam em Portugal».

Ora, Ivette Centeno tem-se devotado ao estudo de «Fausto», o herói de Goethe, ou seja, ao processo alquímico de transformação da alma. No sentido comum, a alquimia era a arte de transmutação dos metais, sabedoria mágica a que só tinham acesso os eleitos. «Quando os alquimistas, fechados nos seus laboratórios, narram a experiência que leva do chumbo ao ouro, na realidade o que descrevem, de fora simbólica, é a sua própria etamorfose de homens imperfeitos em homens de entendimento superior. Trata-se da sublimação da matéria em espírito, um processo de evolução psicológica, como observa Jung nos seus escritos».

Professora catedrática da Universidade Nova de Lisboa, Ivette Centeno doutorou-se em literatura alemã com uma tese sobre a «Alquimia e o Fausto de Goethe», assunto em que mergulhou tornando-se objecto de uma aprofundada análise. «A história de Fausto é a aventura de um homem que sobe, da Terra ao Céu, depois de ter feito um pacto com o Diabo. Salva-se do Inferno, não obstante os crimes cometidos, porque Goethe viveu no século XVIII, época de grande optimismo, e o seu herói não podia ser condenado. Ao fim e ao cabo representa o novo rosto de Prometeu... Salvam-no os anjos que o transportam para o Céu, onde irá sofrer uma série de depurações até se transformar em puro arrebatamento de alma...».

— O que representa o eterno feminino em Goethe?

— Goethe era, em muitas das

suas concepções, um panteísta e, portanto, preso ao culto da Mãe-Natureza que é a energia da divindade criadora. O eterno feminino simboliza a grande alma do Mundo, a energia vital subjacente a toda a criação. Então, o feminino seria sinónimo da criatividade, da imaginação e da sensibilidade, enquanto o masculino se identifica com a razão e a organização.

— Por isso o feminismo proclamava a necessidade de feminizar o Mundo...

— Com efeito, urgia destapar a componente masculina do homem porque uma sociedade construída com o apagamento da sensibilidade caminha para a morte, o equilíbrio desejável é quando a razão e a emoção convivem sem que uma anule a outra.

— Em Hermann Hesse, surge essa mesma tendência espiritualista, se bem que numa versão mais virada para a filosofia oriental...

— No livro que escrevi sobre a obra de Hesse detive-me, sobretudo, nos símbolos da totalidade. Siddhartha é o rio da unidade e da totalidade, nele todas as formas fluem... a vida, a morte, tudo o que é. Nos anos sessenta, entre os hippies, foi uma espécie de evangelho dos comportamentos, nele se buscava uma alternativa ao materialismo, sem mais nada, e ao consumismo. Era a alternativa pelos valores transmitidos pelas civilizações chinesa e hindu.

— Mas, agora nos anos oitenta, Siddhartha parece-me um livro datado... e pouco lido.

— Julgo que a mensagem de Hesse se diluiu numa civilização que só pensa no dinheiro e no progresso. Todavia, no Oriente, prevalece ainda a reflexão e a abdicação, vive-se e morre-se de outra maneira. Talvez que hoje se persiga o universo, que a nossa curiosidade esteja mais voltada para os mistérios do cosmos, o que se deduz de toda esta proliferação de literatura científica e



paracientífica. O gosto e a sensibilidade variam bastante com as épocas...

Foi, exactamente, a vertente mística de Fernando Pessoa o que exerceu fascínio em Ivette Centeno. Na sua obra estudou a parte hermética, pegando nos textos que lidavam com maçonaria, cabala, alquimia e rosacruismo. A provar que ele conhecia a filosofia hermética lá estava, na sua biblioteca, o tratado da Pedra Filosofal, de Anselmo Caetano. A filosofia hermética vem do sec. II, da era cristã, e assenta num conjunto de doutrinas, expressas nuns textos que apareceram em Alexandria. Aquilo a que se chama o corpus hermético foi divulgado, na Europa renascentista, um tanto tardivamente, pela mão de Marcilio Ficino. Todos os alquimistas que se assumiam como tal, glossam, permanentemente, esses textos primitivos, inspirados no pensamento de Hermes Trismegisto. A componente mais marcante quando não é mágica nem química, é agnóstica e mística, o que faz com que esta matéria seja complicada e difícil.

E muito cara aos poetas, como Rimbaud que se refere à alquimia do verbo. Há ainda a acrescentar, segundo Ivette Centeno, os nomes de Baudelaire e Camões, ambos sensíveis à mudança. Transforma-se o amador na coisa amada... é um fenómeno alquímico. Dos poetas modernos o modelo perfeito disto acha-se em Herberto Helder, poeta que eu gostaria de analisar à luz deste entendimento. Também os cientistas conheciam a filosofia hermética, caso de Paracelso, de todos o mais célebre. Até os nossos... posso já anunciar que vou publicar, em Coimbra, o texto de um médico português do sec. XVII, Duarte Madeira Arrais que é,

no fundo, um pequeno tratado com influências nítidas das teorias paracelsicas. Do tempo da Inquisição temos notícia de frades, como Frei Vicente Nogueira, cuja biblioteca que continha livros de alquimia, às dezenas, foi apreendida.

— E os Templários?

— Não se sabe ao certo se foram eles ou os arquitectos do convento que deixaram aquelas marcas na construção, supõe-se que as associações dos mestres-pedreiros detinham algum saber iniciático. Sobre os Templários diz-se que praticavam, em segredo, um culto que não seria o católico, mas um outro heterodoxo, imbuído de islamismo. Talvez sejam boatos, tendo em vista o interesse de Filipe, o Belo, e do Papa na destruição da Ordem que era riquíssima. De facto criou-se uma certa lenda em torno dos Templários que aqui, em Portugal, não tiveram problemas, na medida em que contaram com a protecção do rei D. Dinis. Pois, Fernando Pessoa engendrou uma tese que os admite como herdeiros e transmissores das doutrinas do Espírito Santo.

— Quais? Como se exprimem?

— Em acreditar que depois da era, dita do Pai, ligada ao Antigo Testamento se seguia a do Filho, que se prendia com o Novo Testamento e depois viria

uma terceira, a do Espírito Santo, relacionada com o Evangelho Eterno, segundo a definição do abade Joaquim de Flor, Idade, esta de grande florescimento material e espiritual, um novo paraíso, onde nada faltaria ao homem... nem alimento, nem saúde, nem riqueza. Até Cristóvão Colombo, manifestou, em carta a Isabel, a Católica, a convicção de que a descoberta da América tinha a ver com esse reino do Espírito Santo. Evidentemente que o sonho foi sempre sendo adiado, mas temos no sec. XX, um sonhador dessa estirpe que é Fernando Pessoa.

— E o Quinto Império de António Vieira?

— As doutrinas proféticas de Vieira veiculavam a ideia de que Portugal tomara as rédeas do mundo como indicavam os Descobrimentos.

— Sede de domínio?

— Uma coisa é a visão mística e, outra, a utilização que os políticos podem fazer dela. O Quinto Império não era um império do mundo mas da Alma.

Ivette Centeno fala de jardins, o espaço do desejo que impõe a Humanidade para a reprodução, opondo-os às cidades. Se o jardim é o instinto, a cidade é a organização, se no jardim existe uma dimensão individual, na cidade há uma dimensão colectiva... A ilha? Vive muito do simbolismo do jardim, como espaço redondo, fechado, quase íntimo.

Como paradigma de ilha cita A Ilha dos Amores, de Camões, templo do amor, onde os sentimentos brotam e produzem uma sublevação metamórfica, criando condições para a viagem às tais paragens lendárias do ouro. Como contraponto da ilha aponta a cidade, descrita por Platão na sua República e que é exemplar no modo como se organiza. Tão organizada e racionalizada que dela se expulsa o poeta... Efectivamente é no poema que a imaginação melhor se liberta e se fixa. Sendo o poema o espaço da alma e a cidade de Platão o espaço do social, não admira que se expulsasse o poeta e, portanto, o poema...

TEATRO
ABC Lisboa Tejo
e Tudo Nova Versão
A Revista mais premiada do Ano

A BARRACA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA
RESERVAS: 686300

2.º mês de exibição

Aqui está um espectáculo FANTÁSTICO com uma história verdadeiramente DIABÓLICA!

E eu que o diga!

O DIABINHO DA MÃO FURADA

versão e encenação de Helder Costa

com
Maria do Céu Guerra
João Maria Pinto
António Cardoso
António Gomes
João Azevedo
José Carratás

Luis Tomar
Maria João
Paula Sousa
Teresa Faria

3.ª a Sábado
às 21.45h
Sábados e domingos
às 16h

cenografia: Rui Pimentel
coreografia: Orlando Costa
guarda-roupa: José Carratás

GRUPO TEATRO HOJE • TEATRO DA GRAÇA / VOZ DO OPERÁRIO

o país do dragão

TENNESSEE WILLIAMS

MARCAÇÕES PELO TELEFONE 87 56 26

«... um dos melhores espectáculos do teatro português recente»
Carlos Porto — «D. Lisboa»

DE 3.ª A SÁBADO, ÀS 21 H — DOMINGO, SÓ ÀS 16 H

COMPANHIA TEL 2752175

TEATRO DE ALMADA

ADELAIDE JOÃO em

O fim da ENFERMEIRA JOÃO

de FRANK MARCUS Enc. ARTUR RAMOS

sex. e sab. às 21.30
dom. às 16

só até 31 de Maio

Alfas Triplex

— T. 806496

SALVADOR

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

O MENINO DE OURO

(m. 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

O MASSACRE

(maiores 12 anos)
00.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

O LUTADOR

(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

FILHOS DE UM DEUS MENOR

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

SALVADOR

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE

(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

O MENINO DE OURO

(m. 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

A MISSÃO

(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

A COR DO DINHEIRO

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

O MASSACRE

(m. 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.45 e 23.45 h

SALVADOR

(maiores 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

OS DUROS

(maiores 12 anos)
15, 17, 19.10 e 21.45 h

SEXO LOUCO

(Int. m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

FILHOS DE UM DEUS MENOR

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h



Uma cena do filme MATADOR, realizado por Pedro Almodovar. Interpretação de Assumpta Serna, Antonio Banderas e Julieta Serrano. Distinguido no FANTASPORTO 87 com os seguintes prémios: Melhor Realização, Melhor Actriz (Julieta Serrano). Menção Honrosa da Imprensa e Prémio Especial do Júri. Filme de qualidade, em exibição no Quarteto.

Capitolio

— T. 372358

DO SEXO AO CRIME

(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

— T. 550194

AS VIOLETAS SÃO AZUIS

(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebluen

— T. 556824

NÃO HÁ SESSÃO

Encerrado para obras

Cinebolso

CONVULSÕES ERÓTICAS

(Porno)
(Int. m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 e 23.30 h

Cine Camões

— T. 324194

O ESCORPIÃO DE SHAOLIN

(Int. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

ALICE JÁ NÃO MORA AQUI

(Int. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
TERROR EM S. SALVADOR
(maiores 12 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

PEGGY SUE CASOU-SE

(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

A MISSÃO

(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

O FIO DO SUSPEITO

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO

(m. 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O MASSACRE

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio

— T. 555134

BALADA DA PRAIA DOS CÃES

(m. 12 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estudio ACS

— T. 887255

GANDY

(n/acons. 13 anos)
14.30, 17.45 e 21.00 h

Estudio 444

— T. 768078

LILIANNA — UM AMOR DIFERENTE

(m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

O MENINO DE OURO

(m. 6 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

PERIGOSAMENTE JUNTOS

(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

NÃO HÁ CINEMA

Gemini

— T. 734009

TOUGH GUYS — OS DUROS

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO

(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

CROCODILO DUNDEE

(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

OS MERCENÁRIOS DA AVENTURA

(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO

(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

CROCODILO DUNDEE

(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Londres

— T. 801313

CROCODILO DUNDEE

(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

SALVADOR

(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

A MANHÃ SEGUINTE

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 4

SALVADOR

(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE E VERÃO
(maiores 16 anos)
23.45 h

Roma

— T. 889192

O MASSACRE

(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy

— T. 548560

OS SELVAGENS DA RUA

(m. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

— T. 579144

Sala 1

SALVADOR

(maiores 16 anos)
15.30, 18.30, 21.30 h

Sala 2

CROCODILO DUNDEE

(m. 6 anos)
14.30, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3

FILHOS DE UM DEUS MENOR

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

SEM PERDÃO

(m. 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

DUMA VEZ POR TODAS

(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

A MULHER DO PATRÃO

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

TOUGH GUYS — OS DUROS

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

— T. 706666

SÓ ENTRE AMIGAS

(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Voxmania

— T. 880808

OS MARGINAIS

(maiores 12 anos)
15.30, 18.15 e 21.00 h

Nenon

— T. 368490

O REGRESSO DOS MORTOS-VIVOS

(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos

(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro

— «Os Punhos de Hong-Kong», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio

— «O Lutador», às 15.30 e 21.30 h (para todos)

AMADORA — Babilónia

— «Nove Semanas e Meia», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 18 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores

— «A Missão», às 15 e 21.30 h (maiores 12 anos).
«Christiane F», às 24.00 h (int. 18 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby

— «Crocodilo Dundee», às 21.30 h (m. 6 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Erme

— «O Sargento de Ferro», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos).

ODIVELAS — Cineodivel

— «Sem Perdão», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril

— «A Balada da Praia dos Cães», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000

— «Dois Polícias à Solta», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

LINDA-A-VELHA — Cine-tropical

— «Duelo Imortal», 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

OEIRAS — Alto da Barra

— Sala 1 — «O Menino de Ouro», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Mona Lisa», às 15.30 e 21.45 h (m. 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine

— «A Cor do Dinheiro» às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CASCAIS — Miramar

— Sala 1 — «O Crocodilo Dundee», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Mona Lisa», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «O Lutador», às 15.30, 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio

— «Mona Lisa», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Incrível Almadense

— «Perfeição», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense

— «Assalto ao Parque», às 21.30 h (maiores 12 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano

— Sala 1 — «O Lutador», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «O Secreto Admirador», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense

— «A Noite das Facas Longas», às 15 e 21.15 (maiores 12 anos)

EDUARDO ALARCÃO EM AVEIRO

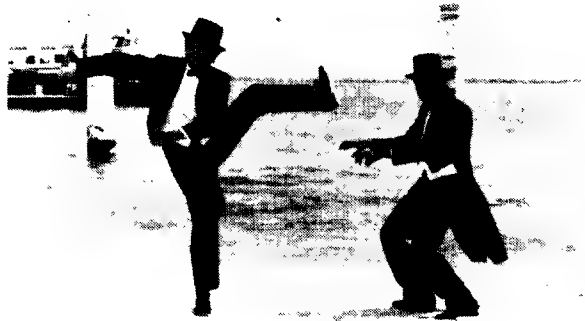
Embora com certa lentidão, a descentralização artística vai conquistando novos espaços na província. Felizmente já não é só Lisboa e Porto. Por esse País fora, hoje aqui, amanhã além, vão abrindo novas galerias de arte. Desta vez é Aveiro que conta com um novo espaço de exposições — a «Domus» — nome lindo para espaço artístico, «domus», a cada dos latinos, já que a grande maioria da Arte que se produz se destina a enriquecer com beleza as casas em que vivem.

E a «Domus» de Aveiro escolheu para a inauguração o nome de um artista que hoje está na berra. Que não frequentou escolas de Belas Artes e descobriu a sua «vocação» artística apenas aos 47 anos, tendo realizado a sua primeira exposição em Janeiro de 1980. Mas que hoje é pintor. Neste curto período, Eduardo Alarcão — esse é o seu nome — sagrou-se como um dos mais cotados pintores portugueses, com uma personalidade vigorosa, uma escrita inconfundível, uma construção de perspectivas muito própria, um jeito exclusivo de ser

pintor, entre os pintores.

Para chegar à meta que atingiu em apenas meia dúzia de anos, muitos outros artistas levam, quantas vezes, uma vida, sem conseguirem aquilo de que Eduardo Alarcão já é detentor — a sua própria linguagem plástica e que nos permite, num relance, distinguir um quadro da sua autoria, como acontece quando se olha um Malhoa, um Carlos Botelho, um Francis Smith ou um Alvaréz.

Aveiro está de parabéns com esta exposição que o autor, em justa homenagem à cidade que o escolheu para inaugurar um novo espaço de Arte, denominou «Memória de Aveiro». E que é também um pouco memória de outras terras — Porto, Lisboa, Viana e Portimão. As cidades são como as pessoas. Têm os seus retratistas preferidos. E Aveiro teve sorte — acertou na escolha. São 32 óleos que Eduardo Alarcão apresenta e que certamente por ali vão ficar nas mãos dos colecionadores. Se aprecia arte não demore. A Galeria está aberta até 18 de Maio, encerrando diariamente apenas às 23 horas.



Michel e Carlos Carlos: um novo espectáculo na Drogaria Ideal

MÚSICA

- DROGARIA IDEAL (R. do Conde à Lapa): esta noite às 23,30 estreia do novo espectáculo «Cabaret Montand» com Michel (sapateado) e Carlos Carlos (piano), com repatinação amanhã à mesma hora.
- AULA MAGNA: início do festival «Música na Universidade 87», integrado na Semana Académica de Lisboa, às 21,30.
- LOUCURAS: Nany Silva volta esta noite às «Quintas-feiras tranquilas» para, acompanhado pela orquestra da Felicidade do Brilho e da Glória, interpretar coisas tão boas como «A Banhada», «A Minha Mulher» ou «O Sol da Manhã».

EXPOSIÇÕES

- GALERIA ARTEX (R. Nova do Almada, 85):

exposição de Pintura de Jorge Marcel, até 4 de Junho, nos dias úteis das 9 às 13 e das 15 às 19, sábados das 9 às 13.

- ESPIRAL-GALERIA DE ARTE (Centro Comercial das Palmeiras, Oeiras): colectiva com trabalhos de Dorita Castel Branco, Isabel Lajinhas, João Duarte, João Vieira, José Cândido, Laranjeira Santos, Manuela Pinheiro, Martins Correia e Victor Belém. Até 8 de Junho, de segunda a sexta das 14,30 às 22, sábados e domingos das 10 às 22.
- GULBENKIAN (Exposições Temporárias): Exposição Nacional de Gravura.
- GALERIA DAS ESCADINHAS DO ARCO DONA ROSA, 7 EM ALFAMA (entrada pelo Pátio dos Remédios): exposição do pintor Inácio Matsinhe. Patente até 30 de Maio, todos os dias excepto segundas-feiras, das 10 às 21.

- SNBA (Galeria de Arte Moderna, R. Barata Salgueiro, 36): Pintura de Helena Subtil até 24 de Maio.
- GALERIA DO RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão): Pintura de Manuela Cardoso até 30 de Maio, patente das 12 às 24.
- GALERIA DO PATEO ALFACINHA: PINTURA DE KIRA ATE 28 DE MAIO, DAS 15 AS 22.
- «ESPAÇO DO PINTOR» (R. DE S. NICOLAU, 119-2º): Pintura, gravura e desenho de Marília Viegas. Patente até 5 de Junho, de segunda a sexta das 14 às 19.
- IAM-GALERIA (R. da Misericórdia, 92-1º): «O Fabuloso Mundo do Xadrez», uma exposição com trabalhos de Mário Duarte até 27 de Maio, patente das 15 às 20, excepto aos domingos.
- BOCA DE CENA (R. Duque de Palmela, 6-A): uma mostra individual de Pintura, «Delirium Tremendus», de Paulo João Cunha (0 operário plástico antistético). Até 22 de Maio, de segunda a quinta das 16,30 às 20 e das 21 às 24, sextas das 16 às 20 e das 22 às 3, sábados das 22 às 3, domingos das 21 às 24.
- MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: desenhos de Francisco José Simões, até 4 de Junho
- GULBENKIAN (Exposições Temporárias do CAM): pinturas de Arpad Szenes subordinadas ao tema genérico «Luz-

- Portugal», com a colaboração de Maria Helena Vieira da Silva, Guy Weelen e do director do CAM, José-Augusto França.
- FUNDAÇÃO RICARDO ESPIRITO SANTO SILVA (Instituto de Artes e Ofícios): pintura e escultura de José Conceição até 20 de Maio.
- ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): monotipias de Maria Teresa Folha até 3 de Junho, de segunda a sexta das 18 às 22, sábados das 15 às 19.
- MÓDULO (Av. António Augusto de Aguiar, 56-5º-Dt.): Pintura de Ana Vidigal até 31 de Maio, de segunda a sábado das 16 às 20.
- ALCANENA (átrio da Câmara Municipal): exposição de fotografias de Miguel Simão, integrada nas comemorações do 73º aniversário do Concelho de Alcanena.
- CANTOS & RECANTOS Edifício Bocage, Setúbal):

INACIOMATSINHE



Pintura de Inácio Matsinhe

- na comemoração do seu primeiro aniversário, esta casa de Arte e Decoração tem patente uma exposição com Escultura de Luisa Peerienes e Pintura de António Santos.
- GALERIA CHAGAL (Leiria): até 6 de Junho, uma exposição de aquarelas de João Martins, patente de segunda a sábado das 15 às 20.
- CETARIA-GALERIAS DE ARTE (Setúbal): até 18 de Junho, exposição de goaches de Boavida Amaro, patente ao público de segunda a sexta, das 9 às 12 e das 14 às 18.
- GALERIA NASONI (Porto): escultura de Zulmira de Carvalho, patente até 31 de Maio, de segunda a sexta das 9 às 18, sábados e domingos das 15 às 18.
- GALERIA TEMPO (R. Nova de S. Mamede, 17-A): pintura de Manuel Lameira até 19 de Maio, de segunda a sábado das 16 às 20.
- VALE TUDO MENOS TIRAR OLHOS (R. Rodrigo da Fonseca, 25): fotografias de Sena da Silva.
- ESPACE ALLIANCE (R. Braacamp, 13): «Mytholusismes», uma exposição de Pintura de Lima de Freitas, até 29 de Maio, patente nos dias úteis das 10 às 13 e das 14 às 19,30.
- MUSEU NACIONAL DO TRAJE: Objectos Texteis de Teresa Segurado pavão, em exposição até 21 de Junho.

- ATRIUM DA IMPRENSA (R. da Horta Seca, 2): patente até 28 de Maio uma exposição com trabalhos de Stuart Carvalhais, de segunda a sexta das 10 às 20.
- LIVRARIA DO ESTADO (R. Marquês Sá da Bandeira, 16): Pintura de Noronha da Costa até 19 de Maio, organizada pela Galeria R 75 em colaboração com a Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- ESPAÇO POLIGRUPO (R. Ivens, 14): Pintura e desenhos de Isabel Augusta intitulada «No Caminho das Cruzadas».
- CENTRO COMERCIAL AMOREIRAS (Loja 2063): até 20 de Maio, a primeira exposição individual de pintura de José de Freitas Cruz.
- CENTRO CULTURAL DE GRANDOLA: até 14 de Maio, exposição de desenho e pintura de Manuel Filipe, organizada conjuntamente pela Câmara Municipal de Grândola e Secretaria de Estado da Cultura.
- MUSEU NACIONAL DO TRAJE: exposição intitulada «Estrada Marginal», tecidos estampados de artistas e designers. Patente ao público durante seis meses.

LIVROS

- FORUM PICOAS: às 18 horas, inauguração do «Salão do Livro Francês de Lisboa», promovido pela Embaixada de França.

TEATROS

QUINTA-FEIRA, 14 DE MAIO DE 1987

Radio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; 18.00: Regressos; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estádio; 20.15: Música portuguesa; 20.30: A viver também se aprende; 21.00: Musical; 21.30: Imaginário. Notícias de hora a hora.

Programa 2

15.35: Panorama, da obra de Chabrier; 16.30: Álbum musical; 17.00: Histórias da História; 17.40: Trechos de ópera, de Berlioz, Mozart, Poncielli, Leoncavallo, Verdi e Rossini; 18.40: Música instrumental, de Mozart; 19.00: Integrales; 19.35: Uma abertura sinfónica; 19.45: Concerto, n.º 2, para trompa e orquestra, de Ricardo Strauss; 20.05: Música de tecla; 20.40: Música, para violino; 21.00: História de música e outras; 21.30: Transmissão directa, do Teatro Nacional de São Carlos, do concerto de gala pela Banda da GNR; 23.00: Música vocal comentada; 00.50: Último andamento; 01.00: Fecho.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; 17.00: Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: É de noite... já se vê; 03.00: Guarda-nocturno. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Ao fim e ao cabo; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 23.00: Em órbita; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-nocturno. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Cidade nova; 21.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.30: Suplemento especial; 23.55: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Cantar português; 23.00: Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.57: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Informação e música; 20.00: Porto de abrigo; 20.30: Meia de música; 21.00: Palácio de Cristal; 23.00: Bola branca; 23.30: Porto final.

RTP

- 18.02 - Sumário
- 18.07 - Brinca Brincando
- 18.55 - Show Bis
- 19.30 - Telejornal
- 20.00 - Boletim Meteorológico
- 20.05 - Vamos Jogar no Totobola

20.25 - Palavras Cruzadas

88º Episódio: - Sofia aconselha Carlota, que está muito deprimida com a indiferença do marido, a retomar a sua profissão de médica e compromete-se a pedir um lugar para ela na clínica do cunhado. Marta comenta com o primo e com Paulo a prisão de Mário, na fronteira, e o assassinio de Alberto e conjecturam sobre as possíveis ligações dos dois factos. Propõem-se ir de manhã à empresa para contarem tudo a Filipe. Filipe, no dia seguinte, ao saber que Mário foi apanhado na fronteira com um lote enorme de diamantes fica desvairado. Miguel regressa do Porto, onde tinha ido para acompanhar Lucinda no funeral da patroa, e diz que aconvidou a passar uns tempos lá em casa. Isabel deixa cair a carta que estava no livro e ao apanhá-la verifica que está endereçada à mãe e contém ameaças e recomendações para que esteja atenta às notícias dos jornais dos próximos dias. Nesse instante aparece Helena que ao ver Isabel com a carta na mão fica horrorizada.

21.05 - ALF - Uma Coisa do Outro Mundo

10º Episódio: - Quando Willie e Kate regressam a casa com uma avaria no carro, Alf sugere-lhes que comprem um novo mas a resposta de Willie é peremptória: «Não!».

Lynn, aborrecida por os pais não lhe poderem emprestar o carro para sair, arranja um emprego a fim de ganhar dinheiro e assim poder comprar o seu próprio automóvel. Dedica-se de tal modo ao trabalho que os estudos começam a ressentir-se e os pais ficam preocupados. Alf decide resolver a situação, comprando um Ferrari para lhe oferecer...

Realização: Tom Patchett e Peter Bonerz



«Primeiro entre Iguais»: 3º episódio no 1º canal às 22.10



Às 22.15 no 2º canal, o 6º episódio da série «África»

21.40 - Face a Face

Com Artur Jorge

22.10 - Primeiro Entre Iguais

3º Episódio: - Raymond Gould procura aconselhar-se com o seu advogado depois de receber uma carta em que é ameaçado de chantagem por uma prostituta com quem se encontrara. O seu maior receio é que a notícia chegue à imprensa e seja comentada pelos jornais.

Simon envolve-se no mundo dos negócios enquanto Charles é convidado para um cargo político que pode significar o abandono do seu lucrativo lugar no banco.

Por seu lado, Raymond Gould vê-se colocado perante a mais difícil decisão da sua carreira.

23.05 - 24 Horas

23.35 - Remate



15.00 - Agora, Escolha!

16.30 - Notícias

16.35 - Trinta Minutos Com...

Paulina Figueiredo (estilista)

17.05 - Countdown

18.00 - Estádio

Ciclismo - Transmissão em diferido dos últimos quilómetros da etapa Palazuelos del Eresma - Villaiba, da Volta à Espanha

19.00 - Simon Show

20.05 - Hitchcock Apresenta

14º Episódio: - Pagie Fisher é um adolescente rico mas solitário. A grave deficiência auditiva que contraíra quando tinha apenas onze anos tornara-o melancólico.

Pagie viaja agora até Nova Iorque, onde irá festejar o seu décimo segundo aniversário na companhia do pai. Desde o dia em que perdera a audição, a relação dos dois tornara-se difícil e distante. Revoltado, o jovem começa a arquitetar um plano sórdido, com o qual espera vingar a falta de atenção que o pai lhe devota...

Argumento e realização: Tom Rickman

20.30 - Uma Família às Direitas

125º Episódio: - A onda de calor que se faz

sentir em Nova Iorque não é nada comparada com o problema que Archie e Edith enfrentam com «outra mulher»

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Montra de Livros

21.35 - O Tempo e o Vento

22.15 - África

6º Episódio: - Este episódio revela os mais importantes desenvolvimentos da História africana entre 1880 e 1945. No enício deste período eram mínimos os contactos entre os povos locais e os europeus, mas menos de trinta anos depois todo o continente, com excepção da Libéria e da Etiópia, estava sob regime colonial. A colonização foi feita das mais várias maneiras. Neste episódio são analisados os casos do Ghana, Quênia, Nigéria e Moçambique. Por volta dos anos trinta, o nacionalismo africano começava a surgir e o continente a preparar-se para a mudança.

AMANHÃ

- 10.02 - As Dez
- 12.15 - Cambalacho
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.35 - Ciclo Preparatório
- 18.00 - Sumário
- 18.05 - Brinca Brincando
- 18.50 - Show Bis
- 19.30 - Telejornal
- 20.00 - Boletim Meteorológico
- 20.10 - Palavras Cruzadas
- 20.50 - A Arte de Bem Cozinhar
- 21.05 - Noites de Gala
- 22.35 - O Programa das Festas
- 23.05 - 24 Horas
- 23.35 - Remate
- 23.45 - Pela Noite Dentro

RTP-2

- 14.17 - Novo Amor
- 15.00 - Agora, Escolha!
- 16.30 - Notícias
- 16.35 - Trinta Minutos Com...
- 17.05 - Countdown
- 18.00 - Estádio
- 19.00 - Nino Show
- 20.00 - Hitchcock Apresenta
- 20.30 - Uma Família às Direitas
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Clube dos Jornalistas
- 21.55 - Montra de Livros
- 22.00 - Troféu
- 22.30 - Goya



Cabeleireiro Eva

— É um cabeleireiro para as senhoras que não dispõem de tempo e não querem gastar muito dinheiro.

MANICURE — PEDICURE — DEPILAÇÕES — SAUNA

Pr. Marquês de Pombal, 1 — Lisboa

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1

Primeiro Entre Iguais

RTP 2

Hitchcock Apresenta

GRUNDIG PORTUGUESA

comércio de artigos electrónicos, Lda.

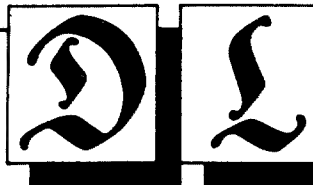
Rua Bento Jesus Caraca, 17
Cruz Verde, 1495 LISBOA
Telex: 4197570



«Palavras Cruzadas»



PORTE
PAGO



Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRAFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54/5 — 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21) Porteiro 32 11 54 Redacção 32 02 71 2/3
Endereço Telegrafico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte 115 1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 40\$00

Director **A. Ruella Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82



A MAIOR PARTE DAS
PESSOAS NÃO SABE
QUE PODEM NAVEGAR
ATE NEEDLES, RIO ABAIXO.



NO ENTANTO, A
DISTÂNCIA NÃO É
LONGA...

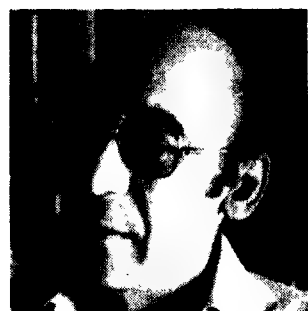


CLARO, PRECISAM
APENAS DUMA BALSA
DE BORRACHA, DUM
BARCO A REMOS...



OU DUM BALDE.

Mário Ventura Henriques e Alçada Baptista ganharam prémio "Cidade de Lisboa"



Os escritores António Alçada Baptista e Mário Ventura Henriques obtiveram, ex-aequo, o prémio literário de ficção «Município de Lisboa» 1985 com os romances «Os Nós e os Laços» e «Vida e Morte dos Santiagos», respectivamente, segundo anunciou a Câmara. Na modalidade de poesia foi distinguido o livro «A Matéria Intensa», de Eugénio Lisboa, mas, alegando falta de qualidade dos trabalhos apresentados a concurso, o júri não atribuiu os prémios destinados a obras de ensaio e teatro. O valor pecuniário de cada prémio é de 100 contos. Os livros de António Alçada Baptista e Eugénio Lisboa, agora premiados, são as estreias dos dois autores no romance e na poesia, respectivamente.

Antes de «Os Nós e os Laços», que a crítica acolheu favoravelmente e teve um razoável êxito de vendas, Alçada Baptista escreveu textos de carácter ensaístico, nomeadamente «Peregrinação Interior», e entrevistas («Conversas com Marcelo Caetano»).

Mais conhecido como ensaísta e crítico literário — actualmente um dos mais informados estudiosos do movimento presencista e da obra de José Régio —, Eugénio Lisboa tem poemas publicados em jornais e revistas, mas «A Matéria Intensa» constituiu a sua estreia em livro.

Mário Ventura Henriques, jornalista no «Diário de Notícias», tem vários títulos de ficção publicados, entre os quais «A Noite da Vergonha», «A Sombra das Árvores Mortas» e «Outro Tempo Outra Cidade». É também autor de uma recolha em livro de entrevistas a escritores, «Conversas».

«Os Nós e os Laços» e «A Vida e Morte dos Santiagos» já antes tinham sido distinguidos ex-aequo com o prémio de narrativa do Pen Clube Português 1986.

Portugal analisa propostas de desarmamento

O embaixador plenipotenciário soviético, Vladimir Suslov, indicou ontem, em conferência de Imprensa, que os responsáveis portugueses estão a estudar as propostas sobre desarmamento feitas no âmbito das actuais conversações americano-soviéticas.

Chegado há dias a Lisboa, para dar conhecimento às autoridades portuguesas do andamento das conversações entre Moscovo e Washington sobre armamentos nucleares e espaciais, Suslov frisou que Portugal tem uma palavra a dizer «tanto em termos de aliança (Nato), como noutros fóruns europeus».

«As conversações — considerou o representante de Gorbachov — não devem ser, em princípio, limitadas aos soviéticos e aos norte-americanos. Todos os países europeus devem participar nas mesmas».

Suslov, que se avistou com Mário Soares e com o director-geral dos Negócios Políticos e Económicos do MNE, José Cutileiro, e tem ainda previstas reuniões com responsáveis partidários, salientou o facto de Portugal ser um país europeu e que, por isso mesmo, «o seu interesse em libertar a Europa de armas nucleares não deve ser menor que o dos outros países».

O embaixador soviético destacou o empenhamento do seu país na questão do desarmamento e acentuou que «a segurança só é possível caso haja reciprocidade e sejam tidos em consideração os interesses de ambas as partes».



OLIVEIRA MARTINS, Joaquim Pedro, o historiador, o polígrafo, o homem político, foi trocado, em fotografia, nesta secção do «DL», pelo ministro das Obras Públicas, **OLIVEIRA MARTINS**, João. A biografia do historiador não desvalorizou a fotografia do ministro, e a fotografia do ministro não rejuvenesceu o historiador. Deste a biografia foi agora publicada pelo sobrinho-neto, Guilherme d'Oliveira Martins, num volume prefaciado por Eduardo Lourenço e editado pela Imprensa Nacional — Casa da Moeda. Coleção: «Temas Portugueses». Título: «Oliveira Martins — Uma Biografia».

ARTUR PORTELA foi reeleito presidente do Conselho de Comunicação Social — anunciou um comunicado do Conselho ontem distribuído. Na sua última reunião, realizada terça-feira, foi também reeleita a vice-presidente, Margarida Ramos de Carvalho, e foi eleito o secretário, Manuel Nobre de Gusmão.

RAMALHO EANES assistiu ontem, em Setúbal, à missa de sétimo dia, em memória da deputada do PRD, Ana Gonçalves, que morreu

dia 6, vítima de um acidente de automóvel. A missa, celebrada pelo padre José Graça, na Igreja de Santa Maria, assistiu também Hermínio Martinho, vice-presidente do PRD e os deputados Marques Junior, José Passinhas e Carlos Ganopa, além de familiares e amigos de Ana Gonçalves. Ana Gonçalves, de 25 anos, faleceu num acidente de viação entre Corroios e Fogueiro, quando a viatura em que seguia se dissipou.

INACIO MATSINHE, pintor moçambicano, tem patente ao público, a partir de hoje e até ao dia 30 deste mês, uma exposição dos seus trabalhos na galeria Escadinhas do Arco da Dona rosa, em Lisboa. Aquele antigo elemento da Associação Africana de Moçambique, que já tem exposto em Angola, Espanha, Inglaterra e outros países, encontra-se há uma década radicado em Portugal, onde vive e trabalha no tradicional bairro lisboeta de Alfama. Segundo Matsinhe, num poema de apresentação da mostra que hoje se inaugura, «A Mulher» — «Esvoaçando de prazer, como a égua em fúria» — é a fonte da sua pintura. Para além da mulher, Inácio Matsinhe dedica também culto à liberdade.

de: «Deixai meu pássaro voar/ para que a liberdade dos homens/ seja livre».

PLACIDO DOMINGO deu ontem um concerto grátis ao ar livre em Viena, para agradecer a resposta dada pela cidade ao seu apelo em favor das vítimas do tremor de terra no México. Apesar da chuva, as muitas pessoas que se concentraram junto da Câmara vienense para ouvir o tenor, de 46 anos, não arredaram pé. Quem no domingo passado quis ouvir Plácido Domingo na ópera «Otelo», de Verdi, teve de desembolsar na bilheteira da «Ópera Estatal» de Viena 1800 xelins, o que corresponde a cerca de 21 contos.

JUAN CARLOS e Sofia, reis de Espanha, celebraram hoje o 25º aniversário do seu casamento, que teve lugar em Atenas, em 1962. Uma missa à qual assistirá toda a família real, uma recepção às autoridades e um almoço de carácter familiar, são os actos com que os reis celebram as suas bodas de prata. Há 25 anos, representantes de todas as monarquias europeias foram à capital grega para assistirem ao casamento dos então príncipes Juan Carlos de Borbón e princesa Sofia, da Grécia.

ÚLTIMA HORA

Nova greve na CP, implicando como nas duas anteriores a paralisação dos comboios, foi marcada para sexta-feira da próxima semana, dia 22, segundo informou a Direcção do Sindicato dos Maquinistas. António Medeiros, da Direcção do Sindicato convocante da greve, completou esta informação dizendo que no dia 26 se reúne o Conselho de Dirigentes e Delegados para decidir as formas de continuação da luta que opõe os maquinistas ao Conselho de Gerência da CP.

No primeiro trimestre

Degradou-se ainda mais a balança comercial

O défice da Balança Comercial, registado no primeiro trimestre deste ano, mantém a tendência para o agravamento já observada nos dois primeiros meses do ano cuja divulgação gerou viva polémica.

Os números, revelados pelo Instituto Nacional de Estatística, mostram a tendência para a degradação das contas do comércio externo, em que o défice efectivo das trocas comerciais portuguesas, já expurgado da contabilização de 17,2 milhões referentes aos aviões importados em 1983, subiu de 76,9 para 103,9 milhões de contos. Este valor é o resultado da diferença entre os 373,7 milhões de contos importados e o valor das exportações, totalizado em 240,6 milhões de contos.

Neste primeiro trimestre, as importações cresceram cerca de 48,7 por cento contra um acréscimo das exportações de 38 por cento, observando-se em sua consequência um agravamento da taxa de cobertura das exportações pelas importações, de 69,4 para 64,4 por cento.

No total das importações, relativamente ao período homólogo do ano passado, voltou a verificar-se uma diminuição dos valores das importações de «cereais» e de «combustíveis e óleos», pressagando um agravamento ainda superior ao registado em futuro próximo por quanto ainda se esteja a beneficiar da baixa de preços desse tipo de produtos.

A CEE continua a ocupar um lugar relevante no comércio externo português, tendo-se mesmo verificado no trimestre em questão um reforço da importância relativa da Comunidade nas trocas comerciais portuguesas.

Cerca de 72 por cento das exportações tiveram como destino, nesse período, países comunitários, enquanto que 61,4 por cento das compras portuguesas ao exterior vieram destes mesmos países, tendo-se verificado um défice de 43 milhões de contos, superior em 29,4 por cento ao período homólogo de 1986.

LER ESCRREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS.
NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.

N.º 302

Clip

■ A gota de ouro

A gota de ouro, de Michel Tournier, em tradução de Ricardo Alberty, é o grande lançamento do mês na D. Quixote. O romance sairá na colecção *Ficção Universal*, vindo assim juntar-se a *Gaspar, Melchior e Baltazar*, a *O Rei dos Alamos* e a *O galo do mato*, também de Tournier, que a editora já publicara.

É a história de Idriss, uma criança do deserto que, pastoreando cabras e carneiros, é um dia fotografada por uma «turista» que sai de um *land-rover*, prometendo enviar-lhe, de Paris, a imagem que dele obteve... A foto nunca



Karen Blixen

chegará a Idriss parte em sua busca. Romance sobre a imigração do Magrebe? Sobre a «fusão» árabe em Paris?

Sobre a fotografia e sua magia, como tantos outros textos de Tournier? Sexagenário, o romancista de *Vendredi ou les limbes du Pacifique* regressa a outro dos seus temas preferidos, o «jogo» com a infância, a atracção pelas crianças. Três em cada cinco fotografias que se tiram no mundo são de crianças, diz ele numa entrevista a propósito de *A gota de ouro*. Porquê? Esta ficção trabalha igualmente na aura desta pergunta.

Outros lançamentos da D. Quixote para Maio: a reedição do *Auto dos Danados* de Lobo Antunes, o primeiro volume dos *Sete Contos Góticos* de Karen Blixen, *A Tomada do Poder* de Czeslaw Milosz (de que falaremos detalhadamente a seu tempo) e, de Franz Kreuzer, uma vasta entrevista com Karl Popper, que sairá sob o título *Sociedade Aberta, Universo Aberto* na colecção *Opus*. Ainda para este mês: o *Freud de Jaccard* e um álbum de «cartoons» de Du Bouillon; *Futebol*.

■ Dorita

David Mourão-Ferreira é o autor do catálogo da exposição de Dorita Castel-Branco que abriu na Galeria S. Mamede, composta de dezassete bronzes,

quatro mármore, um poliéster e um polimínium. Eis o que diz D.M. F. sobre a escultura: «O sopro demiúrgico de uma grande Mulher na sua aparente fragilidade. Dois olhos, vivíssimos, que assanhados e ternos *agarram* o mundo; duas mãos inquietas que fulgurantemente o vêem; dez dedos nervosos e seguros, ágeis e possantes, que infatigavelmente o moldem, recriam, transfiguram. É preciso assistir à paixão, mas

também ao rigor, com que Dorita modela o barro; à versatilidade, mas também à sabedoria, com que ensaia depois os mais variados materiais; enfim ao ímpeto, mas também ao escrúpulo, com que do espírito e das mãos lhe irrompem, a um ritmo de assombro, ora isoladas figuras ora conjuntos ou séries de formas entre si aparentadas, de peças e objectos que uns com os outros dialogam na mesma linguagem».



Dorita Castel-Branco

Acabados de Chegar na Página 8 • Acabados de Chegar na Página 8 • Acabados de Chegar na Página 8 • Acabados

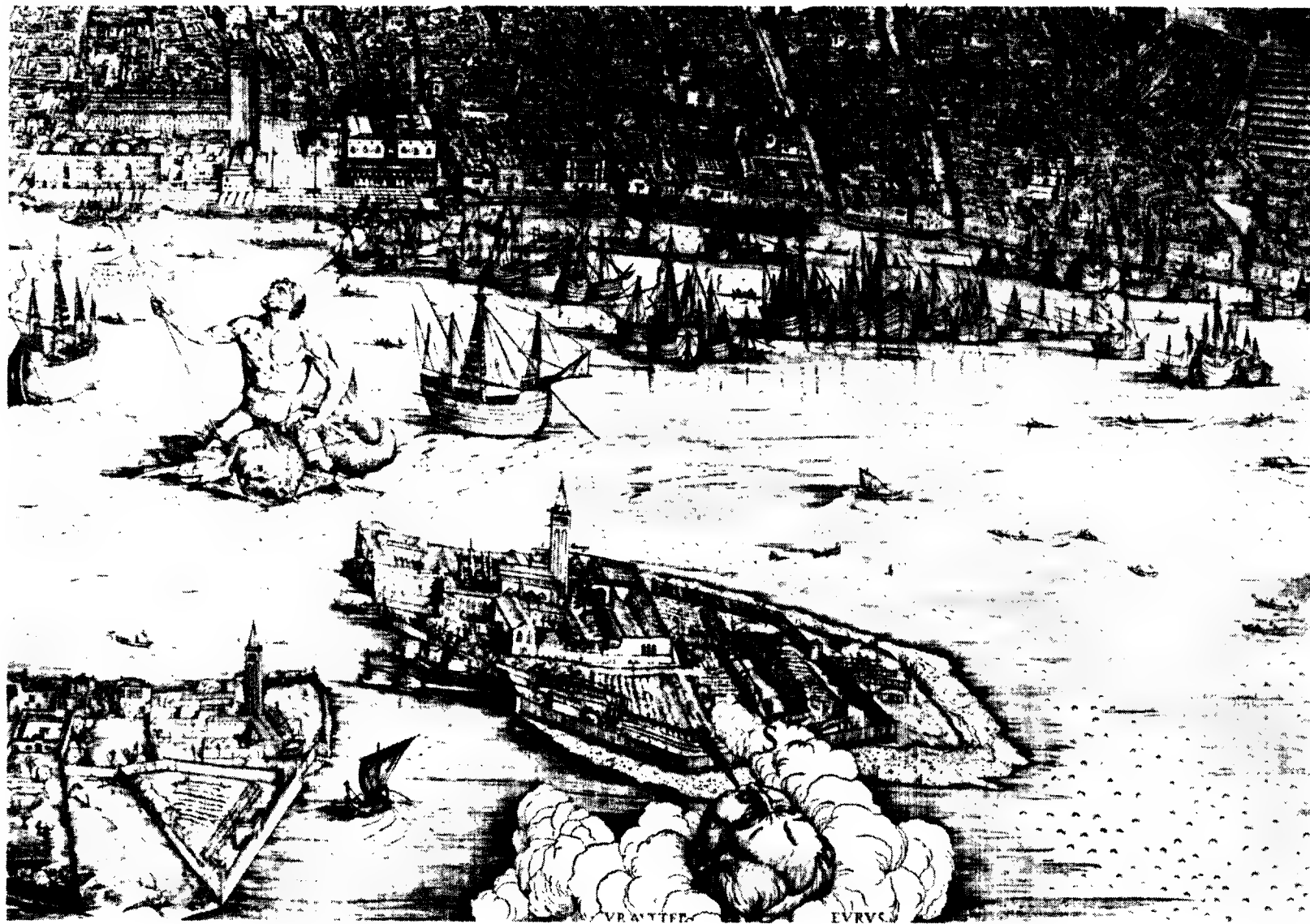
A cartografia urbana do Renascimento

A cartografia urbana do Renascimento é o tema de um artigo de Helen Wallis, da British Library, que o *Ler Escrever* hoje publica. Trata-se da colaboração da autora para o último volume (o número 10) da revista *Ler História*, dirigida por Miriam Halpern Pereira e editada pela Salamandra.

«Em 1625 — escreve Helen Wallis ao abrir o seu texto — Robert Burton escreveu no seu livro *The Anatomy of Melancholy*: 'Que maior prazer pode existir que observar os minuciosos mapas urbanos de Ortelius... examinar esses livros de cidades elaborados por Braunus e Hogenbergius?'. Ver atlas era uma cura para a melancolia. E terá a cartografia, ainda hoje, perdido o seu valor terapêutico? Jorge Luis Borges, está fantasmaticamente presente, neste artigo, embora nunca seja nomeado.

Neste número de *Ler História* colaboram também Amélia Aguiar Andrade, Nuno Gonçalo Monteiro, a directora, Miriam Halpern Pereira, Maria de Fátima Bonifácio, Fernando Piteira Santos e outros. Joel Serrão, José Matoso, José Mariz, Raul Iturra, estão entre os membros da Redacção.

Ler História tem uma tiragem de 2.500 exemplares, e custa, por número, 700\$00. Tem o aspecto de um livro e o seu público recruta-se, predominantemente, entre universitários da área da especialidade e das ciências humanas em geral. O *Ler Escrever* divulga este artigo de Helen Wallis com o objectivo de contribuir para o alargamento desse público aos seus leitores habituais.



Páginas 4 e 5

Detalhe do Plano de Veneza de Jacobo de Barbari, 1500, vendo-se S. Marco e o Palácio dos Doges

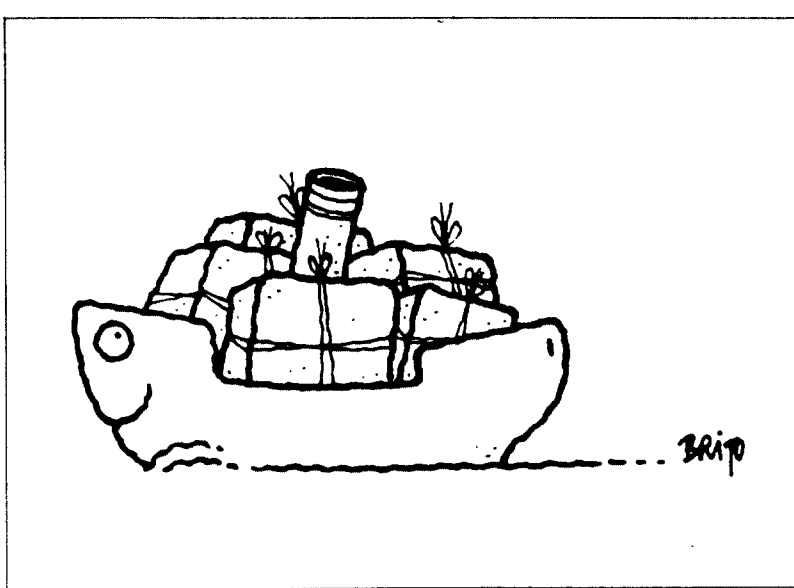
Os Labirintos do corpo, Maria Graciete Besse, Ulmeiro, Lisboa

É o terceiro livro que Maria Graciete Besse publica. O primeiro foi em 1983, uma colectânea de poemas intitulada *Rosto Sitiado* (Fenda Ed., Coimbra), e pouco ou quase nada se deu conta dele. De passagem se diga que não seria caso para muito: não havia aí grande coisa de novo, era a impressão com que se ficava a uma primeira leitura. Uma segunda leitura não desfazia tal impressão e, se formos rere o livro a três para quatro anos de distância, não será outra a impressão com que se fica, principalmente se considerarmos o que, depois disso, a autora publicou, *Mulher Sentada no Silêncio* (em 85, na Ulmeiro). Eis um livro que merecia e justificava sorte bem melhor do que a sorte que teve (junto da crítica, pelo menos, — que junto do público não sei), se não porque o texto fosse grandemente alterador de situações, de perspectivas da novelística portuguesa actual, pelo menos porque neste contexto marcava uma sensível diferença, pelas suas flagrantes notas de maturidade, e qualidade, palavras que ocorrem para designar o domínio de uma linguagem, segurança de processos e excelência de efeitos produzidos pelo meticuloso trabalho narrativo e, principalmente, construtivo (acepção de tex-

tual). *Labirintos do Corpo*, agora (e de novo na Ulmeiro) nem irá muito além do livro anterior, mas, é evidente, logo a uma primeira leitura, que lhe prolonga, amplia e apura processos e resultados, confirmando as melhores impressões que aquele livro deixou e justificando um forte investimento de expectativa na evolução que o processo desta obra poderá ter doravante.

A escrita de Graciete Besse é de uma forte sedução e levanta algumas dificuldades ao comentário. As duas notações não são contraditórias. Por um lado, ou em primeiro lugar, Graciete Besse faz da linguagem uma utilização fortemente interessada nas suas potencialidades poéticas e estéticas, e subordinada a esse interesse — estratégico, fundamental — tudo o processo narrativo. Os resultados desiludem as expectativas que poderão procurar aqui personagens, acção, situações, desenvolvimentos, — tudo aquilo que é sempre encontrável na história do romance, da novela. Mas são altamente gratificantes para quem, aquém e além disso, procura os textos para neles encontrar um trabalho criador de linguagem — que é necessário apanágio do que com mais propriedade se designa por poesia.

Ter-se-á talvez a ideia de que a autora — que está ainda, pode-se dizer, num início de carreira — hesita entre duas opções, ou opta por dois processos difi-



ceis de fundir num só, global e total, sem o domínio, ainda, daqueles pequenos grandes expedientes com os quais, e somente com os quais, é possível uma síntese consequente e desencadeadora. Parecerá até que dá conta disso o carácter fragmentário desta escrita. Mas é possível que esta fragmentaridade seja estratégica e não menos que a actual resolução escritural de Graciete Besse possa fazer disto processo fundamental

e próprio da sua escrita, perfeitamente consequente e produtivo.

Que as disposições (os dispositivos) se mantêm de *Mulher para Labirintos*, parece isso assegurar, para já, essa ideia. E não a desmente que daquele para este trabalho a autora tenha procedido a algumas alterações, — mas (e significativamente) qualitativas, em campos ou incidências como a econo-

mia (de recursos e meios), o rigor e a consisão (sintácticos, semânticos, construtivos). Mantêm-se, parece, as concepções, os objectivos e os procedimentos. Mantêm-se, antes de mais, a ideia de que se trata, tanto quanto de narrar, descrever, contar, dar conta (ou conto) do que se passa (é percepcionável que se passa) no ser, nos seres, na vida deles no real, na existência, no mundo — e do que se passa no real, na existência e no mundo agindo sobre os seres e a vida deles (ou a noção que eles têm disso) também (ou antes de mais) de assumir, digamos, uma responsabilidade criadora perante a (ou no seio da) linguagem. Como se sabe, são raros os escritores de prosa capazes de assumir esta responsabilidade, para a qual, aliás, nem são muito solicitados, quando o que vão escrevendo basta para o público leitor que vão tendo, e com isso se contentam. Para já Graciete Besse está a assumi-la, e oxalá disso não se ressinta a projecção possível do seu trabalho.

Está no livro, indicação bibliográfica, mas é para quem não tenha o livro à mão: Graciete Besse vive há anos em França, em Pau, onde é leitora de Português na Universidade. *Labirintos* é, à luz dessa informação, um texto que chega do exílio, embora a tal respeito, o texto, nada diga — nem teria de dizer.

Luís de Miranda Rocha

75 sonetos, Silva Carvalho, Solcris

COM uma dedicatória a Nietzsche, Heidegger e aos gregos, abre-se este conjunto poético de Silva Carvalho.

Um acutilante reflectir do Eu na sua relação com o envolvente é o primeiro grupo de poemas que aparecem com o título de «Logos». E esta razão, «exacta medida» tão procurada pelos nossos criadores gregos, idealiza-a o autor num texto. Passo a citar: «Um texto onde me lavasse da impureza mental, / com signos tão próximos da terra excruciente / que fosse possível apalpá-los num gesto tal / que o texto se transformasse em vida hiante. / Um texto tão simples como a complexa natureza, / sulcado de rios, de verdes vegetais, de ardência /

insuflada pelo sol quando a verdadeira pobreza / significa, não a privação, mas conquista, ausência. / Um texto onde se descobrisse a lei e a quididade: reflexo, não de um mim que se sujou de mundo, / mas daquele que sou quando a nudez da idade / me abre ao cosmos dando-me um brilho fecundo. / Um texto tão natural que fosse paradigmático: / exacta medida num destino enigmático.»

A escrita surge como uma forma de catarse: «(...) , vence o soneto a intemperância.» Aquela que o autor observa quando diz: «Vejo, no ecrã incendiado da televisão perversa, / a última notícia, rosto de criança, mãe chorosa. / Grassa a guerrilha, farrapos e corpos, dispersa / dor materializada pela história torva, ominosa. / Mas sinto? / Tão longe a catástrofe! Quase ficção. Dor, vê-se quanto nos abisma a condição do humano plinto. / Carne para a voragem do poder, eis o que somos. / Títeres escri-

vos, cúmplices laços, secos gomos.»

Pensa-se o autor. Sobre si e sobre os outros recaem a ténua e a raiva. A compreensão dos seus fracassos e a denúncia da sua futilidade. Passo a citar: «Memória! Pena estes corpos não produzirem nus. / Ei-los corrompidos pela história. Atorreado, / visiono a perda. Não merecem o sol, quanta luz / cai sobre a terra. Procuram apenas o bronzeado.» Ou: «Não é conquista. Nem derrota. É o tempo ovante / transformando o corpo e a alma a seu talante!»

A lucidez escorre destes poemas de pendor filosófico. De um modo inquietante. Daí o autor afirmar: «Quisera viver da pedra o mutismo, a adiaforia. / Invejo a estupidez. Olhar para o mundo, e nada. / Nem uma emoção, nem um sobressalto: calma fria / onde pudesse esquadriñar a ironia, camuflada.»

Não me alongarei mais em conside-

rands acerca destes poemas agrupados sob o título de «Logos». Os outros dois grupos poéticos («Moira» e «Aletia», que também fazem parte destes «75 Sonetos» exigem-me a sua atenção.

Assim, detenhamo-nos nos poemas de «Moira»...

«Terrível dizê-lo, mas as palavras exigem guerra. / Não há paz no seio do poema, mas cartas, do jogo / onde a ausência vem, aparece. O corpo sabe, berra imprecações terrenas, revolta-se perante o fogo.», afirma-se e, mais uma vez, surge a palavra como a única e possível apreensão da vida. De um existir em que o autor se reconhece como o criador de impossíveis. Frustra viagem de um cosmos equilibrado em antagonismos. Onde o dizer: «Bela rapariga que vens à janela, quisera... / Não é só frustração. Nem realmente desejo. / É outra coisa, é o tempo, é a

morte que oblitera / as transformações no oco, no recesso excruciente!»

São agressivos os versos de Silva Carvalho pela nudez com que nos lançam intransponíveis experiências. A do Eu confrontado com a constante fugacidade do manifesto. O pleno de luz e o asfixiamento sórdido. Contudo, no conjunto poético de «Aletia», escreve: «Exijo mais que um leitor. Compreendam-me: passar sílaba a sílaba pela carne do sonho significa / mais que devolver ao texto a sua origem. Significa / sentir, pela primeira vez, a necessidade de amar.»

Perante tal confissão do Eu, só me resta desejar que o leitor se sinta atraído por esta escrita. Que a ame. Isto é: que o desejo do poeta não ecoe no silêncio da vossa indiferença.

Ana Paula Portugal

Viagem à roda do meu nome, Alice Vieira, ed. Caminho

VIAGEM à roda do meu nome — aqui temos o que, na verdade, se pode considerar um título na nossa literatura infanto-juvenil. Alice Vieira, seguindo linhas muito simples de narrativa, oferece-nos um alto exemplo de como uma história deve ser escrita e contada. Através de uma dialéctica ascendente, partindo de coisas simples até chegar a coisas menos simples, partindo de um nome que se não deseja até chegar à maturidade que o não repudia, a escritora mostra possuir aquele **saber** sobre as coisas da vida (ah, como as pequenas coisas são grandes!) absolutamente necessárias para a urdidura de uma escrita, de uma trama, de um retrato de família (ou de grupo, quase se queira abarcar um mundo mais vasto).

Dissemos um livro infanto-juvenil. Como as classificações, por vezes, se mostram inadequadas! Porque este livro, na realidade, vai também ao encontro dos adultos — e quem o ler com aquela arte subtil de saber ler, com aquele puro saber captar as essências deque a vida é feita, não mais esquecerá o personagem em itálico que é aquela mulher que, nada tendo com a família de que a história se ocupa, nos dá um claro testemunho do mundo em que vivemos. Estamos-nos a referir à passageira que,



por acaso, também embarca na mesma camioneta, e vai contando das suas recordações de companheira de um mágico que a morte já levou, tal como o coelho, tal como a pomba, tal como a cartola...

É uma mulher que vive a morte dos que lhe foram queridos, que ainda os «vê», que com eles «fala», mal sabendo que viaja com uma família que precisamente se foi despedir, para sempre, de uma familiar muito querida. Que se leia, pois esta breve nota de leitura de maneira nenhuma pode dar ao leitor toda a

riqueza de Alice Vieira, toda aquela arte de saber dosear, de ser «short» como mandam as boas regras, de se mostrar segura no entrelaçamento da imaginação com o entendimento.

Viagem à roda do meu nome («Não quero ser Abílio, agora é que quero ser Abílio!») é um grande ponto de referência na obra literária da escritora. Por tudo — mas nomeadamente por saber dizer aos mais jovens que tudo é feito de morte e vida...

Pedro Alvim

As imagens, de Francisco José Viegas, Ed. Caminho.

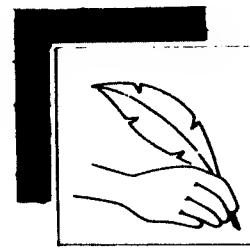
Não são vulgares, entre nós, os lançamentos públicos de novos livros de poesia. Má-consciência num «país de poetas»? Adiante, que o propósito destas linhas é, mais do que uma apressada nota de leitura, registar o lançamento deste belo livro de poemas de Francisco José Viegas. Aconteceu a noite passada, no Centro Nacional de Cultura. Fernando Dacosta falou do livro, recordou as palavras de Pascoaes sobre a saudade («força que nos liberta da morte e da inércia») e sublinhou a peculiar circunstância de a melhor filosofia portuguesa viver nas obras dos nossos muitos e bons poetas. Leu ainda excertos de poemas e de um romance, «Regresso por um rio», do mesmo autor, a lançar dentro de dias. Antecedeu-o Vítor Branquinho, da Caminho, que falou da aposta crescente da sua editora na colecção Poesia que regista já títulos de Graça Varela Cid, Pedro Alvim, Eduardo Olímpio, Oliveira Castro, José Carlos Gonzalez e Viale Moutinho (o do «Piano Bar», de recordações inesquecíveis de um colégio da nossa infância, algures em Espinho, há muitos anos).

Regressemos às «Imagens» de Francisco José Viegas, atrapalhado no lançamento com os rasgados elogios de Fernando Dacosta. O autor de «O Vífuvo» sugeriu, insistiu,

exigiu, por fim, que Viegas lesse alguns dos poemas. Timidamente, o poeta leu. E leu, entre outros, o «pássaro azul» que aqui se regista, como exemplo ou ilustração maior, de outras cerca de sessenta raras e preciosas Imagens de «todas as coisas», do amor, da amizade, dos pássaros e rios, flores e ilhas, alegrias e tristezas, cidades, mares, marés...

«Não voes mais, pássaro do sul, por entre/ vasos e camélias quando o tempo passa/ e é grande o desejo de outro voo mais além/ não voes mais, pássaro do sul, por entre/ tradições e dias contados como frutos/ há um momento em que os amigos se sentam / e falam do passado, e nesse instante/ voltam o rosto para não ver as labaredas/ que os envolvem, eu próprio já adormeci/ sob os salgueiros enquanto os rios corriam/ velozes sobre as nuvens mais baixas/ não voes mais, pássaro do sul, há tantas / tradições, cabelos ao vento, recados/ não voes para lá da vista, pássaro azul.»

E.A.



O Cavaleiro de Oliveira

O primeiro papel no afã de renovação mental do nosso país, durante o século XVIII, cabe incontestavelmente aos «estrangeirados». Emigrados, ou a desempenhar funções no estrangeiro, esclarecidos pelas correntes de pensamento que agitavam a Europa, rasgaram janelas à estreiteza do nosso horizonte cultural, injectando correntes de ar fresco nos espíritos que se consumiam com as argúcias da escolástica. Ribeiro Sanches e Verney são as figuras proeminentes deste grupo de intelectuais; os seus esforços serão coroados de êxito na segunda metade do século XVIII, com as reformas pedagógicas do Marquês de Pombal. Castro Sarmento é, na primeira metade de setecentos, um paladino do mesmo ideal renovador e um desbravador do terreno onde aqueles vieram depois edificar. Francisco Xavier de Oliveira, o Cavaleiro de Oliveira, figura modesta, mas curiosa, é um epígono do grupo.

Francisco Xavier nasceu em Lisboa, a 21 de Maio de 1702, e era filho do contador dos Contos do Reino e Casa, José de Oliveira e Sousa, que foi escrivão do tesoureiro do embaixador na Alemanha, marquês do Alegrete, e secretário do embaixador em Utreque e Viena, conde de Tarouca. Na ausência do país, Francisco Xavier substituiu-o no cargo de contador, tinha então dezasseis anos; e levando vida de estroinice e libertinagem, como era timbre da juventude fidalga, envolveu-se em amores com ciganas e judeus. Foi agraciado com a ordem de Cavaleiro de Cristo em 1729 e no ano seguinte casou com D. Ana Inês de Almeida.

O pai morreu-lhe (1734) quando estava em Viena, ao serviço do conde de Tarouca, o embaixador João Gomes da Silva, como secretário da Embaixada. Para o mesmo lugar o embaixador convidou Francisco Xavier, que aceitou o cargo. Uma vez, porém, em Viena (1734), o conde, que não simpatizava com o carácter do Cavaleiro de Oliveira, nada parecido com o do pai, funcionário zeloso e muito estimado, não o investiu no lugar para que o convidara. Limitou-se a colocá-lo no serviço de expediente, preterindo-o a favor do arquitecto milanês Inácio Mauro Valmagini, irmão do capelão da Embaixada.

Viena era por essa altura uma cidade galante, com uma vida social e cultural das mais marcantes na Europa. Vaidoso, Francisco Xavier deixou-se seduzir pelos encantos da bela capital da Áustria, esbanjava no jogo, enredava-se em aventuras amorosas e vivia com espanto na convivência de pessoas da mais alta aristocracia. Não cuidou do serviço que lhe competia, expondo-se às censuras do embaixador. Numa carta enviada ao secretário de Estado (31 de Outubro de 1737) o conde de Tarouca informa: «Comecei a pôr cuidado não só nos seus discursos (do Cavaleiro de Oliveira), mas nos seus passos, que em mui pouco tempo (me) desagradam. Neles o fui advertindo; e quando lhe mostrei algumas faltas consideráveis no serviço, como, por exemplo, o dormir fora de casa, e o não ter aparecido jamais na antecâmara em alguma função, respondeu-me que obra assim por falta de informações.»

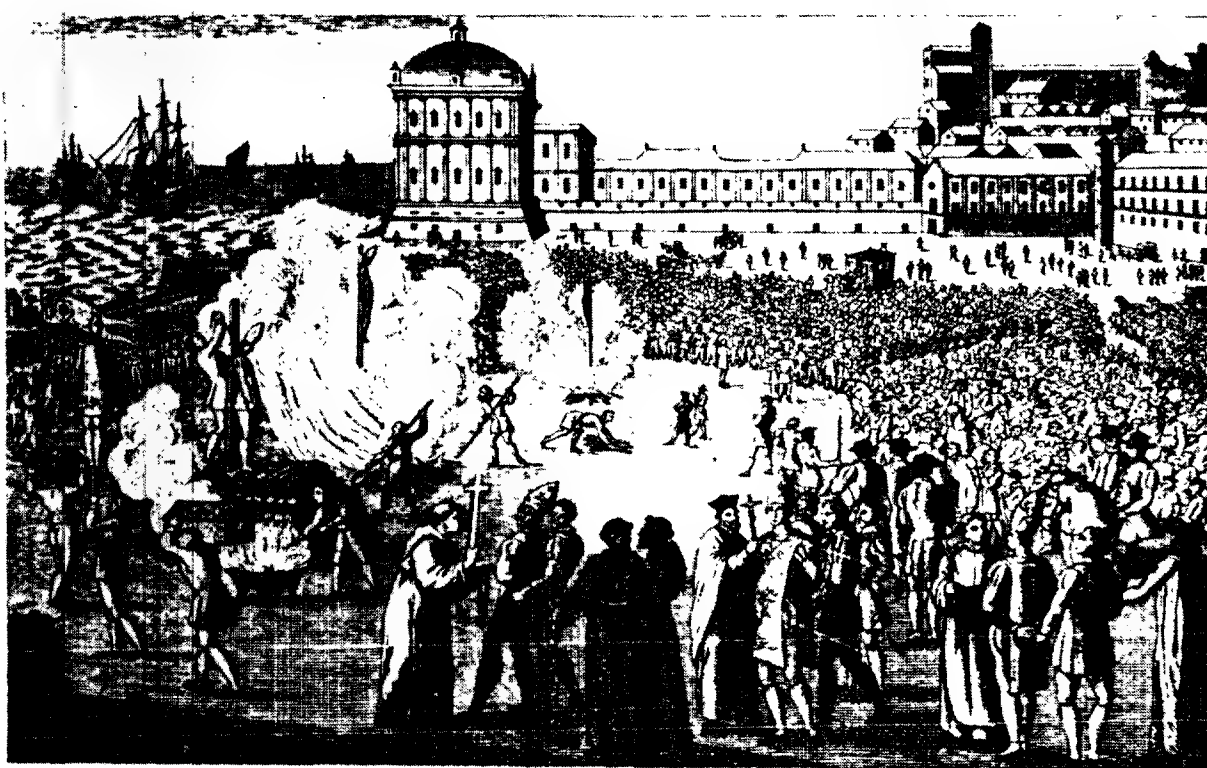
Incompatibilizado com o conde — e as intrigas dos Valmagini para isso muito deviam ter contribuído — escreveu ao embaixador a exigir o car-

go para que fora contratado e contra ele protestou para Lisboa. «Foi este milanês (Inácio Mauro Valmagini) — diz o Cavaleiro de Oliveira na «Recreação Periódica» — a causa principal dos meus desaguisados com o conde de Tarouca, desaguisados que me obrigaram a separar-me dele, a abandonar o serviço de Portugal e a padecer um ror de desgraças, que se encadearam umas nas outras, desde então até agora.» Agora habitava Oliveira em Londres.

Nas palavras transcritas, o Cavaleiro de Oliveira desvia-se, porém, da verdade, pois não foi o Cavaleiro que se separou do conde, que abandonou o serviço, antes foi o conde que o dispensou dos serviços na Embaixada, autorizando-o, no entanto, a residir nela enquanto não voltava para Portugal.

O conde de Tarouca morreu repentinamente em 1738. O Cavaleiro de Oliveira não se dá por vencido e move influências a seu favor: escreve para a Corte, em Lisboa, recorre a D. Luís da Cunha, então nosso embaixador em Paris, e possivelmente à esposa do príncipe de Valáquia e duque de Bessarábia, João Rodolfo de Cantacuzeno, Maria Elisabete, sua amante. O filho do falecido embaixador, Manuel Teles da Silva, naturalizado austríaco e casado com uma austríaca de maior nobreza, era, também, pessoa de muita influência. E como se não bastassem as antigas desavenças para condenarem Oliveira acusavam-no de roubo de importantes documentos da Embaixada.

Vencido na contenda, Francisco Xavier saiu da Áustria, onde casara em 1738. Em 1740 encontrava-se já na Holanda, vivendo dos seus escritos, que lhe não dariam grandes proventos. Neste país publicou, entre outras obras, as «Memórias de Portugal», as «Memórias das Viagens», as «Mille et Une Observations» e as «Cartas Familiares», 1.º e 2.º volumes. Fugindo talvez aos credores foi para a Inglaterra em 1744 e em Londres pretendeu vender documentos da Embaixada de Viena ao enviado de Portugal na corte inglesa, Sebastião José de Carvalho e Melo, depois marquês de Pombal. Carvalho e Melo, em carta de 23 de Março, comunicou o facto para Lisboa, ao secretário de Estado Marco António de Azevedo Coutinho: «Vim achar em Londres o célebre Francisco Xavier de Oliveira, ou por outra o secretário infiel do senhor conde de Tarouca. Depois de o ter recambiado várias vezes, fui obrigado a ouvi-lo pelas exagerações que fez sobre a importância do negócio, que tinha para me comunicar. Consistia este m me querer



Autos da Fé na Praça do Comércio de Lisboa

vender vários papéis, que ainda lhe restavam. Respondi-lhe que de nenhuma sorte me meteria em semelhante negócio, dizendo-me que já o tinha tratado com o sr. dom Luiz da Cunha; e que a ele poderia recorrer para o acabar.»

«V.M. sabe que não desejo fazer mal; mas entendo que é grande bem meter este homem em uma prisão...»

Durante um ano e meio numa prisão meteram, por dívidas, o Cavaleiro de Oliveira.

Francisco Xavier continuou a escrever, para angariar o magro sustento. Grandes deviam ser as suas aflições, antes de o príncipe de Gales lhe haver concedido uma pensão. No *Amusement* para o mês de Junho de 1751 queixava-se: «A minha vida pode e deve comparar-se a rosário em que cada ave-maria é uma adversidade, cada padre-nosso uma desgraça e em que a morte, finalmente, virá a ter o lugar da medalha. Idade propecta, saúde precária, uma indigência incomparável com o meu nascimento...». Na *Inglaterra publicou o «Amusement Periodique» («Recreação Periódica»), em fascículos mensais, «Reflexões de Félix Corvina Vieira de Arcos» e «Discours Pathétique». A censura já havia proibido a circulação em Portugal dos livros do Cavaleiro de Oliveira; aquela última obra valeu-lhe ser julgado em Lisboa e condenado pelo Santo Ofício. À falta do Cavaleiro em pessoa queimaram-no em efígie num auto-de-fé (20 de Setembro de*

1761), o último realizado em Lisboa e no qual morreu o velho jesuíta Gabriel Malagrida. Nesta altura já o cavaleiro de Oliveira tinha abandonado a religião católica e abraçado o protestantismo.

A execução em efígie mereceu-lhe, quando dela teve conhecimento em Londres, o seguinte comentário: «Nunca senti tanto frio na minha vida!». E no ano seguinte publicou o folheto «Le Chevalier d'Oliveyra brulé en effigie comme hérétique...».

Francisco Xavier casou, pela terceira vez, na Inglaterra, país onde morreu aos 18 de Outubro de 1783.

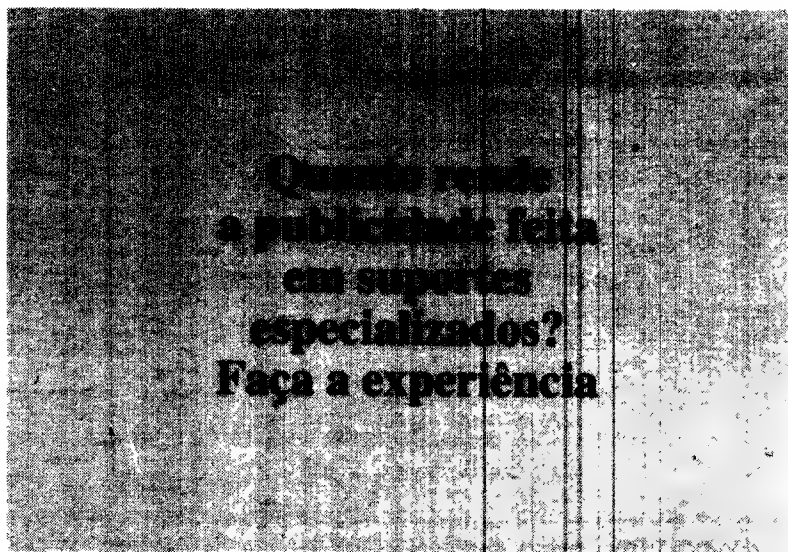
Escritor ligeiro, ameno, o Cavaleiro de Oliveira escreveu sobre os mais variados assuntos. Acerca do amor — seu tema favorito — discorreu longamente, como homem experiente, que muito sabia da matéria. A sua prosa, quando não é a do contundente e ardoroso panfletário da contenda religiosa, corre geralmente deleitosa e fácil. E é valiosa a sua contribuição para o conhecimento da Lisboa da primeira metade do século XVIII, sob D. João V — a Lisboa fradesca e devassa, de beatério e fanatismo; a Lisboa supersticiosa, das procições e dos autos-de-fé, onde campeavam as mais extravagantes crenças, a imoralidade, a libertinagem, a madraice e a hipocrisia.

Da «Recreação Periódica», obra recheada de graciosas anedotas, de casos picarescos e de trágicas ocorrências, transcreve-se a seguir um breve texto —

elucidativo pormenor da vida lisboeta que o Cavaleiro de Oliveira bem conheceu e de que nos deixou muitos e palpantes apontamentos:

«Minto... se disser que as vossas igrejas são o teatro onde quotidianamente ides representar os diferentes papéis que a paixão vos sugere? Não é lá que liquidais pleitos, vos anavalhais, puxais da espada ou jogais à faca, vos matais uns aos outros? Não é lá que se pavoneia o vosso orgulho e vaidade, arreando-vos do maior luxo, das jóias mais esplêndidas, fazendo-vos escortar de numeroso séquito de lacaios? Não é no recinto sagrado que transparece toda a vossa ambição...? Não é nos santuários que marcais encontros às damas, cochichais uns com os outros sobre o que vos vem à cabeça, escarneis, ledes por vezes a gazeta, e cantarolais uma cantiga libertina ou ária em voga? Não é aí que trocáis, amante para amante, a terna missiva? É também falso, porventura, que certas solenidades, mormente a de Quinta-Feira Santa, vos fornecem ocasião propícia a exercer a sensualidade? Não é lá que preparais a desonra das moças, seduzis a mulher casada, corrompeis as vossas próprias parentes? Não é uma verdade incontestável que profanas, então, os santuários, pela prática dos crimes mais abomináveis, o incesto, o adultério, o rapto, o sacrilégio?»

Santos Chambino



Quanto rende a publicidade feita em superespecializados? Faça a experiência

Na terça-feira

Sete Ponto Sete

A cartografia urbana do Renascimento

Por Helen Wallis
da British Library
Tradução por Ana Mónica Faria de Carvalho
e Francisco Contente Domingues

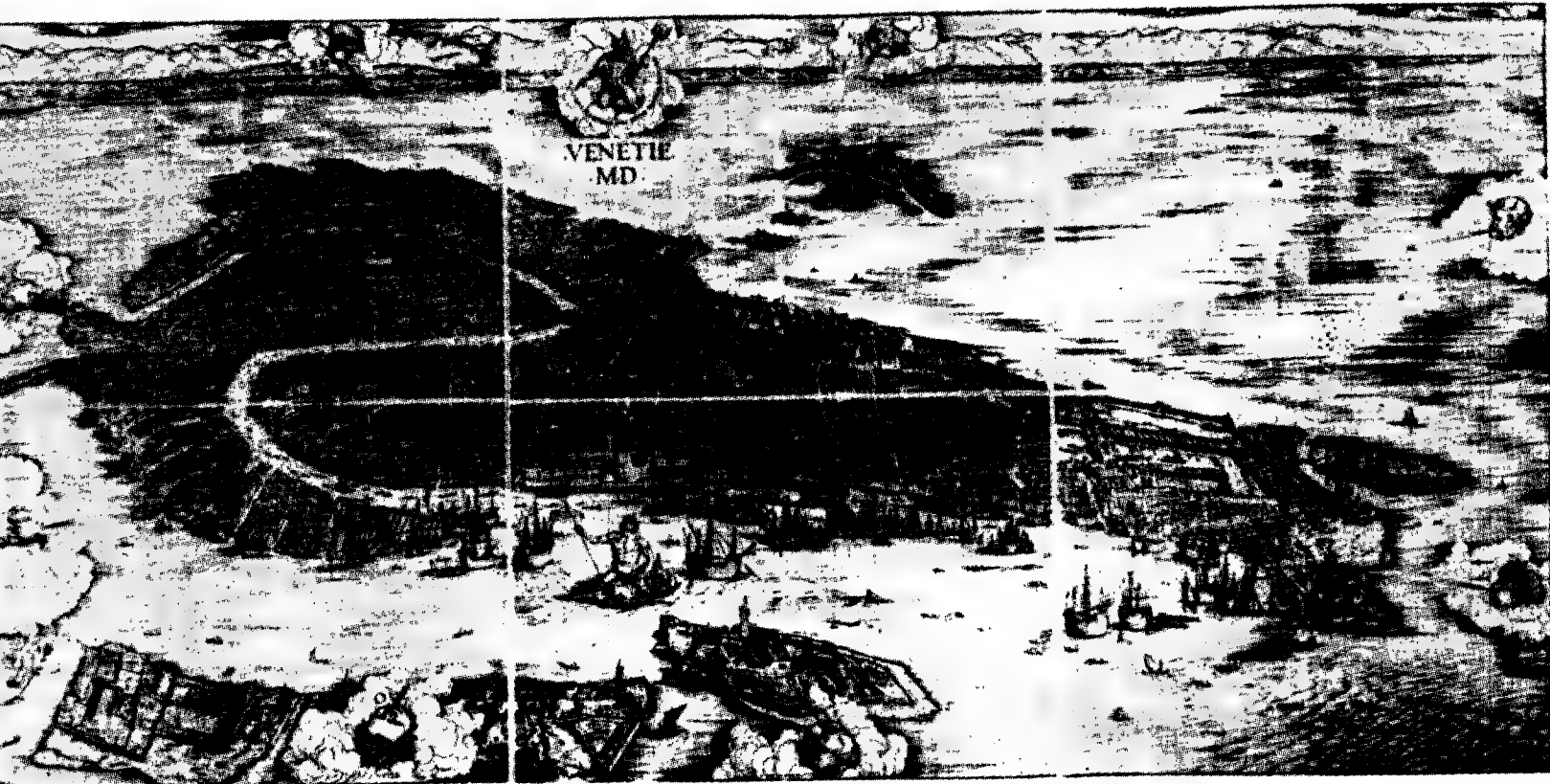
Em 1625, Robert Burton escreveu no seu livro *The Anatomy of Melancholy*: «Que maior prazer pode existir que observar os minuciosos mapas urbanos de Ortelius... examinar esses livros de cidades elaborados por Braunus e Hogenbergius?» Este estudo era uma das curas para a melancolia de Burton. O atlas urbano de Georg Braun e Frans Hogenberg, *Civitates Orbis Terrarum*, publicado em Colónia em seis volumes, de 1572 a 1618, foi posteriormente considerado como apêndice do atlas mundial de Abraham Ortelius, o *Theatrum Orbis terrarum*, publicado em 1570, e, tal como o *Theatrum*, o *Civitates* tornou-se uma das obras mais populares do seu tempo. Os mapas urbanos vieram a ser o género mais perfeito da cartografia do Renascimento, proporcionando grande satisfação não apenas ao seu possuidor, como também ao próprio artista.

Assim, Anton van den Wyngaerde introduziu na sua panorâmica de Génova (1553) a seguinte legenda: «De todos os prazeres que me são oferecidos pela deliciosa e engenhosa (arte da) pintura, nenhum me agrada mais que a representação dos sítios» («Fra tutti quei piaceri che la deletteuole & artificiosa pittura ha in se non v'è nisuna che piu io stimi: che la descrittione di luochi»). Juergen Schulz demonstrou a extraordinária proeza de Jacopo de Barbari ao executar a panorâmica de Veneza impressa em 1500, em seis grandes folhas. «A perfeição do trabalho é tal que podíamos pensar tratar-se do fruto de uma longa e experiente tradição de impressão de mapas urbanos», comentou Schulz, para salientar de seguida que de facto não era assim; pelo contrário, poder-se-ia mesmo tratar do primeiro mapa realizado em Veneza. (1)

Os mapas urbanos podem dividir-se em vários tipos. A forma mais típica tem sido frequentemente classificada como «panorâmica»; fê-lo, por exemplo, Edward Lynam (*The Map Maker's Art*, 1953). Talvez possa ser definida com mais precisão como «vista geral». William Martins introduziu este termo em 1917 (2), e foi adoptado por I. Darlington e J. Howgego em 1964 (*Printed Maps of London*, c. 1555-1850) (3).

Em sentido restrito, a panorâmica pode ser encarada como uma forma particular de descrição da paisagem. R.A. Skelton distingue quatro tipos de representação da paisagem utilizados no século XVI. (4) Na planta geral, a paisagem é desenhada como se o ponto de observação se situasse acima, na vertical. A palavra «disco» (5) refere-se geralmente a este tipo de plano. Em contraste, há a perspectiva, na qual o ponto de observação se situa no plano horizontal, ou muito próximo dele. Uma perspectiva múltipla, tal como a de Visscher sobre Londres, c. 1616, é uma mistura de vistas tomadas de vários pontos de observação e conjugadas depois numa só.

Entre estes dois tipos existem duas formas intermédias: a panorâmica e a vista geral. A panorâmica difere da perspectiva porque a primeira coloca o observador num ponto mais elevado, obliquo ao plano representado. Na vista geral o observador coloca-se na mesma posição em que se encontra na obliqua, tomando embora o pano de fundo a visão global que obtém da cidade, tal como na planta, mas destacando em elevação os edifícios principais, como sucede na panorâmica. Este estilo de representação resulta de uma



Jacopo de Barbari: Veneza 1500

combinação de técnicas e era semelhante (como salienta R.A. Skelton) àquilo que os especialistas de óptica do século XVII chamavam «cenografia», combinando «iconografia» (o plano de fundo) com «ortografia» (o perfil ou elevação).

Apenas a planta e a vista geral são inteiramente desenhadas a uma escala uniforme, e espacialmente correctas. A perspectiva pode ser desenhada a uma escala uniforme, mas apenas ao longo de um plano de fundo calculado a partir da vertical. Anthony Fitzherbert (*Book of Surveying*, 1523, cap. XIX, fol. XXXIVr) alertou-nos para o facto de não se poder encarar a perspectiva como um rigoroso levantamento topográfico de uma cidade. «Then it wolde known howe a Suruey or shulde ouerse or suruey a towne or a lordshyppe, as and the cytie of London shulde be surueyed. The suruey may not stande at Hygate, nor at Shotershyll, nor yet at the Blacketh nor such other places, and ouerlode the cytie on euery syde. For and he do he shall not se the goodly stretes, the fayre buyldinges, nor yet great substaunce of richesse conteyned in them, for then he may be called a disceyner & not a surueyer. And in like wise if a man shall view a close or a pasture, he maye not loke over the hedge & go his way, but he must outhere ryde or go over, & se euery parcell therof.» Ao fazer-se o levantamento topográfico de uma cidade como Londres, escreveu Fitzherbert, é necessário começar num ponto determinado, como por exemplo, na ponte levadiça de London Bridge, na parte oriental, e, a partir daí, avançar casa por casa, paróquia por paróquia, medindo todas as ruas. Braun escreveu algo de semelhante no prefácio do Livro II do *Civitates* 1525: «as cidades devem ser desenhadas de tal modo, que o observador consiga ver todas as estradas e ruas, bem como os edifícios e espaços abertos».

Deve também apontar-se uma outra diferença existente entre a perspectiva, por um lado, e a vista geral e a panorâmica,

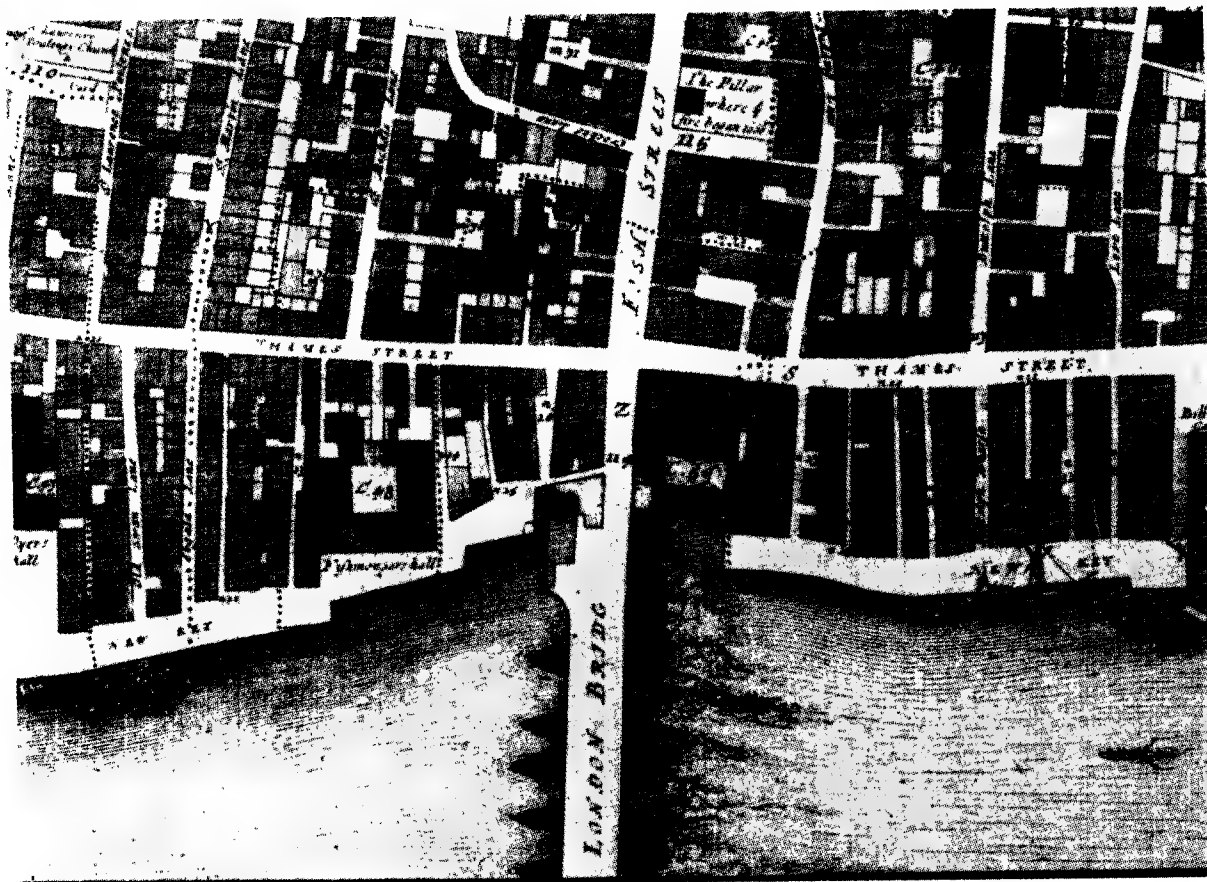
por outro. A perspectiva representa uma dada visão num momento determinado, tal como o instantâneo de uma fotografia. Como testemunho visual, a perspectiva é realista e documental. A vista geral e a panorâmica são mais susceptíveis ao que toca à introdução de modificações por parte do cartógrafo ou do artista; o meio de utilização da linguagem cartográfica e a selecção de pormenores afectam o resultado final da obra. O pitoresco pode sobrepor-se à exactidão.

Estas técnicas contrastantes, devidamente acrescentar, foram evidente e cor-

rectamente consideradas complementares pelo topógrafo John Norden, contemporâneo de Isabel I e Jaime I, que incluiu vistas gerais de Londres e Westminster na sua obra *Speculum Britanniae*, pt. 1 (Middlesex, 1597). Veio a realizar e imprimir mais tarde uma carta de Londres e Westminster de grandes dimensões, «Civitas Londini», de 1600. A sensação de instantaneidade que ressalta desta carta é intensificada pela representação de um cortejo cívico na base da mesma; tal como o manuscrito *Survey of the Honour of Windsor*, do mesmo Norden, feito para Jaime I em

1607, conjuga a perícia de um levantamento topográfico das propriedades com uma representação muito decorativa do castelo de Windsor.

Apesar de não se restringir apenas a vilas e cidades, a técnica de representação da paisagem utilizada na vista geral atingiu o seu auge artístico e cartográfico nos planos de cidades renascentistas. Este interesse especial pela cidade reflectia a sua importância, sem igual desde a era romana. Os avanços das técnicas cartográficas e da geometria verificados nos princípios do século XVI permitiram fazer reviver a arte da



John Ogilby e William Morgan: o grande e apurado mapa de Londres, 1676.



Plano de Colônia de Georg Braun e Franz Hogenberg: Civitates Orbis Terrarum, livro 1, 1572

representação das cidades em plantas, tal como faziam os romanos. Na Idade Média as cidades eram representadas em perfil, sobressaindo os edifícios de maior relevo. O grande desenvolvimento das artes visuais ocorrido no Renascimento conferiu à sua representação topográfica um estilo peculiar e pitoresco, contribuindo também o trabalho do miniaturista medieval para que esta evolução se verificasse. Era característica geral da paisagem medieval o aparecimento de uma panorâmica geral sobre um plano de fundo nitidamente recortado. A representação das paisagens passou a ser mais estilizada nos séculos XII e XIII, mas no século XIV verificou-se a retomada do interesse pela sua consideração rigorosa. Um exemplo (um dos três desenhos manuscritos deste período existentes no British Museum e na Bodleian Library, em que se distingue perfeitamente a representação de vários lugares) é a famosa vista da Ponte e da Torre de Londres no poema do Duque de Orleães, 1418, Royal MS. 16.E.1.

A ciência da perspectiva evoluiu com a geometria projectiva de Brunellesco, 1425, e o método de desenho em perspectiva de Leon Battista Alberti, surgido em 1435, deu origem ao desenvolvimento da visão oblíqua ou panorâmica, nos séculos XV e XVI, alargando-se assim decisivamente as possibilidades técnicas de representação gráfica do mundo da Natureza.

Nos princípios do século XV tinha chegado à Inglaterra um novo estilo naturalista de representação da paisagem, vindo dos Países Baixos, no qual a visão oblíqua (panorâmica) era convencionalmente aceite. Esta técnica foi utilizada nos desenhos de portos e fortificações feitos por ordem de Henrique VIII, c. 1538, cujos manuscritos se guardam actualmente na British Library, integrados na Colecção Cotton (Cotton MSS). O papel do desenhador militar, neste domínio, salienta a sua importância pioneira, primeiro, e na prática depois, na execução de levantamentos topográficos geométricos. A análise do desenvolvimento dos planos de cidades de F. de Dainville (*Le langage de géographes*, 1964), confere mesmo especial relevo aos aspectos militares.

Um dos cartógrafos mais influentes do século XVI, no que concerne aos

levantamentos topográficos urbanos, foi Jacob van Deventer. No seu trabalho sobre as cidades belgas (*Atlas des villes de Belgique*, 1545-75), ordenado por Carlos V e Filipe II, com objectivos militares, foram utilizados princípios estritamente geométricos. As plantas do seu atlas são as que se encontram mais próximas da perfeição, de quantas conhecemos na cartografia do século XVI, apesar de apresentarem alguns detalhes em perspectiva. Dainville antecipou assim a evolução verificada nos finais do século XVII, quando a vista geral deu lugar ao plano geométrico.

Um outro factor explica ainda o aparecimento das cartas urbanas como forma de arte. Paralelamente à invenção da imprensa, o desenvolvimento da gravação em madeira e em cobre, nos finais do século XV, tornou possível a reprodução exacta das matrizes originais⁶. O mapa impresso conseguia atingir um vasto público, pelo que os impressores se apressaram a responder à expressão do orgulho cívico dos cidadãos, e às necessidades de ordem prática do viajante, do comerciante e do funcionário governamental.

Em Inglaterra, o mais antigo mapa de cidade datado de que temos conhecimento é a vista geral de Norwich por William Cunningham (1558, reproduzida na sua obra *Cosmographical Glasse* 1559). Cunningham caracterizou-a como sendo um exemplo de corografia (por oposição à geografia: «Chorographie consisteth rather in describing the qualitie and figure, then the bigness, and quantitie of any thing»). Aproximadamente na mesma altura (c. 1559, era impresso, provavelmente no estrangeiro, o mapa de Londres gravado numa chapa de cobre. Não se conhecem quaisquer exemplares impressos deste mapa de grandes dimensões, mas duas das matrizes tipográficas, das doze que provavelmente teriam sido feitas, foram descobertas no início da década de sessenta. O plano é correctamente reduzido à escala mas são acrescentados detalhes em perspectiva de proporções exageradas. O todo deu certamente origem a um magnífico mapa geral da cidade de Londres e da sua vida animada durante a época dos Tudor. O seu aspecto pode ser deduzido a partir de uma derivação gravada em madeira, o chamado mapa

Agas, provavelmente impresso em Londres c. 1562-3. S. P. Marks (no estudo que tem por título *The Map of mid-Sixteenth century London. An investigation into the relationship between a copper-engraved map and its derivatives*, 1964, p. 17, salienta a nítida diferença, no método de projecção, que se verifica entre a gravação em cobre e a gravação em madeira. A gravação em cobre é uma verdadeira carta, com as pessoas e os edifícios representados; a gravação em madeira é um esboço panorâmico, no qual o efeito de perspectiva, insignificante na zona da City, é perceptível na distorção das áreas a norte e ocidente. A norte acrescenta-se uma paisagem montanhosa, e alguns detalhes dos vários aspectos são alterados ou distorcidos. Este efeito de perspectiva, escreve Marks, é claramente deliberado e pode constituir a indicação de se tratar de um apelo a um público menos sofisticado do que o que iria adquirir a requintada gravação em cobre. Por seu turno, isto confirmará eventualmente a hipótese de que o mapa gravado em cobre era impresso no estrangeiro, e a versão em madeira em Londres, pouco tempo depois.

Uma certa influência continental pode também ser detectada na notável planta de Cambridge, executada em 1574 para o Arcebispo Parker por Richard Lyne, um discípulo do gravador flamengo Frans Hogenberg. William Smidt Rouge Dragon Poursuivant, que foi o pioneiro dos levantamentos topográficos das cidades inglesas, trabalhando na década de 1580, teve o privilégio de resistir alguns anos em Nuremberg, c. 1578, onde praticou topografia e cartografia antes de regressar à Inglaterra. É o autor do manuscrito que se intitula *The Particular Description of England*, de 1558, e que inclui uma notável série de planos de cidades, indo das plantas às vistas gerais, algumas das quais verdadeiras perspectivas. As técnicas dos topógrafos de Nuremberg, descritas e ilustradas no *Methodus Geometrica* 1598, de Paul Pfinzing de Nuremberg (1554-1599), podem também aplicar-se aos métodos de Smith de representação de paisagens. É curioso verificar que a planta de Nuremberg de Pfinzing (1596, respeita o ponto de observação vertical de forma tal que a muralha circundante é apresentada em

perfil vertical, fazendo com que o topo se nos afigure estar invertido em relação à base. A influência de Smith no desenvolvimento da cartografia urbana inglesa acabou por ultrapassar a extensão do seu trabalho, graças à influência que exerceu sobre John Norden, cuja obra cartográfica pode reflectir também a herança da escola de Nuremberg.

No continente europeu, a obra de Braun e Hogenberg, *Civitates Orbis Terrarum*, figura sem favor entre as melhores do século. Foi o primeiro atlas citadino do mundo. Os mapas do *Civitates Orbis Terrarum* representam as cidades do mundo de todas as formas e dimensões, tal como se tivessem sido executados por quaisquer dos melhores artistas flamengos da época. Foram naturalmente diversas as suas fontes originais. Para os Países Baixos foram obviamente utilizados os mapas de van Deventer; para a Inglaterra, os de William Smith, se bem que nenhum deles tivesse sido mencionado. Quer a própria fonte quer a técnica preferidas pelo artista influenciaram o resultado do trabalho final, cujos estilos variaram entre o plano geométrico, a vista geral e a expressão pictórica, exemplificando todas as fases de transição entre estas formas (7). Assim, o mapa de Londres do primeiro volume derivou do mapa gravado em cobre e é uma vista geral, à qual se acrescentou no primeiro plano uma cena típica local, o que constitui um traço característico do *Civitates*. O desenho do Palácio de Nonesuch (vol. V.1) é um exemplo típico da obra de Georg Hoenfagel, o mais notável dos artistas topográficos que trabalharam na oficina de Hogenberg. Nenhum dos desenhos de Hoenfagel é uma vista geral, tecnicamente falando, antes reflectindo a influência de Pieter Bruegel. A inclusão do coche de Isabel I passando pelo Palácio de Nonesuch é característica do estilo de composição de Hoenfagel, no qual (segundo tem sido apontado, talvez com demasiada severidade: «ele destrói a dignidade da paisagem com uma paixão irresistível pelo anedótico!» (8).

Este desenho *ad vivum* contribui no entanto para aumentar o seu valor como testemunho da história social, e faz do seu autor, segundo a opinião de Oehme, «um precursor do moderno desenho científico» (9). A questão é interessante no sentido em que permite salientar o contraste entre a vista geral e a perspectiva, a primeira ilustrando a estrutura de uma cidade e indicando o seu crescimento histórico, a segunda recapturando a vida de uma cidade (ou lugar, num determinado momento; através da arte da representação. A dificuldade de composição colocada pela necessidade de combinar o primeiro plano da paisagem pitoresca com a representação geométrica de uma cidade está igualmente presente nas vistas gerais, em oposição às perspectivas.

Apesar da vista geral ter permanecido em voga até à década de 1670, Dainville definiu uma fase intermédia quando os engenheiros militares executaram a planta geométrica, colocando o campo circunvizinho em semiperspectiva. Na terceira fase, posterior a esta década, os planos eram inteiramente geométricos, com rosas-de-vento para indicar a orientação e escala geográfica. Os arquitectos, desenhadores e topógrafos seguiram estes princípios de exactidão científica em resposta às necessidades de expansão das cidades verificada no século XVIII. Em Inglaterra, a catástrofe do Fogo de Londres de 1666 fez apressar a necessidade de traçar planos geométricos. Mas antes desta altura nenhum dos planos realizados pode ser estritamente tomado como tal. A última carta geral de Londres impressa antes do Fogo (Richard Newcourt, «London», 1658, gravada por William Faithorne, constitui um exemplo de vista geral, na

qual o detalhe de perspectiva é um tanto inexacto. Estabelece um grande contraste com os dois mapas de grandes dimensões de John Ogilby e William Morgan, o primeiro de 1676, e o segundo impresso em 1682, e no qual o levantamento topográfico se estendia para além dos limites da cidade. O de 1676 é bidimensional e pouco ornamentado, e é o primeiro mapa detalhado e preciso de Londres. O segundo inclui alguns detalhes em perspectiva e é acompanhado por uma «perspectiva de Londres e Westminster».

No continente a voga dos «livros de cidades» continuou durante o século XVII, sendo os seus principais impressores Joan Blaeu e mais tarde Frederik de Wit.

Resumindo, podemos afirmar que os mapas urbanos do século XVI epitomizaram vários aspectos das artes e das ciências do Renascimento. Contribuíram para isso a elevada apreciação do meio físico circundante, as novas técnicas de expressão geográfica e topográfica e, não em menor escala, o sentido do orgulho cívico. Foi uma forma de celebração, apelando para os olhos e para o coração.

Notas

- (1) Jürgen Schuktz, «Jacopo de barneri's View of Venice: Map Making, City view and Moralized Geography before the year 1500», *The Art Bulletin* — The College Art Association of America, vol. IX, Março 1978, p. 472.
- (2) William Martin, «The early mapz of London», *Transactions of the London and Middlesex Archeological Society*, New Series, vol. III, 1917, pp. 256-286, especialmente p. 261.
- (3) A observação da Autora refere-se naturalmente ao original inglês *map-view*. Cf. Nota 4 (N. do T.).
- (4) R. A. Skelton, «John Norden's View of London», *London Topographical Record*, vol. XXVII, 1965, pp. 1-1. R. A. Skelton (org.), Braun e Hogenberg. *Civitates Orbis Terrarum*, vol. 1, 1966, pp. x-xi. [Não existem equivalentes, na terminologia técnica portuguesa da cartografia do século XVI, para as diversas categorias de mapas urbanos referidos pela Autora a partir da tipologia estabelecida por R. A. Skelton. Assim sendo, recorremos aos termos mais comumente utilizados para os diversos tipos de planos, de acordo com o sentido global e restrito com que a terminologia técnica inglesa aparece no texto original, não obstante ser evidente que alguns dos termos por nós empregues podem ser (e são por vezes) tomados como idênticos — o que sucede precisamente por essa falta de precisão a que nos referimos atrás. Traduzimos *ground-plan* por planta, *prospect* ou *view* por perspectiva, *bird's eye view* por panorâmica e *map-view* por vista geral. Como se pode verificar já de seguida, a sua distinção faz-se a partir da posição do observador (como do cartógrafo) em relação ao plano representado — N. dos T.]
- (5) Uma forma de representação da Terra na cartografia clássica mostrava-a como um disco assente numa superfície circular plana, e rodeando-se de água, situando-se o observador num ponto acima, na vertical: a palavra surge aqui empregue por aproximação a esta imagem (N. dos T.).
- (6) W. M. Ivins, Jr., *Prints and Visual Communication*, 1953, pp. 23024 e 36-40.
- (7) R. Oehme, *Old European Cities, Thirty-two 16th Century City maps and texts from the Civitates Orbis Terrarum*, 1955, p. 15.
- (8) A. E. Popham, «Georg Hoenfagel e o Civitates Orbis Terrarum», *Estratto da Maro Finigherra*, 1, 1936, p. 200.
- (9) Cit. por R.A. Skelton, op. cit., (1966), p. XIII.

Desobediência poética (3)

O artista é o último a saber da sua descoberta, do seu engano quotidiano pela realidade. Ele apenas conhece a forma de fazer parar o imaginário e recolhê-lo afectuosamente à volta do pescoço da estética. O resto é feito pelo outro que em contrapartida deambula por lugares comuns como uma serpente. Dá-se a volta a uma velha proposição com efeitos colaterais: julgas-te um peido e não passas de uma rosa. Fica como nova. Depois essa serpente voa da escrita para uma folha A4, de jornal, para a alma do desconhecido ventre do supérfluo e gerador de poemas.

O eixo sintagmático não se deixa devorar pela mística, no entanto, os preservativos paradigmáticos são a melhor solução.

O medo.

Senão tenhamos a devida atenção. Pausa para acender um cigarro. O espírito é um tecnocrata pedante e libidinoso e ao mesmo tempo solene como via da vida que tem que ser rasgada para o que der e vier.

Mas chega de verborreia. É claro que alguém tem que chegar primeiro. É a lei da selva. Há sempre alguém que se perde nesta mundaneidade do verbo. Daquilo que passou à história. Outra conclusão. No final isto não passa de análise política. A esta hora devíamos armarmo-nos até aos dentes com cartazes e «slogans». Há que roer a corda, a vanguarda: adoro fazer poesia sob pressão como se estivesse a ser vergastado. Também não há nada a fazer. A terceira guerra mundial nunca mais rebenta, e vamos acabar por morrer frustrados. Tanto dinheiro investido para nada. E no fundo bastava um pequeno movimento. A esperança nunca nos deixou ficar mal e o impasse, outra vez ele, deixa-nos em casa a rezar e a louvar o poder criativo.

Os ossos estão hipotecados e numerados e a masturbação é que tem as costas largas e o diabo no corpo.

Aqui, tudo desce ao espírito para ser novamente apreciado

pelo eixo sintagmático e paradigmático.

A solução dá nas vistas e há alguém que se senta a um canto da desumanização, enfeitado pela serpente que se apresenta fatal.

Voltemos mais uma vez a página e paremos onde diz: Pare. Olhe para a direita e para a esquerda. Depois de estar convencido que sem você o mundo não estaria onde está, volta para as traseiras na tentativa de fazer o que já fez.

Não custa nada. Há que desequilibrar as coisas, apesar de toda a razão que elas tenham. O mau hálito, que por vezes a teoria deita pela boca fora, não passa de um conceito em alto estado de decomposição. A dialéctica não actua e não se sentem efeitos secundários. Logo, altura ideal para colar cartazes e continuar a ser futurólogo. Contudo, o primeiro facto que lhe aparece na frente é um facto antigo, com um único cartaz: um nome de rua, com sentido único e a letras garrafais que aquele facto é conside-

rado um monumento nacional.

Dada a volta à cidade os factos e os cadáveres acumulam-se num incesto linguístico, resumindo-se a uma outra proposição extrema, extremamente sugestiva: agora é que as coisas vão mudar.

Lá ao canto, o poeta aproxima-se da serpente. Penetra-a até à alma e ouve-se um tiro. Apenas mais um. Todos vêm à janela. Está muito escuro, mas depois de alguns segundos, consegue-se ver a serpente a vomitar o poeta e a deslizar pelo horizonte fora. O poeta, por sua vez, levanta-se a custo. Sacode-se como um animal. Coloca uma medalha no orifício da bala e começa a tomar notas de todas as matrículas dos carros que passam.

O poeta levanta-se. Agarra o sangue com os olhos e atira na tentativa de dispersar a manifestação a favor dele. Não precisa de nada, nem de ninguém, lê-se, cá de longe.

Ouvem-se gritos. Pensa-se. Os coladores de cartazes devoram os últimos cartuchos ideológicos.

Mas a verdade, só no dia seguinte.

Uma sujeita de menor idade fora violada pelo próprio pai, que não conseguia compreender a beleza da sua própria filha.

É um poeta de renome. Defensor dos direitos humanos. Era a única coisa que sabia dizer. A língua, a semântica só fala na presença do advogado. Foi tudo em legítima defesa.

Quem somos nós, para julgarmos a coisa que mais gostamos de fazer.

Não tenho bagagem para mais. Para nos debruçarmos sobre estes assuntos delicados, convém estarmos bem preparados para o que se vai escrever. A vertigem, há falta de melhor, é o único sentimento de repulsa.

Senão, façamos uma coisa, o leitor vai fazer o favor de avançar dez páginas. Calma para que não caia nenhuma palavra. Para que nenhum raciocínio se desarticule ou o literário perca a intertextualidade.

A. Dasilva O.

Feitoria inglesa

VINTE metros depois a rua calou-se mais fundo na sua garganta e o fragor doutra mais represa salvação um lume que sobre ele se inclinou de súbito e que perguntava do passeio se não queria ir com la e ele que julgava ainda que ali na rua escura só o seu ocaso pontual eria pessoal e único (Porque a pequena prostituta se traía enfim compassiva e humana quando pelo senhor Camilo Castelo Branco confusa me tomou, por que não?, a meio da tarde horoscópica e lábrica e acreditando na reencarnação dos espíritos E despiu-me e lavou-me e o velho tenancier foi mandado trocar o dinheiro fresco em frente) E depois seguiu o seu curso arrastado no rio da chuva passeio abaixo um passeio empapado de jornais velhos e cascas de laranja à deriva até um destino que era uma loja de solas e cabedais da rua dos caldeireiros onde também fica o notário e a central da borracha

Carlos Leite

Este Trópico

PROCURAR a dinâmica da folha fuaz. Depois, não sei, talvez despir suas nervuras pelo corpo das [aragens]. Sobe o cupim, depreda a seiva tropical das héveas. Na boca um segredo acode ao hálito dos musaranhos. Há quem diga chave, se isso importar. Há quem diga medo ou maravilha à porta do frondoso coração

João Candelas

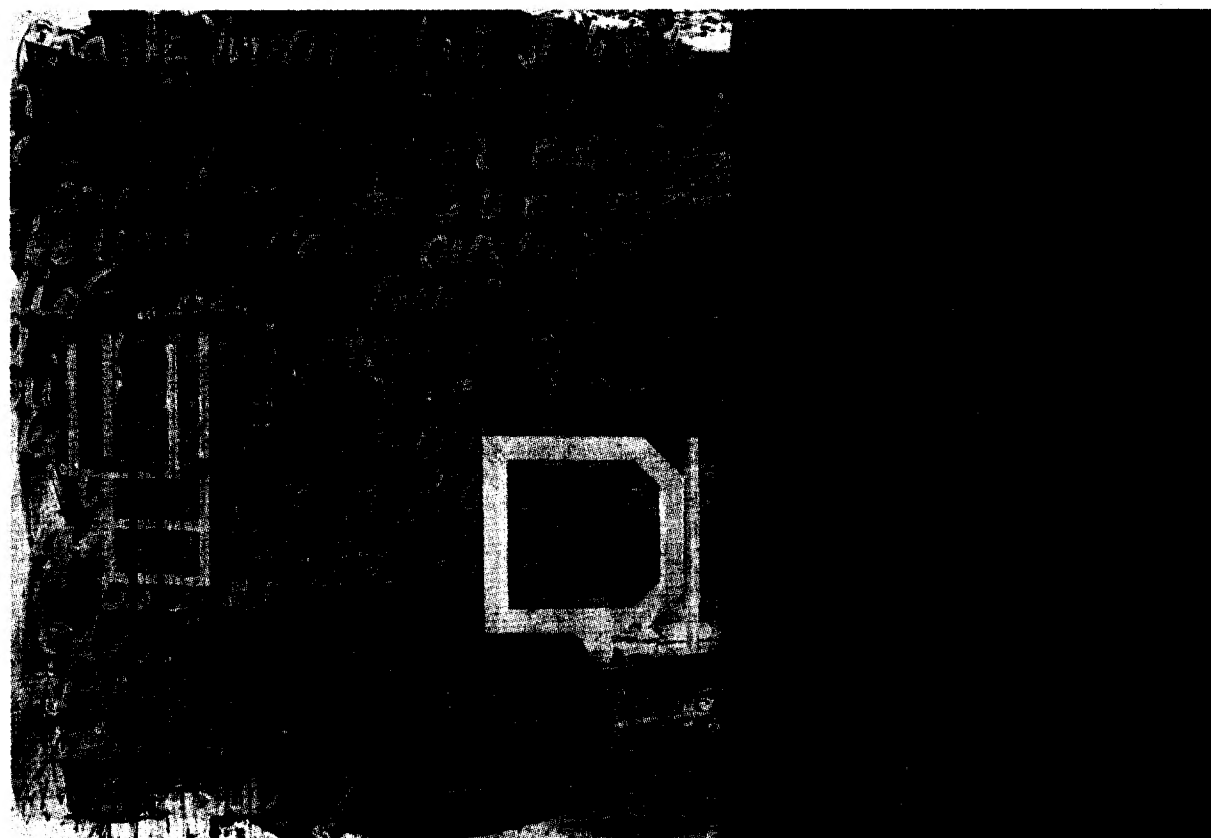
Sobre o hábito centrípeto de caminhar pela rua

NUMA algibeira magra é que eu sufoco a fuga dos átomos da alma. Nesse bolso é que eu concentro - túmulo secreto - membros do meu tempo esfacelados. E o Grande Réptil, o Nada - fóssil seja, ou Deus à espera -, pelo menos hibernando encontra aí o seu ocaso.

Ontem achado, em teu ventre, tenho um recado no bolso - e de mim próprio: bilhete, de identidade. Ancestral fui água ou estrela... Disso não tenho (sinal) burocrático, palpável - talvez o sangue em análise (o revele). E estes versos que aqui faço (8, 10 e 7 incertos meteoritos ao radar - meu dinheiro-d'algibeira poema ao bolso, cá vai!, juro a falar...

Em louvor dos meus dedos: Em louvor do vestuário: Que seria eu sem ambos - este arquivo, este armário, estes ganchos pelo múltiplo do que é longe e do que vai? Campo gravitacional: Aeroporto das naves que mais longe me levaram - depois de Energia-Alheia me ter parido em Terra junto do Luar.

J.O. Travanca-Rego



John Marr

11 p. m. Demasiado cedo para voltar ao quarto do hotel. Não espero luz alguma do exterior. Sobre o sofá verde, a roupa meticulosamente dobrada. Junto à cómoda, duas malas esperam a partida, amanhã, a seguir ao almoço.

A estátua

«Andiam campagne belle»
(Siena, 1315)

A estátua fere mais duramente a ética do dia. Contudo, deitados nas polpas da [morte] [memória] os túmulos ao Sol ainda brilham.

Sento-me na cama e observo a folha de papel — uma forma de «estar em boa companhia».

Boston mudou bastante nas últimas horas — as ruas, os parques, o metro, não são já os mesmos. Excepto Newbury Street ao entardecer

Quando os cantamos, neles melhor se reflecte a luz — e por instantes é o odor das trevas o que nos fascina. Mas logo a seguir, o dia nos campos — ou dos cérebros a bruma...

Como uns galos efervescentes,

— e o olhar de um casal sentado na esplanada do Florian.

Parei, espiei-os, parti. Entrei, então, num bar que te teria agradado. E mergulhei numa ficção confortável, ajudado por um daiquiri.

Mário Avelar

de manhã - eis-nos diante dos [túmulos: face ao repouso dos amantes, cuja imobilidade idealmente nos [fascina.

Théodore Fraenckel

Peepshow

D lava as mãos. Primeiro as palmas, a direita por cima apanhando em concha o fio de água que cai da torneira e que, por causa da inclinação do pulso, se esvai, já desfeito e estralçado, entre os dedos semiabertos (com excepção do polegar que está encolhido e apertado), para cima da mão esquerda também enconchada mas de dedos fechados. Depois as costas, ora uma ora outra, alternando-se rapidamente sob o frio. Pega no sabão côr-de-rosa e rola-o nas palmas várias vezes deixando-o depois cair dentro do lavatório. Esfrega as mãos entrelaçando os dedos e rodeando-os, de seguida, com as palmas, um gesto brusco e sacudido como se, de repente, estivesse farta e com pressa. Segura no sabão com a mão esquerda e coloca-o ao lado da torneira sobre o canelado do mármore. É obrigada a evitar que ele caia por duas vezes e tira-o daí para o mudar para o outro lado, mais seco, do lavatório. Esfrega as mãos sob a água, abrindo mais a torneira com dois dedos, o polegar e o indicador da mão direita. Sacode as mãos para o espelho deixando escorrer muitas gotas de água entre a humidade que a sua respiração provoca. Fecha a torneira como a abriu e passa as palmas das mãos na cara, simétricas no modo como cobrem primeiro a testa, depois os olhos e terminam sobre a cana do nariz afastando com os polegares os cabelos enopados que se lhe espalham sobre os maxilares. Procura com a mão a toalha amarrada em cima do armário à esquerda e abre-a com as pregas a caírem-lhe sobre a blusa que a água cola à pele do peito de que só se vê a sombra dos mamilos. Assenta a toalha na cara, uma vez apenas, e atira-a para a borda da banheira sorrindo porque o tecido numa breve hesitação de peso e balanço, não cai no chão e se aguenta. Senta-se na sanita e coloca os pés dentro do bidé à esquerda. O ângulo descrito pelas pernas desequilibra-a e as nádegas escorregam pra trás encaixando-se na abertura. Assenta as mãos no plástico, ergue-se ligeiramente e acomoda a carne às bordas aceradas. Abre a torneira utilizando todos os dedos da mão direita e um arpejo percorre-lhe os artelhos e as coxas muito finas, fazendo a carne suspensa do perónio ondular como um berço. Chapinha os pés na água, entrecrocando os joelhos em sobressaltos provocados pelas gotas que lhe atingem a pele. Coloca o pé esquerdo de calcanhar assente na borda do bidé, os dedos erguidos em meio leque para cima e o músculo tenso a tremer por debaixo da pele avermelhada pelo frio. Com a mão esquerda envolvida em espuma do sabonete, ensaboa a planta e o peito do pé e depois os intervalos entre os dedos, um de cada vez, com o cutelo da mão ou o anelar, um movimento de vai e vem muito lento. Pousa o pé dentro de água, ergue o outro e repete os mesmos gestos como se não fizesse diferença o tempo passado e o filme se repetisse. Por baixo, a luz só entra por um pequeno espaço triangular que as coxas comprimidas e a borda da sanita deixam à direita. Só uma mancha mais escura que se esvai em luz pela abertura seguindo os sulcos das virilhas e dos lábios internos, sugere a dilatação da carne repuxada aos lados pela posição das nádegas. A coxa esquerda afasta-se de repente. *D* está, agora, encostada à parede de azulejos velhos e brancos, o pé direito no chão, pousado apenas por um centímetro quadrado de calcanhar em volta do qual se forma uma mancha de água que lhe escorre pela planta do pé em quatro fios por um momento ininterruptos. A perna direita está, deste modo, de perfil, alongada como uma serpente, levantada por sobre o bordo da sanita como um caule de carne a nascer de um suj vaso. A esquerda está de frente,



perspectiva que encurta a coxa até um simples palmo de branco e desproporciona o tamanho do joelho e do osso saliente à direita do músculo pendente da barriga da perna. O tronco parece ligeiramente quebrado nas pregas entrecruzadas que a blusa descreve sobre a barriga encolhida para trás. Os cabelos pretos e compridos cobrem-lhe a testa e os olhos evidenciando os málares salientes debaixo dos quais se esconde talvez um sorriso. Uma das mãos, a direita, está assente na coxa do mesmo lado, com excepção dos dedos indicador e anelar que agarram levemente o lábio da vagina à altura do clitóris e o puxam para a direita, descobrindo uma prega semicircular de carne rosada e um pequeno alto esbranquiçado e luzente como uma pérola. A outra mão atravessa-se à frente do tronco para, num gesto que a inclinação torna difícil e artificial, ir recolher na ponta dos dedos algumas gotas mal suspensas de água fria e transparente. Pousa o dedo indicador sobre o osso do púbis, libertando uma gota que desliza num zigzague curto e momentâneo para dentro dos lábios, pela esquerda do clitóris e se perde, abaixo, na sombra do grande lábio direito. *D* olha para cima de olhos fechado e ri-se, tremendo o peito. As gotas que trazia nos outros dedos espalharam-se pela pele fina das coxas e estão perdidas. *D* olha em volta, pega com a mão direita na esponja vermelha que está no tampo do armário, ensopa-a na água da torneira que continua aberta e preme-a ligeiramente sobre o local onde antes tinha pousado o dedo. O fio de

água, deste modo forçado a cair, abre-lhe a vagina como um rio que impaciente cava o seu vale e, imperturbado pela ausência de pelos, fica a escorrer em baixo entre e sobre a curva dos lábios que se encolhem no escuro da sombra da sanita. *D* ri, agora muito, a boca aberta e ombros puxados para trás. Repete o gesto mas carrega de mais na esponja fazendo com que a água lhe passe por cima dos dedos da mão direita, lhe molhe as coxas e salte mesmo para o chão deixando uma paisagem dispersa de manchas nos azulejos cor de cobre. A mão esquerda ergue-se de repente e atira a esponja pela ar, para cá, sem direcção, fazendo-a ressaltar três vezes, irregularmente, no chão. *D* está agora a chorar, com as mãos pousadas lado a lado, cada uma na sua coxa, abertas e moles como pombos mortos. Funga erguendo vagamente a cabeça, apenas duas vezes e bate depois na testa com a palma de ua mão. Ergue os olhos para o espelho onde não pode, pela sua posição abaixo e enviesada, ver qualquer reflexo seu mas apenas a parede do outro lado da banheira. Desvia para aí os olhos e percorre o risco entre azulejos até chegar aos seis traços marcados com um prego precisamente a meio de um azulejo particularmente limpo. Ergue a mão direita e, com o indicador, soletra os traços, um por um, a partir do mais afastado. Percorre-os depois em ligeiros toques como se os contasse. Levanta os cinco dedos no ar e, depois de uma pequena hesitação, assenta-os na cara, à altura dos olhos. Abana a cabeça. Mete o indicador na boca rodeando-o com os

lábios e mordendo-o na segunda articulação; ou chupando-o, porque que o pulso oscila. Olha para baixo espalhando a outra mão entre as coxas e abrindo a vagina. Retira o dedo da boca e, num gesto directo, enfia-o entre as pernas trazendo-o, depois de novo aos lábios. Volta a encostar-se para trás, abre mais as pernas e fecha os olhos.

Heliogábal

Iluminuras

Aforismos (I)

DESDE há algum tempo que as coisas pareciam querer acalmar o seu satânico uivo. Tudo isto a propósito do seu sentido anterior: depois do vento calcinado as ter tocado, as coisas jamais voltariam a ser as mesmas: abrem os olhos (imatuross) e tudo nelas é como uma mão fechada que sobre si própria se descobre como num segredo murmúrio.

* * *

O mais íntimo é o mineral: a matéria inorgânica, muito lúcida, mas ainda esquecida da sua necessidade nos complexos meandros da sua textura. O que ia escrevendo não passava, afinal, da poalha de ouro do que julgava ir ardendo, à superfície. No desnível desses fogos (queimaduras) e na sua sensação — que dificilmente sempre lhe reproduzia —

antevi menos a minha morte que a cinza em que tudo, um dia, se deslindaria.

* * *

A um velho pastor indígena perguntaram os coaquistadores porque continuava ali, no alto da montanha, a cantar e dançar enquanto os seus olhos, lá mais em baixo, no vale, deparavam com o espectáculo de tanta ruína — ao que ele lhes respondeu, sem temor ou hesitação nenhuma: «os deuses já morreram há muito — e os homens que hoje por aqui passam são fracos, doentes, de curta duração e limitado poder...».

* * *

Um saer antigo apenas pode sobreviver pelo que dele vier proferido numa palavra poética: não a profecia, mas a memória do mais certo e fundo. Um certo fôlego — que é o modo aéreo de uma libertação e de um jugo. Um ritmo — a adequação procurada e propícia da palavra ao fôlego — e do segredo ao oculto.

Falei-lhes em como é fácil ser a máscara da esfinge e da inutilidade desse desejo porque, uma vez retirada a máscara, apenas fica exposta a densidade da ausência de qualquer rosto (a sua não-vida).

* * *

Estou vivo, ao que dizem — embora alguns, depois de ler o que escrevo tenham dúvidas.

Théodore Fraenckel

Onde se acumula o pó?

O mais raro de todos os luxos: a privação.

★

O vazio é uma forma de ausência, uma «inconsciência», mas é através dele que se alcança, paradoxalmente, a suprema consciência. Banida a lei mínima do egoísmo, o humanismo, de máximas leis acumulado, deixa de ter sentido. Só então poderei saber onde se encontrava o meu rosto antes de minha mãe e meu pai se haverem conhecido.

★

O todo inesgotável que falta dizer encontra-se no pouco que já foi dito.

★

Não é com estas armas tão rigorosamente tecidas num trabalho secular — as palavras, os nomes que se moldam às coisas —, não é com estas amáveis armadilhas que se desvenda a verdade, sequer os «nove décimos de verdade», segundo Tchuang-tseu, as «palavras reveladoras» contêm. A metáfora, a fala sagrada da esfinge? O que em cada palavra se revela é o que nela foi deposto (o dito, a *Dikê* dos gregos; mas igualmente o todo que lhe é contrário. Talvez apenas o silêncio, não sei, talvez a humildade desse que já não fala se identifique com alguns grãos de verdade, não sei, como poderia saber?, não sei sequer quantas bocas tem um homem, esse frágil animal sem memória que já não sabe fundir-se aos sinais que brotam da terra e descendem do céu, essa coisa de tão pouca importância que é um homem. Pois como poderia o Tao, o verdadeiro Tao, ser proferido pela falsa boca?

★

Dentro não há nada, isto é, não há dentro. Apenas teias de aranha. Uns tecem-nas, outros roem-nas.

Casimiro de Brito

Acabados de Chegar



■ **Quando os Computadores Conquistaram o Mundo**, A. E. Van Vogt. E. Livros do Brasil. Col. Argonauta

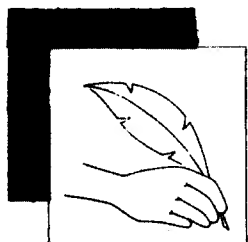
Um tema que já fez carreira na ficção científica abordado por um dos mais conhecidos autores do género que, em 1983, rompeu com este livro o «silêncio» a que se tinha remetido.

■ **A Maldição de Shakespeare**, Michael Innes, Ed. Livros do Brasil. Col. Vampiro

Lewis Packford sabia «Shakespeare de cor e possuía o dom de o citar virtualmente a esmo». A sua morte em «circunstâncias inquietantes», não deixou de chamar a atenção de «sir» John Apleby...

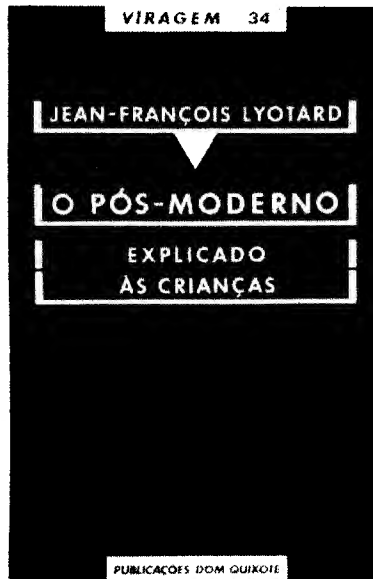
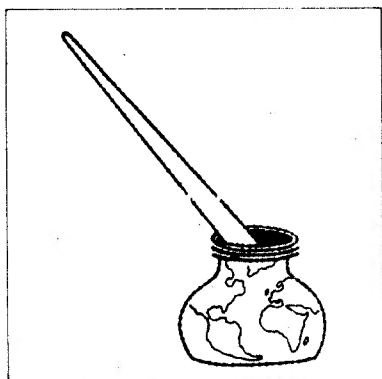
■ **O Sinal do Morto**, John Dickson Carr, Ed. Livros do Brasil. Col. Vampiro.

Reedição do livro de Dickson Carr que poderia ter como pós-título uma frase do género: por detrás de uma mulher está...



■ **Se o Amanhã Chegasse**, Sidney Sheldon, Ed. Livros do Brasil. Col. Vida e Aventura

Autor de «O Jogo da Vida», Sheldon narra neste seu novo livro a história de Tracy Whitney, acusada de um crime que não cometeu, condenada a 15 anos de prisão, e que acaba por se evadir para dar «caça» aos



autores do crime que lhe fora imputado.

■ **As Cabeças Trocadas**, Thomas Mann, Ed. Livros do Brasil. Col. Dois Mundos.

Thomas Mann adaptou uma velha lenda hindu onde se materializam os velhos antagonismos da Humanidade. O resultado foi «As Cabeças Trocadas», um drama para qual não há qualquer soução, e que foi considerado por Jorge de Sena como «uma jóia de arte de inexcédível beleza».

■ **O Pós-Moderno Explicado às Crianças**, Jean-François Lyotard, Publicações Dom Quixote, Col. Viragem

O pós-modernismo é uma das siglas actualmente em voga. Jean-François Lyotard considerou que os textos, agora publicados pela Dom Quixote, não podiam elevar a «qualidade de uma controvérsia já bastante confusa». Porquê? Pela sua «ingenuidade, clareza enganadora, pedagógica». No entanto, a editora francesa Galilée acabaria por conseguir o aval do autor argumentando que aquilo que Lyotard dizia ser uma «intuição nebulosa» sobre o pós-modernismo deveria ser conhecido: «não é mau que o sentimento mesmo vago (porque apenas tem que fornecer como prova signos da história, o pressentimento de que algo muda na



nossa mentalidade, se produza sem artifícios e segundo a sua indeterminação».

■ **Uma Prenda Pintada de Azul**, Fernando Bento Gomes, ilustrações de Ivone Ralha, Ed. Caminho

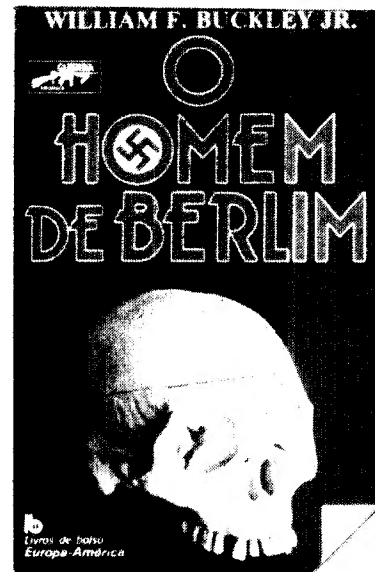
Autor de vários outros livros



infantis, Bento Gomes estreia com esta história a colecção «A Nossa Rua» que é assim apresentada pela Caminho: «Diz quem sabe e muito viu que, à primeira vista, todas as ruas são parecidas (...) Mas numa coisa, A Nossa Rua é diferente das outras, e, por isso mesmo, especial. A Nossa Rua é uma porta fechada a todos os amigos que lá queiram entrar.»

■ **Coisas de África, Arqueive-se**, Abílio Teixeira Mendes, Ed. Ulmeiro

Diz o autor que «a pior forma de se liquidar um povo é escamotear-lhe as memórias». Por assim acreditar escreveu «Henda'Xala» e agora este «Coisas de África, Arqueive-se», histórias de África, de «soldados e civis, negros e



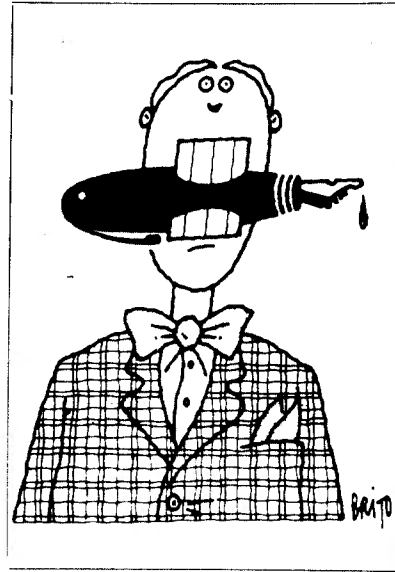
brancos, sobas e cipaio, cidade e sanzala»...

■ **Trajectos**, Domingos Lopes, Livros Horizonte, Col. Encontro

Membro do Comité Central do PCP, Domingos Lopes estreia-se agora na ficção com uma «visita» ao período imediatamente anterior e posterior ao 25 de Abril.

■ **A Oração da Coroa**, Demóstenes, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Col. Estudos Gerais Série Universitária

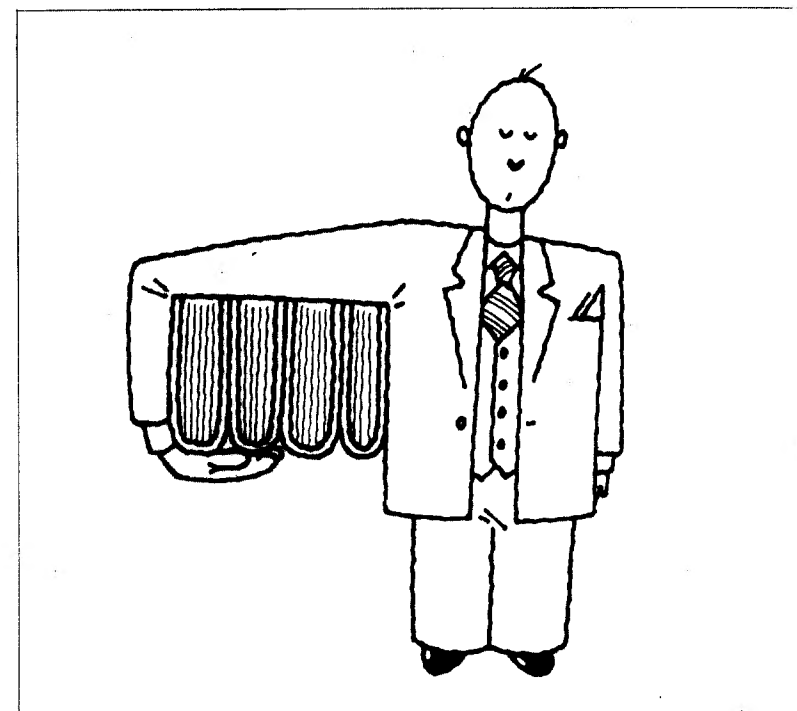
Versão precedida por um estudo sobre a civilização da



Grécia da autoria de Latino Coelho e de um prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira.

■ **O Mistério do Falcão Azul**, Carlos Correia, Maria Alberta Meneses e Natércia Rocha, ilustrações de Rui M. Filipe, Ed. Caminho, Col. 1001 Detectives

Uma nova colecção da Caminho onde os leitores são convidados a darem as suas próprias soluções, participando assim na investigação traçada no livro.



O eu nos outros

O sol entrava pelas portadas entreabertas da janela e alongava-se num estreito rectângulo no extremo da cama. Um rectângulo que não tardaria muito a escorregar para o soalho... Era uma manhã de grande silêncio, dir-se-ia que todo o mundo estava adormecido, não se ouvia um passo no exterior da casa. Há quanto tempo não circulava um automóvel, não tilintava uma bicicleta! Seria do calor que se fazia já sentir...? Pelo interior da casa era o mesmo movimento nenhum: ainda ninguém pelo corredor, a sala grande sem música, nem um mexer de colheres pela cozinha. Luminoso, num grito claro, só o rectângulo de sol a descair lentamente da cama para o

soalho. Luísa estirou-se sob os lençóis, prolongou-se na sonolência, o pensamento agora muito longe de tudo. E se adormecesse de novo, se de novo mergulhasse no sonho que a habitara durante toda a noite...? Mas não: sentia uma fome leve, apetecia-lhe café com leite, uma simples torrada com manteiga. Que horas? O rectângulo de sol sumira-se já de sobre a cama, andaria agora pelas tábuas do soalho, ou... Luísa levantou-se, quase que saltou para o chão, os pés descalços dando a volta à cama. Oh, lá estava ele! Mas que belo rectângulo! Meteu-se no sol assim tão rasteiro, toda de pé, os braços erguidos as mãos levantando os cabelos...

Súbito, um toque na porta do quarto. E uma voz:

— Então não vem tomar o pequeno almoço...?

— Oh, sim! Vou já!

Quando sentiu o gosto do café com leite, e o quebrar da torrada com manteiga, ainda Luísa se pensava no rectângulo de sol. Sorriu-se: ele fora o primeiro a abandonar a cama, depositara-se no soalho como um tapete, calçara os seus pés descalços e... e... e...

— Que bem — gritou — se está aqui!

Pedro Alvim

A hóspede